



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO DELTA DO PARNAÍBA

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA - UFDPa**

**CAMPUS MINISTRO REIS VELLOSO - CMRV**

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPsi**

Av. São Sebastião, 2819, Bairro Nossa Senhora de Fátima, Parnaíba, Piauí, Brasil;

CEP: 64202-020; Telefone: +55 86 3323-5125; Website: [www.ufpi.br/ufdpar](http://www.ufpi.br/ufdpar)

**GEICE MARIA PEREIRA DOS SANTOS**

**Vivências de Pessoas Negras na Periferia da cidade de Parnaíba - PI:**

**Marcadores das Africanidades na Encruzilhada do Enraizamento**

**Parnaíba-PI**

**2023**

**GEICE MARIA PEREIRA DOS SANTOS**

**Vivências de Pessoas Negras na Periferia da cidade de Parnaíba - PI:  
Marcadores das Africanidades na Encruzilhada do Enraizamento**

Dissertação apresentada do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora:

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carla Fernanda de Lima (Manakuanda)

**Parnaíba-PI**

**2023**

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Delta do Parnaíba

S237v Santos, Geice Maria Pereira dos  
Vivências de pessoas negras na periferia da cidade de Parnaíba - PI: marcadores das africanidades na encruzilhada do enraizamento [recurso eletrônico] / Geice Maria Pereira dos Santos. – 2023.

1 Arquivo em PDF.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Delta do Parnaíba, 2023.

Orientação: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carla Fernanda de Lima (Manakuanda).

1. Marcadores das Africanidades. 2. Vivências. 3. Ancestralidade. 4. Encruzilhada de Enraizamento. I. Título.

CDD: 305.8

**GEICE MARIA PEREIRA DOS SANTOS**

**Vivências de Pessoas Negras na Periferia da cidade de Parnaíba - PI:  
Marcadores das Africanidades nas Encruzilhada do Enraizamento**

Dissertação apresentada do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora:

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carla Fernanda de Lima (Manakuanda)

**Aprovada em:** 31/07/2023

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>ª</sup> Dra. Carla Fernanda de Lima/Manakuanda (Presidenta/Orientadora)  
Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr

Documento assinado digitalmente  
 **ANTONIO VLADIMIR FELIX DA SILVA**  
Data: 13/09/2023 11:58:59-0300  
Verifique em <https://validar.itu.gov.br>

Prof<sup>º</sup> Dr<sup>º</sup> Antonio Vladimir Felix Da Silva - (Convidado Interno)  
Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr

Prof<sup>ª</sup> Dra. Sandra Haydée Petit – (Convidada Externa)  
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof<sup>ª</sup> Dra. Adilbênia Freire Machado – (Convidada Externa)  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - (UFRRJ)

## VOZES MULHERES

*A voz de minha bisavó ecoou  
criança nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida.*

*A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.*

*A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela*

*A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e fome.*

*A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.*

*O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância,  
o eco da vida-liberdade.*

**Conceição Evaristo – Cadernos Negros**

## AGRADECIMENTOS

Seguir no mestrado sempre foi um sonho, mas por um tempo cheguei a desacreditar profundamente que não seria possível, me sentia incapaz de realizar maiores voos e foquei somente em tentar sobreviver nesse mundo que insistia em dizer que eu não tinha cara de psicóloga, por ser mulher negra e periférica e que transitava num curso dito de elite.

Mas, foi em meio aos meus iguais nos quilombos de estudos que encontrei força e o gás que tanto precisava para seguir em minha caminhada, agradeço especialmente a minha orientadora a Manakuanda (Carla Fernanda de Lima) que foi mãe, amiga e professora e que me ensinou com muita paciência, apoio e profissionalismo que somos sóis vivos me fazendo entender o que é ser o sonho das minhas ancestrais, e que aquelas mulheres negras que vieram antes lutaram com as armas que tinham para que de alguma forma eu chegasse onde estou, agradeço a todas elas, minha ancestralidade.

Agradeço aos meus pais (Conceição e Washington) que me ensinaram a conquistar o mundo por meio do estudo e honestidade e não a desistir em meio as dificuldades. Agradeço as minhas irmãs (Jaqueline e Geisa) e irmão (Jaime) por sempre estarem comigo e me apoiando em minhas decisões.

Ao NEGRACT esse grupo de estudo e pesquisa que se transformou num quilombo e que se configurou também num espaço de luta, refúgio e de promoção de bem-estar físico, social e mental. E a todas, todes e todos amigas/os que tive a oportunidade de conhecer, e compartilhar momentos especiais de minha vida, meus sinceros agradecimentos.

Agradeço em especial a todas as pessoas participantes do estudo e a toda equipe do CRAS Mendonça Clark, pois me deram todo suporte e orientação para com a comunidade.

A meu esposo José Leandro, meu companheiro e amigo de todas as horas, pelo seu amor, paciência e estar sempre comigo nas jornadas de vida e acadêmica.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1:</b> Antiga casa da Mã Raimunda.....	22
<b>FIGURA 2:</b> Foto com minhas mais velhas .....	23
<b>FIGURA 3:</b> Carta de Esperança Garcia .....	43
<b><i>Estudo 1</i></b>	
<i>Figura 1: Entrevista com uma das participantes da pesquisa .....</i>	69
<i>Figura 2: Comunidade aguardando receber a doação dos peixes.. .....</i>	79
<i>Figura 3: Distribuição dos peixes entre os pescadores. ....</i>	79
<i>Figura 4: Cosmograma da Encruzilhada do Enraizamento.....</i>	82
<b><i>Estudo 2</i></b>	
<i>Figura 1: Roda de Conversa – Grupo Idoso Feliz.....</i>	94
<i>Figura 2: Aula de dança – Grupo Idoso Feliz .....</i>	94

## **LISTA DE TABELAS**

**Tabela 01** – Lista dos Marcadores das Africanidades (Sandra Petit)

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**FNPETI** - Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**INEP** - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

**IPHAN** - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

**LDB** - Lei de diretrizes e Bases da Educação

**NEGRACT** - Núcleo de Estudos em Gênero, Raça, Classe e Trabalho

**OAB** - Ordem dos advogados do BRASIL

**OIT** – Organização Internacional do Trabalho

**PNAD** - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

**PI** - Piauí

**TCC** - Trabalho de Conclusão de curso

**TCLE** - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**UFC** - Universidade Federal do Ceará

**UFDPAr** - Universidade Federal do Delta do Parnaíba

**UFPI** - Universidade Federal do Piauí

**UFRRJ** - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

## Resumo

**Introdução:** Essa pesquisa surgiu a partir da aproximação teórica com os marcadores das africanidades que despertaram em mim a necessidade de identificá-los a partir de vozes e memórias de pessoas negras nos espaços periféricos da cidade de Parnaíba no Piauí. Essa travessia acabou por despertar um movimento de busca por memórias adormecidas, esquecidas ou apagadas em minha própria história de vida, pois muitas vivências levantadas naquele espaço periférico acabavam por se fazerem vivas em mim. Nesse resgate percebi que aquelas pessoas com as quais me encontrava compartilhavam saberes e vivenciavam vários marcadores das africanidades em seus cotidianos, e isso promoveu em mim uma conexão com minha ancestralidade, com os marcadores em minha história de vida e uma sensação maior de pertencimento africano em mim.

**Objetivos:** Essa dissertação visou, portanto, compreender interlocuções entre vivências marcadoras das africanidades de pessoas negras de um bairro periférico da cidade de Parnaíba e da minha experiência de vida com minhas mais velhas. Para isso, busquei conhecer histórias de vida de pessoas negras do bairro estudado, levantei memórias coletivas e ancestrais, saberes, fazeres e dizeres compartilhados pelas pessoas negras estudadas e pela minha família, e busquei apreender o diálogo entre Marcadores das Africanidades do povo negro no bairro periférico estudado e da minha família. A pesquisa teve a perspectiva afrorreferenciada como método de análise e entrevistas, histórias de vida e a escrevivência como **ferramentas metodológicas**. Para a identificação das pessoas participantes desse estudo, iniciamos a travessia partir de um grupo de pessoas idosas que frequentavam o Centro de Referência do bairro, depois fomos nos guiando pela orientação das participantes do grupo acerca de pessoas negras com longa vivência no centro da cidade de Parnaíba, assim chegamos às pessoas protagonistas dessa pesquisa. **Resultados:** O caminhar pela comunidade permitiu a realização de três estudos, o primeiro foi à apresentação da proposta metodológica afrorreferenciada de análise a Encruzilhada da Enraizamento, o segundo estudo foi a criação de três escrevivências, e a percepção dos Marcadores das Africanidades na vida das pessoas participantes e analisadas por meio da encruzilhada do enraizamento e por último o estudo permitiu trabalharmos a protagonização dos participantes e identificamos por meio dos caminhos dos Odus as marcas das africanidades na vida destes. **Discussão:** As vivências negras num território periférico contém marcas que nos conectam com a nossa linhagem, as práticas de saúde, artísticas, práticas espirituais e religiosas e outros presentes no seio familiar e coletivo (Petit, 2016). Essas marcas permitem uma coletivização de vivências, sejam elas experiências de dor, ou de potência e um enraizamento que nos traz um ponto de partida em comum, a África. Partindo disso, essa pesquisa possibilitou germinar um método de análise afrorreferenciado que chamamos de Encruzilhada do Enraizamento, que se faz como também uma estratégia ancestral de resistência, visto que promove o fortalecimento de subjetividades periféricas negras. Consideramos que este estudo abre possibilidades para maiores aprofundamentos, a fim de sular nossas narrativas, saberes e viveres, uma vez que a realização de estudos afrorreferenciados em territórios periféricos ainda são extremamente necessários, pois estudos que adentraram estes territórios ainda carregam as marcas e considerações do colonizador, branco e ocidental.

**Palavras-chave:** Marcadores das Africanidades. Vivências. Ancestralidade. Encruzilhada de Enraizamento.

## Abstract

**Introduction:** This research arose from the theoretical approach to the markers of Africanities that awakened in me the need to identify them based on the voices and memories of black people in the peripheral spaces of the city of Parnaíba in Piauí. This crossing ended up awakening a movement of searching for dormant, forgotten or erased memories in my own life story, as many experiences raised in that peripheral space ended up coming alive in me. In this rescue I realized that those people I met shared knowledge and experienced various markers of Africanities in their daily lives, and this promoted in me a connection with my ancestry, with the markers in my life story and a greater sense of African belonging in me. **Objectives:** This dissertation aimed, therefore, to understand dialogues between experiences that mark the Africanities of black people from a peripheral neighborhood in the city of Parnaíba and my life experience with my elders. To do this, I sought to learn about the life stories of black people in the neighborhood studied, I raised collective and ancestral memories, knowledge, actions and sayings shared by the black people studied and my family, and I sought to understand the dialogue between Markers of Africanities of black people in the neighborhood peripheral studied and my family. The research had an Afro-referenced perspective as a method of analysis and interviews, life stories and writing as **methodological tools**. To identify the people participating in this study, we began the journey with a group of elderly people who attended the neighborhood Reference Center, then we were guided by the guidance of the group's participants regarding black people who had long lived in the center of the city of Parnaíba, this is how we reach the people who are the protagonists of this research. **Results:** Walking through the community allowed the carrying out of three studies, the first was the presentation of the Afro-referenced methodological proposal for analyzing the Encruzilhada da Raizamento, the second study was the creation of three writings, and the perception of the Markers of Africanities in people's lives participants and analyzed through the crossroads of rooting and finally the study allowed us to work on the protagonism of the participants and identify, through the paths of the Odus, the marks of Africanities in their lives. **Discussion:** Black experiences in a peripheral territory contain marks that connect us with our lineage, health, artistic, spiritual and religious practices and others present within the family and collective (Petit, 2016). These brands allow for a collectivization of experiences, whether they are experiences of pain or power, and a rooting that brings us a common starting point, Africa. Based on this, this research made it possible to germinate an Afro-referenced method of analysis that we call the Crossroads of Rooting, which is also an ancestral strategy of resistance, as it promotes the strengthening of black peripheralized subjectivities. We consider that this study opens up possibilities for greater depth, in order to guide our narratives, knowledge and lives, since carrying out Afro-referenced studies in peripheral territories are still extremely necessary, as studies that entered these territories still carry the marks and considerations of the colonizer, white and western.

**Keywords:** Markers of Africanities. Experiences. ancestry.

## SUMÁRIO

Lista de Figuras	
Lista de Tabelas	
Lista de Abreviaturas	
Resumo	
Abstract	
Iniciação.....	15
De que lugar falamos? .....	15
Povoada: Participação da ancestralidade na Produção Desse Saber .....	21
A Pesquisa .....	26
Encantamento nas Encruzilhadas e Ruelas .....	34
Capítulo 1 - Percurso do Negro na Cidade de Parnaíba.....	36
Esperança Garcia - Entre Denúncia e Resistência Negra piauiense.....	41
Capítulo 2 – Os Marcadores das Africanidades.....	46
Capítulo 3 - Escrivência, Vozes da Periferia.....	50
Registro de possibilidades negras.....	50
Referências forjadas nas oralidades.....	54
Referências bibliográficas gerais.....	54
Estudo 1: Encruzilhada do Enraizamento como Proposta Metodológica Afroreferenciada.....	61
Estudo 2: Memórias da Comunidade Negra - Os Marcadores das Africanidades na Encruzilhada do Enraizamento.....	88

Estudo 3: Protagonismo Negro num Território Periférico - Corpos que Resistem e (Re)Existem nas Margens .....	134
Considerações nutridas pelos caminhos.....	164
Cronograma.....	167

## Iniciação

### De que Lugar Falamos?

*Tenho sangrado demais*

*Tenho chorado pra cachorro*

*Ano passado eu morri*

*Mas esse ano eu não morro*

*Ano passado eu morri*

*Mas esse ano eu não morro*

*Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes*

*Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes*

*Que nem devia tá aqui*

*Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes*

*Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?*

*Alvos passeando por aí*

*Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes*

*Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência*

Trecho da Música: AmarElo (Emicida)<sup>1</sup>

Uma conversa, expressão das oralidades que entrega angústias e críticas numa sociedade que busca anular quem somos, o vídeo clip do rap negro e brasileiro Emicida, carrega em seus versos um grito entalado na garganta de uma sociedade adoecedora, mas ao mesmo tempo consegue trazer fortalecimento e (Re)Existência frente as demandas da vida. O falar não somente

---

<sup>1</sup> AmarElo: Videoclipe do rep Emicida em parceria com as cantoras Majur e Pablo Vittar, lançado em 30 de julho de 2019. <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>

de nossas dores, mas também de quem somos, como somos e de nossos sonhos, são partes importantes na vida de nós, pessoas negras.

Nossa escrita não parte do nada, muito pelo contrário, parte de uma sede secular que se remonta de momentos nossos e de nossos iguais, do segurar de mãos, de olhares compreensivos, do *olhar do entre-meios*<sup>2</sup> e de curiosidades do mundo, reconhecimento de nós e de outras. Nessa busca por autocompreensão e compreensão de nossos iguais, traçamos meios de chegar no espaço onde nos encontramos hoje. Usamos nessa escrita, em alguns momentos, a primeira pessoa do plural por ser uma construção coletiva feita a muitas mãos, em outros, a primeira pessoa do singular, para especificar singularidades diante dessa produção coletiva. A coletividade, o comunitarismo e a ancestralidade não nos permitem ser indivíduos e falar apenas por si. Portanto, em alguns momentos refiro-me às experiências que vivenciei, então usarei a primeira pessoa do singular, para situar o leitor desse conto.

No espaço acadêmico, durante minha segunda graduação, passei a fazer parte do Núcleo de Estudos em Gênero, Raça, Classe e Trabalho (NEGRACT<sup>3</sup>), que tratava de questões que me eram afins, assuntos como saúde mental da população negra, o percurso do negro no Brasil e no mundo, o impacto do racismo na subjetividade do povo negro, racismo estrutural<sup>4</sup>; busquei ler livros, artigos, participar de rodas de conversas, cursos, assistir lives e vídeos no YouTube na busca de ouvir intelectuais negras e negros e compreender todos esses aspectos. Busquei literalmente referências da Psicologia e de outros campos do saber que fossem produzidos por

---

<sup>2</sup> Olhar do *Entre-Meios* – Tipo de olhar que contemplará os percursos metodológicos deste estudo. Pensado por Eduardo Oliveira (2007), é um olhar híbrido que combina a dinâmica tanto do olhar distanciado como do aproximado. O olhar do *Entre-Meios* vai de um ao outro, tenta olhar de longe para contemplar e entender o conjunto e de perto para ver os fragmentos, reconhece, portanto, que o olhar cria o contexto na mesma medida em que o contexto cria o olhar.

<sup>3</sup> Núcleo de estudos vinculado a Universidade Federal do Delta do Parnaíba – CMRV (Campus Ministro Reis Velloso).

<sup>4</sup> Em *Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidianos* a autora Grada Kilomba (2020) apresenta o racismo estrutural como uma expressão do racismo no qual mantem as pessoas negras longe dos espaços sociais e políticos, em favor da manutenção do privilégio das pessoas brancas.

peças autodeclaradas negras. Ressalto que essa construção não foi fácil e nem há de ser, pois além de sermos negras (ori-entada e ori-entadora), de estudar a pessoa negra, um corpo que o sistema quer extinto dos espaços sociais e acadêmicos, temos uma voz que é historicamente silenciada, pois o epistemicídio<sup>5</sup> não nos autoriza a falar, não nos permite ter voz, não nos autoriza a construir ciência como os nossos. Ciências ancestrais com perspectivas de *Começo - Meio - Começo*, (Nego Bispo, 2020), isto é, tecnologias que não ficaram no passado, mas que tem sua aplicabilidade nas experiências, vivências, escrevivências e re-existências do povo negro e necessitam de maior reconhecimento e validação onde fincamos nossas raízes. Sempre nos cobrarão uma escrita eurocentrada, branca e colonizada, pois parece ser demais já terem “nos permitido” adentrar a academia. Os escritos por muito tempo colocaram o corpo preto como um corpo objeto do pesquisador branco e caracterizado a partir do outro, limitado em suas contribuições e protagonismo. Então, já que adentramos, e estão “nos dando voz”, esperam de nós que seja uma voz branca. Mas ressaltamos: Não será!

Diante da problemática estrutural e institucional que as pessoas negras enfrentam para sobreviver desde que foram raptadas do continente Africano, outros desafios de ordem social, econômica, de saúde pública, saneamento básico, educacional, moradia, violência, dificuldades de acesso ao trabalho e divergências epistemológicas são necessárias serem repensados e garantidos para a população negra. Nesse sentido, usaremos nosso lugar de pesquisadoras para permitir que a voz de pessoas negras ecoe, e nos permitiremos usar nossa forma de conhecimento, nossa matriz africana de produção de ciência. Isso é, sem dúvidas, um passo importante a ser realizado de luta, sobrevivência, resistência e valorização de um povo.

---

<sup>5</sup> Epistemicídio: palavra formada pela combinação dos termos "Epistêmico" que está relacionado ao conhecimento e à epistemologia, que é a filosofia do conhecimento. Em suma, se refere à destruição deliberada dos conhecimentos de grupos étnicos, suas cultura e social.

Instigada em pensar minhas caminhadas, eu Geice, me lancei à caminhar sobre algumas vivências do Ensino Fundamental Menor, numa escola pública no interior do Maranhão, conhecida como Unidade Escolar Duque de Caxias, que só depois do processo de tornar-me negra e reconhecer minha identidade racial, percebi que tal espaço tinha um nome que homenageava um reconhecido militar escravocrata e, assim, passei a entender que não poderia esperar mais de uma escola que dá lugar de reconhecimento para um protagonista do genocídio do meu povo. Minha inquietação de hoje é saber o quanto aquelas poucas imagens de meus iguais, que eram apresentados apenas presos, machucados, quase que despidos em condições desumanas e como naturalmente "escravos" e não pessoas que foram escravizadas afetou minha subjetividade. Eu tinha medo e angústia de folhear aquelas páginas e olhar meus iguais naquelas condições desumanas. Molefi Kete Asante (2014) traz sobre a importância do lugar que nos colocamos para analisar os fenômenos: a escravidão sempre foi ensinada a partir do olhar de quem estava com o chicote na mão, nunca nos deram acesso ao olhar de quem estava chegando acorrentado, ou de quem estava vendo o tumbeiro chegar. Aquele *Ensino Bancário*<sup>6</sup> apresentou apenas uma parte da história, contada a partir do olhar do branco colonizador. Nossa história foi reduzida à história da escravização, não nos foi apresentado sobre a diversidade cultural, a complexidade do continente africano, as diversas etnias, como viviam em África antes do seu sequestro e muito menos sobre quais reparações os povos negros receberam após sua liberdade e suas inúmeras contribuições em todos os âmbitos (ciência, tecnologia, saúde, sociedade, economia...). O livro didático escrito pelo branco colonizador se limitava à apresentação do corpo negro, retratando somente o sofrimento e servidão durante a escravização.

---

<sup>6</sup> Concepção de ensino definida por Paulo Freire que traça a metáfora do aluno como um banco/receptáculo e o professor o depositário do ensino, sendo esse fechado as realidades sociais no qual seu aluno faz parte. Freire, P (2005). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

Rememorar os passos dados até aqui, me trazem lembranças enquanto criança negra, no segundo Estado mais negro do país, com 9,6% de pessoas autodeclaradas negras e 66,9% autodeclaradas pardas, ficando atrás somente do Estado da Bahia, com 17,0 % da população negra e 59,5% de pardos (IBGE, 2010), comemorando o dia 13 de maio de 1888, na Unidade Escolar Chapeuzinho Vermelho, onde realizei meu jardim de infância, pintando com lápis de cor a Princesa Isabel, princesa branca, dita a protagonista da abolição da escravidão. Me via representada apenas por um lugar de sofrimento, inferioridade, submissão e por outro lado vendo a exaltação de corpos brancos, tidos como belos, heróis, defensores da pátria e protagonistas de suas histórias, lutas e glórias, enquanto corpos negros, como o meu, eram apenas subalternos, inferiores, sexualizados e silenciados.

Muitos estudos de referências negras nos trouxeram até esse lugar de reflexão e de tomada de consciência. Makota Valdina<sup>7</sup> (2019) nos permite entender que não somos descendentes de escravos e sim, de seres humanos que foram escravizados, pois, por muitos anos o ocidente deturpou nossas verdadeiras histórias, nossas formas de existir, silenciou e violentou o corpo negro, gerou profundas feridas em seus modos de ser e promoveu uma tentativa de apagar nossas formas de nos amar, conhecer e dominar nossas tecnologias e saberes.

Transgredir as estruturas racistas, coloniais e ocidentais presentes nas sociedades e na academia com seu viés positivistas e cartesianos se faz necessário. É importante reconhecer a relevância dos conhecimentos ancestrais, dos saberes das pessoas mais velhas e negras, frente aos nossos modos de produzir ciência, da forma de repassar conhecimentos, da importância das oralidades, escrevivências termo criado por Conceição Evaristo que corresponde a escrita de nós para representar a ação de escrita de mulheres negras e pobres com a perspectiva de desfazer

---

<sup>7</sup> Entrevista com Makota Valdina. <https://www.youtube.com/watch?v=6w02NNt1dmw>

uma imagem do passado no qual seus corpos e vozes estavam sobre um controle colonial. Herdamos de nossas ancestrais essa forma de produção de conhecimento, no qual não se estabelece distância do seu objeto de estudo. Inspiradas nas vivências em comunidade e com a ancestralidade é que nosso povo repassa o saber, através da oralidade. Nosso povo compreende a interferência da ancestralidade em todos os âmbitos da vida. Temos reconhecidas ciências e tecnologias de saberes datadas desde antes da Era Comum (a.E.C<sup>8</sup>) em *Kemet*<sup>9</sup> (atualmente chamado de Egito). A memória ancestral negra, apesar de todas as tentativas de silenciamento e impeditivos de ascensão, nos trouxe até aqui, e a sua potência não deve ser negada e nem neutralizada, e deve, sim, ser considerada na produção do saber, especialmente quando se trata de espaços que vivenciam o epistemicídio e a glorificação de um passado colonial. Em Grada Kilomba (2020) manifestamos que não somos objeto e sim sujeito, portanto, descreveremos nossa própria história e ao nosso modo. E em bell hooks (1989) entendemos que as pessoas são aquelas que têm o direito de definir sua realidade, estabelecer sua identidade e nomear suas vivências. Em Fanon, necessitamos superar o colonialismo epistemológico e transformar a pessoa negra em um ser de ação, porque agora as verdades “podem ser ditas sem excitação. Essas verdades não precisam ser jogadas na cara dos homens. Elas não pretendem entusiasmar. Nós desconfiamos do entusiasmo” (Fanon, 2008, p. 13).

---

<sup>8</sup> Antes da Era Comum – a.E.C – De acordo com a filósofa Katiúscia Ribeiro (2017) é a primazia embrionária de datação do mundo, considerando os povos mais antigos e que antecede as datações ocidentais.

<sup>9</sup> De acordo com Cheikh Anta Diop (2010) o termo Kemet, *kmt* ou mesmo *Kemit*, tem por definição povo preto (em traduções corresponde coletivo para povo preto, solo preto =kmt = preto) e corresponde ao nome original do Antigo Egito Antigo. [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/cheikh\\_anta\\_diop\\_-\\_origem\\_dos\\_antigos\\_egipcios.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/cheikh_anta_diop_-_origem_dos_antigos_egipcios.pdf)

### **Povoada: Participação da Ancestralidade na Produção Desse Saber**

*Quem falou que eu ando só?*

*Nessa terra, nesse chão de meu Deus*

*Sou uma, mas não sou só*

*Povoada*

*Quem falou que eu ando só?*

*Tenho em mim mais de muitos*

*Sou uma mas não sou só*

*Povoada*<sup>10</sup>

(Trecho da Música: *Sued Nunes*)

Esse é um espaço para reconhecer a participação de quem nos trouxe até aqui e que tem colaborado com nosso processo de escrita e pesquisa. Escrever não tem sido algo fácil, afinal, a tradição do nosso povo é oral, entretanto usaremos esse espaço para o registro da participação da nossa ancestralidade na construção desse conhecimento.

Eu, Geice, esses dias, ainda durante a fase de construção do projeto para qualificação, minha mãe, Conceição (Ceixa), me perguntou se eu lembrava que era dia de São Miguel Arcanjo e perguntou se eu lembrava quem era a aniversariante do dia. Lembrei que era aniversário da minha bisavó Maria Raimunda (Mã Raimunda). Mã Raimunda, como era chamada pela maioria de suas filhas(os), netas(os) e bisnetas(os), era uma mulher negra, longilínea, mãe de 07 filhos, periférica e que morava em uma casa de pau a pique, num bairro ao lado do centro da cidade de Teresina (Capital do Piauí) e próximo à beira do Rio Parnaíba, precisamente no Bairro Matinha - Zona Norte de Teresina. Ela ajudou a criar seus filhos, netos e bisnetos. Mã Raimunda era avó de

---

<sup>10</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=dIFzUVxAb8c&t=8s>

meu pai (Washington), mãe de Benedita Silvestre (mãe do meu pai) e de Mã Dete (Vó Odete), todas grandes mães. Minha benção a todas essas mulheres que me trouxeram até aqui.

Vasculhando o *Google Maps* (2021), encontrei o registro da casa de Mã Raimunda, bem como carrego em minhas lembranças (ver Figura 1): uma casa simples e com seu muro sem reboco. Todo final de tarde tio Alfredo sentava na calçada, tomava seu café e fumava seu cigarro, preparado manualmente com o papel branco que envolvia os pacotes de massa de milho que toda família juntava e levava pra ele e para os que fumavam na casa. A casa era convidativa, sempre tinha conversas das mais variadas e notícias dos que passavam por lá. A casa tinha cheiro de café, que era servido com pão seco. Com o passar do tempo seus terrenos laterais foram sendo vendidos e pouco a pouco sobrando só as memórias e experiências vividas por trás desse muro.



*Figura 1.* Antiga casa de Mã Raimunda. Fonte: Google Maps (2021)

A casa de Mã Raimunda vivia cheia e ela acolhia todos que chegavam. Todo ano no seu aniversário, Mã Raimunda convidava a família para o terço de São Miguel Arcanjo (Xangô nas religiões de matrizes africanas), e ao final havia o tradicional chocolate quente, uma receita de família. No dia que minha mãe me lembrou que era dia do aniversário da minha ancestral Mã

Raimunda, resolvi alimentar boas memórias pegando uma foto, que foi tirada em outubro de 1989 (ver Figura 2): Mãe Raimunda de vestido branco, ao lado de sua filha de vestido rosa, Benedita Silvestre (vó Bené), eu de vestido vermelho abaixo dela, logo ao lado minha mãe de vestido azul claro, com meu irmão Jaime em seu colo e minha irmã mais velha (Jaqueline) abaixo dela, de vestido rosa.



Figura 2. Foto com minhas mais velhas. Fonte: Arquivo pessoal (1989)

Em minhas lembranças veio que ao final da roda do terço de São Miguel Arcanjo, cantarolavam a música “*Catarina vai no trem*”, do cantor e compositor Valdomiro Lobo. Eu e meus irmãos achávamos engraçado e bonito o cantar das mais velhas que tentavam não se perder na letra na música, seguido do uso de instrumentos musicais como o pandeiro e o afoxé. Eram bons momentos vivenciados nesse dia e em outros encontros de família, como o terço do Natal e

de São Silvestre (aniversário de minha avó Bené e Mã Dete). Logo abaixo segue a letra da música Catarina vai no Trem na versão de Valdomiro Lobo.

*Tem boi na linha, tem, tem, tem*

*Tem boi na linha, Catarina vai no trem*

*Tem boi na linha, tem, tem, tem*

*Tem boi na linha, Catarina vai no trem*

*Catarina Vai No Trem<sup>11</sup>*

(Trecho da Música: Valdomiro Lobo)

No dia que me veio essa lembrança, resolvi chamar minha irmã Jaqueline para tentarmos reproduzir a receita de chocolate quente, um tanto cremoso e muito saboroso. Ligamos para minha mãe para consultar os ingredientes, ela lembrava dos ingredientes, mas não tinha certeza das medidas exatas destes na composição, pois na época, fazia-se em um grande caldeirão. Fizemos a receita e ficamos a degustar, trazendo à tona muitas lembranças da nossa infância com nosso povo.

Lembramos que as mulheres que moravam junto a Mã Raimunda tinham o hábito de preparar o próprio azeite de coco babaçu, tempero artesanal, sabão de sebo artesanal (aromatizado com folhas de pau Angola), além disso eram pescadoras, lavadeiras de roupas no rio Parnaíba e eventualmente eram contratadas para preparar os banquetes das famílias ricas do centro de Teresina. Nesta mesma época minha mãe (Ceíça) também morava e trabalhava numa casa de família. Ainda criança, ela também lavava roupas no rio Parnaíba, engomava e auxiliava no cuidar de crianças, ajudava sua tia na costura de roupas para as pessoas de classe média alta

---

<sup>11</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=h4DiJh5xPWA>

que frequentavam um clube de lazer ao lado do Rio Parnaíba. Essas lembranças mostram como aconteciam as dinâmicas de prestação de mão de obra de pessoas negras que habitavam regiões periféricas no centro e prestavam sua mão de obra para os que podiam pagar.

Ao me lançar nas memórias desse passado ancestral, traçando conexões com as formas de cuidados comunitários em minha família e na percepção de como o aquilombamento<sup>12</sup> esteve presente em minha composição familiar, em especial nos momentos de afetos, identifico alguns dos Marcadores das Africanidades<sup>13</sup> (no senso de comunidade, nos cheiros, sabores de minha infância, história do meu lugar de pertencimento e outros) que estavam em nossa volta e que por muito tempo não percebemos. Em conversas que realizava ao longo deste estudo com a professora Sandra Petit os Marcadores das Africanidades pude entender que se trata de um instrumento não só pretagógico, mas de vida para as pessoas pensarem o seu pertencimento afro. Além disso, entendi que a unicidade do meu povo, em sua multiplicidade, permanece presente e guiando meus passos, pois naquele momento que resgatei e revivi todas essas lembranças e memórias, e me dispus a escrever minha pesquisa, os caminhos se abriram, apontando o Odu de Origem<sup>14</sup>, meu enraizamento, tive ainda mais inspiração para esta produção ancestral de pesquisa. Entendi que essa caminhada não é feita sozinha e que sou tanto corpo como território, quanto território como corpo. Para Milton Santos (2007) o território não se limita ao conjunto de sistemas naturais e espaços geográficos, mas pode ser entendido como o território vivido, apresentando um sentido amplo para além das estruturas, e sim o espaço de acontecimentos e das manifestações existenciais e das trocas materiais e espirituais.

---

<sup>12</sup> Aquilombamento: Palavra originada da palavra quilombo, e tem em Beatriz Nascimento uma das principais pensadoras brasileiras que alimentou a proposta de pensar nossos corpos negros na sociedade brasileira, permitindo com isso o resgate a lógica de Sankofa de lembrar de onde viemos e para onde seguiremos.

<sup>14</sup> Odu de Origem: Adilbênia Machado (2014) apresenta em sua tese a compreensão deste Odu, que se apresenta didaticamente como o início, entretanto entende-se que essa origem não é o começo, pois é circular e com isso permitindo várias possibilidades de início.

Coadunando com a Cosmologia da África tradicional, a pessoa é inseparável de sua linhagem e vivendo através dela como seu prolongamento (Hampâté Bâ, 2003, p. 23). Assim, é imprescindível o resgate das linhagens materna e paterna, o resgate da ancestralidade em todos os caminhos que precisarmos seguir.

### **A Pesquisa**

A trajetória da pesquisa seguiu na proposta de escrita que considera modos afrorreferenciados<sup>15</sup> de existir no mundo e de perpetuar seus conhecimentos. A oralidade foi peça fundamental nesse processo. Foi por meio da Oralidade que os povos africanos traficados de África repassaram seus conhecimentos ao longo das gerações, em suas falas, cantos, provérbios, etc. As experiências de pessoas negras que vivem em condições marginais, marginalizadas quanto ao território, cultura, política, economia, espiritualidade, epistemologia. Mas o que seria epistemologia? *Episteme* quer dizer conhecimento e *logos* corresponde à ciência. Em suma, significa a ciência da aquisição do conhecimento. Pensando em modos de fazer ciência no ocidente nos deparamos com um modo quase que cristalizado de produção de saberes, modos estes que advertem ao pesquisador que sua escrita deve ser neutra, objetiva, e impessoal, e seguir uma certa universalidade.

Desde minha graduação penso que tais modos de fazer ciências, presas nas epistemologias do norte não dão conta de outros saberes presentes no mundo. Passei a me questionar: Por que um único modo de fazer ciência se somos seres plurais e diversos? Qual o intuito da universalização e padronização das epistemologias do eixo norte do mundo? E entendi que o intuito ainda é objetificar as pessoas que têm origem no eixo Sul; inferiorizar,

---

<sup>15</sup> São conhecimentos pautados em princípios africanos, guiados pela ancestralidade, tradição, diversidade e integração (Machado & Petit, 2020).

subalternizar, vulnerabilizar, pessoas que tem outros modos de ser, pensar, existir e produzir conhecimento.

Dentre as consequências dos modos cartesianos (neutro, individualista e distante daquelas realidades) do fazer ciência, estava a não consideração das oralidades, das escrevivências e o apagamento dos viveres e experienciais do povo negro, estes que por muito tempo foram objetos de estudos e das interpretações do homem branco e de suas lógicas hipotéticas. Outra problemática que lidamos ao subverter as normas acadêmicas amplamente aplicadas de pesquisas universais é que temos que defender nossos estudos de forma dobrada, pois tudo que foge às normas ou mesmo ao padrão tende à aplicação de maiores esforços para trabalhar com o convencimento de nossas propostas, pois precisamos contornar o imaginário acadêmico branco, que reforça que a nossa forma de produzir conhecimento é folclórica, mítica, infantilizada, essencialista, identitária, ultrapassada e sem tanta aplicabilidade na sociedade contemporânea. São séculos de elaborações e fundamentações epistemicidas, portanto, nós que lutemos, já cantou Dona Ivone Lara<sup>16</sup>: “Alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho”.

Nosso intuito em pensar epistemologias africanas e afro-brasileiras não é travar brigas, não queremos dizer que uma epistemologia é melhor que a outra, o que queremos é ocupar, é fazer/sentir, pertencer, é abrir caminhos nas encruzilhadas exusíaca<sup>17</sup>, se autorizando (e autorizando outrem) a desconstruir e reconstruir, a desorganizar e reorganizar, a produzir conhecimento a partir de epistemologias mais próximas a nossa existência. Por muitos anos fomos ensinadas a seguir passo a passo do “fazer ciência”, a partir de viés um biologicista e(ou)

---

<sup>16</sup> Era cantora e compositora brasileira, mais conhecida como a Rainha do Samba. <https://www.youtube.com/watch?v=5CHdXUvM8iE>

<sup>17</sup> É um conceito derivado de Exu Egbara, que escapa a uma definição simplificada, pois Exu está ao mesmo tempo em todo lugar e em lugar nenhum, é movimento, é desordem e ordem, é aquele que matou um pássaro ontem com uma pedra que jogou hoje.

academicista e(ou) se utilizando de referências clássicas brancas, europeias, perpetuando um epistemicídio que não permite que os corpos pretos falem por si só, estejam em lugar de saber.

Ousamos dizer que, até mesmo para discutir acerca das epistemologias do sul<sup>18</sup>, só autorizam corpos negros a falar, se primeiramente contextualizarmos e citarmos Foucault, Deleuze, Guatarri, Valter Mignolo, Boaventura de Sousa Santos, Aníbal Quijano, Ramón Grosfoguel dentre tantos outros que tiveram e têm contribuições muito importantes nas críticas à modernidade, à colonialidade. Não negamos as contribuições desses teóricos, mas afirmamos que poderemos nos lançar numa caminhada suleadora<sup>19</sup>, referenciada e construída em sua quase totalidade por gente preta, pautada no *olhar do entre-meios* e não somente no olhar de quem escreve, referenciada também através de oralidades, construída em conjunto com a ancestralidade, dando voz ao conhecimento produzido nas encruzilhadas da periferia. Aqui nos permitimos trabalhar com o mistério, com o fazer criativo, com a estética, com a poética, com a ancestralidade. E isso nos torna mais livres! Sabemos ser um grande desafio, autorizar-se a ser plural em uma instituição que o próprio nome já desautoriza as nossas formas de ler e ver o mundo. Em uma simples busca no Google em relação à “etimologia de universidade”, compreende-se que o termo tem a sua origem no latim *universitas*, que significa universalidade, remetendo a unos, única unidade e segundo o dicionário Michaelis (2020) corresponde a qualidade do que é universal, totalidade e universalidade. Se autorizar a ser pluriversal em uma instituição que se versa na unidade é no mínimo ousado demais. Mas vamos de ousadia, vamos de resistência!

---

<sup>18</sup> Segundo Santos, Boaventura, S; Araújo, S & Baumgarten, M. (2016) As Epistemologias do Sul se apresenta como uma proposta epistemológica contra um projeto de dominação Eurocêntrica que se colocam como hegemônica sobre as outras epistemologias do eixo Sul.

<sup>19</sup> Suleadora: direcionada para o hemisfério sul do planeta

Grada Kilomba, em sua ousadia, na tentativa de refletir sobre a necessidade de descolonizar o pensamento, faz uma analogia da máscara que tapava a boca da escravizada Anastácia, trazendo tudo o que ela representava. Para a autora, a máscara de ferro, cravada entre a língua e a região do maxilar de Anastácia, servia não apenas como um instrumento usado para impedir que o escravizado se alimentasse da cana de açúcar e cacau nas plantações, a fim de não reduzir os lucros, mas, era também um instrumento de controle que visava o silenciamento, impor medo, a tortura e a privação de necessidades como o beber e o comer (Grada Kilomba, 2020).

A autora traz que a representação da máscara tem por um lado a pessoa branca que cala e por outro a pessoa negra que é impedida de usar a sua boca. Nas análises da autora o colonizador branco alimentaria em seu inconsciente fantasias errôneas sobre a pessoa negra, como se aquele tomaria, devoraria algo seu e de modo perverso o branco acabava por condenar a pessoa negra a violência e ao uso da máscara de ferro como punição, e ao mesmo tempo silenciaria o escravizado, impedindo que este tivesse voz para falar, o branco tinha medo de ouvir sobre si, isto é, o branco violento e cruel. Na *Plantation* o negro era fantasiado no imaginário branco como o inimigo, enquanto o branco se colocava como o oprimido, decente e benevolente, restando a pessoa negra ser a projeção de tudo de ruim e perverso que o branco rejeitava em si, como o perigoso, violento, agressivo, alvoroçado e sujo (Kilomba, 2020). A máscara de ferro era usada, portanto, para o controle desses ser “periculoso” para o estado, no entanto, vale ressaltar que não fazem parte apenas desse passado colonial, elas ainda perduram na fantasiosa democracia racial brasileira.

Nos espaços sociais, na política, na economia, na cultura, na educação as máscaras são invisíveis apenas aos olhos desatentos. Nas escolas e universidades elas se evidenciam através da

negligência à produção de saber negra e indígena, às epistemologias africanas e afro-brasileiras, do apagamento da tecnologia da ancestralidade, da invalidação das oralidades, escriturais e de outros métodos afrorreferenciados como formas válidas de saber, fazer e viver.

O advento da Lei 10.639/2003, complementar ao artigo 26-A da Lei de diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 2006 é resultante de políticas que se fossem devidamente aplicadas poderíamos estar precisando aplicar menores esforços para trabalhar com o convencimento de nossas propostas, pois a lei estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos da educação básica nas escolas. Complementar a esta a Lei 11.645/2008 que estabelece a obrigatoriedade do currículo de ensino fundamental e médio tanto em instituições públicas e privada o trabalho de diversos aspectos sobre a História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (Câmara dos Deputados, 2023), entretanto a maioria dos espaços de ensino restringem tais temáticas a meras datas comemorativas e acabam por perder a oportunidade de ampliar tais discussões sobre a história e cultura dos povos originários do país. A aplicação da lei ampliaria as possibilidades de conhecer as tecnologias de saberes e fazeres das pessoas afrobrasileiras e de suas raízes ancestrais africanas, possibilitando, como propõe, Molefi Kete Asante<sup>20</sup> (2016), recontar um passado a partir da perspectiva de quem chegou acorrentado e não mais a partir da perspectiva única e universal de quem segurava o chicote, raptava e objetificava nossos corpos.

Partindo da perspectiva de uma escrita negra exusíaca<sup>21</sup>, nos autorizamos mesmo diante do colonialismo e da colonialidade, e ir abrindo caminhos para seguir existindo e (re)existindo, através da partilha das nossas experiências e vivências em suas fragilidades, mas também em

---

<sup>20</sup> Filósofo, professor e chefe do Departamento de Africologia da Universidade de Temple.

<sup>21</sup> É um conceito derivado do orixá Exu, o dono das encruzilhadas e possibilidades de caminhos e que escapa a uma definição simplificada, pois Exu está ao mesmo tempo em todo lugar e em lugar nenhum, é movimento, é desordem e ordem, é aquele que matou um pássaro ontem com uma pedra que jogou hoje.

suas potências. É o levante de um povo marginal que mesmo roubados de África há muito tempo, cultua em suas práticas cotidianas formas ancestrais de fortalecer seu corpo, sua espiritualidade e seu emocional, por mais que o ocidente tente diariamente romper tais ligações pela imposição de um modo comum e único de viver a partir de lógicas que não são pensadas na existência negra e sim pautadas na existência padrão, dita universal, branca.

De acordo com Adilbênia Machado (2019) a descolonização do conhecimento é essencial para a desconstrução do racismo, sendo necessária também a descolonização das bibliografias, dos métodos e técnicas, assim as transformações serão percebidas e aplicadas no cotidiano, necessitando ser uma construção diversa, com a participação de diferentes povos e não como vem acontecendo hoje, de modo hierárquico, colonial, sexista e racista. A descolonização nos convida a partirmos dos nossos próprios centros, que são: nossas mentes, pensamentos e subjetividades, com implicações nos currículos e na humanização, valorização da cultura, dos conhecimentos tradicionais e trabalhar no reconhecimento de culturas pioneiras na medicina, astronomia, matemática, agricultura, engenharia e outros, como as civilizações Keméticas<sup>22</sup>. A partir disso podemos recriar nossos caminhos com o que o restou e resistiu ao estado de *Maafa*<sup>23</sup> coletiva, nos amparando sempre que possível ao movimento de *sankofa*<sup>24</sup>, que permite olharmos pra trás e seguir em frente com as memórias e os ensinamentos ancestrais, pois novas contemporaneidades podem ser possíveis, quando nos permitimos não mais reprimirmos nossa forma de ser, saber, pensar, sentir e existir.

---

<sup>22</sup> Derivação de Kemet (Antigo Egito)

<sup>23</sup> *Maafa*: Termo pensado inicialmente por Marimba Ani (1994) que se refere ao sequestro e cárcere tanto físico quanto mental da população negra, sendo também um termo referente aos tentáculos do monstro genocida que extermina o negro o seu cotidiano que vivencia constantes opressões (Njeri, 2020).

<sup>24</sup> Símbolo Adinkara que na etiologia da palavra significa “Volte e pegue”; (*San* – voltar, *ko* – ir, *Fa* – pegar/olhar).

Resgatando meu percurso acadêmico percebi que desde o início de minha graduação me via encantada com tudo que fosse livre, espontâneo e sem rédeas. Me permiti fazer o que gostava, participei de projetos de extensão e de iniciação científica voluntária em comunidades periféricas da cidade de Parnaíba-PI, onde me aproximei de realidades semelhantes à minha, trabalhando com o público infantil. Outro ponto que me fortaleceu no âmbito acadêmico foi estar aquilombada, trabalhar e ser orientada por mulheres doutoras negras, aquilo era representatividade, me provocou uma sensação de pertencimento, pois mulheres negras são pessoas raras num espaço acadêmico branco e falocêntrico. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) de 2016 tem-se menos de 3% de mulheres negras doutoras lecionando nas pós-graduações brasileiras, e mais limitadas no Piauí, sendo 1%.

Meu encantamento para os modos de fazer pesquisa, partiu dos estudos sobre as Filosofias Africanas, e saberes negros na realização do Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia da Universidade Federal do Piauí - UFPI, tendo sido orientada pela minha então orientadora Doutora Carla Fernanda de Lima<sup>25</sup>, nome ancestral Manakuanda, que constrói comigo esta dissertação. Desenvolvemos um ensaio de uma psicologia suleadora baseada na filosofia kemética<sup>26</sup>, uma das perspectivas epistemológicas afrorreferenciadas que apresenta grande importância para a compreensão da cultura negra. Foi libertador resgatar um pensamento mais próximo da minha realidade. Como Neusa Santos Souza (1983) explicita em seus escritos,

---

<sup>25</sup> Mulher preta, candomblecista, conhecida no axé como Manakuanda (registro ancestral mais profundo), ativista do movimento negro, coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Gênero, Raça, Classe e Trabalho -NEGRACT, psicóloga, doutora em Psicologia Social e professora do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr e autora conjunta dessa dissertação.

<sup>26</sup> Filosofia Kemética: Remete a Filosofia Africana Antiga que de acordo com Katiúscia Ribeiro (2020), essa filosofia parte de Kémet (Egito antigo) respaldados nos princípios da deusa africana Maat (deusa da serenidade, equilíbrio e retidão). Filosofia que antecede a filosofia ocidentalizada.  
[https://www.youtube.com/watch?v=44OEIVIHw\\_0&t=1583s](https://www.youtube.com/watch?v=44OEIVIHw_0&t=1583s)

foi uma forma de possuir autonomia por meio do discurso sobre si mesma, visto que foi mais significativo à medida que se fundamentava em nossas realidades negras.

Durante a escrita e defesa de meu Trabalho de Conclusão de Curso - (TCC), teve outro aspecto que foi fundamental no fortalecimento desse caminho, que foi a participação no projeto de extensão Quilombo Ankh<sup>27</sup>, que tinha como proposta promover aquilombamento visando a promoção de saúde mental de pessoas negras. Foi um momento singular, em que me dei a oportunidade de cuidar de mim, uma vez que os devaneios da pandemia me afetavam direta e indiretamente a saúde mental. Ao final de minha participação senti minhas forças renovadas, me senti empoderada, pertencente e parti para minha defesa do TCC mais segura, pois pessoas negras legitimavam o que eu discutia ali. Foi um processo que teve fundamental importância na decisão por entrar na pós-graduação, para adentrar espaços que também são de mulheres negras, e na escolha pelas epistemologias africanas e afro-brasileiras, pois entendi que não preciso de autorização de branco para falar das nossas culturas, filosofias, epistemologias.

Sobre participar do Quilombo Ankh, confesso que foi uma experiência para além da promoção de Saúde Mental, mas também de encontro com outras experiências negras de várias partes do Brasil e que tinha algo em comum, as vivências de Racismo Cotidiano que nos levavam em muitas situações a desistir, a desacreditar de nossas potencialidades, nos mutilar, ter medo e aceitar as condições do mundo moldados pelo Ocidente, a fim de evitar sofrimentos maiores. Nessas reuniões realizávamos a busca da história da nossa ancestralidade, por meio da tentativa de reconstrução das nossas Árvore Genealógicas, a busca da origem dos nossos nomes e a busca de um novo nome de origem africana que nos representasse. Como proposta de

---

<sup>27</sup> Ankh: O termo remete a Cruz Ankh Cruz da Vida ou Cruz Ansata é uma cruz de origem Kemética, sendo um de seus mais importantes símbolos de conexão espiritual. É uma chave que possibilita o equilíbrio entre o espiritual (simbolizado pelo círculo) e o mortal (simbolizado pela cruz)

encerramento do projeto, propomos de forma coletiva a produção audiovisual de nossas vivências. O aquilombamento foi uma experiência única de resgate de memórias adormecidas e de incentivo a pensarmos perspectivas futuras e de fortalecimento de laços afetivos.

### **Encantamento nas Encruzilhadas e Ruelas**

*Se o inconsciente é uma folha em branco, um capítulo censurado, o Inconsciente Histórico Brasileiro deverá ser buscado principalmente nas regiões esquecidas da cultura negra.*

(Muniz Sodré, 1976, p. 28)

Neste processo de busca de compreensão de como seria minha escrita, se fez necessário retornar para as encruzilhadas da periferia (espaço social esquecido e apagado), me perder pelas ruelas para me reencontrar com a história de resistência e re-existência do meu povo. Propondo seguir os rastros deixados pelas pessoas negras nos espaços periféricos e identificar os Marcadores das Africanidades nesses espaços, me lancei no início desta escrita nas memórias que pude vivenciar na periferia ao lado de minhas ancestrais, as matriarcas da família, e as memórias da infância foram resgatando vivências que traziam modos e costumes que remetiam às influências africanas em nosso existir. Nesse resgate percebi que aqueles corpos compartilhavam saberes e vivenciavam os marcadores das africanidades em seus cotidianos, e isso promoveu em mim uma conexão com minha ancestralidade e uma sensação maior de pertencimento africano.

Caminhar nesta perspectiva permitiu buscar nas encruzilhadas da periferia e identificar os marcadores de ser negro foi necessário, pois além de poder aprender por meio das vivências de

peças negras com longas caminhadas no território, em especial as anciãs(ões), foi uma experiência rica e desafiadora, que pode gerar uma sensação de pertencimento e uma possível identificação daquele espaço como um território negro e possivelmente um quilombo urbano. Para melhor entender o termo quilombo urbano é essencial lembrar do pioneirismo da Beatriz Nascimento, pensadora negra que ressignificou esses espaços (quilombos) em meio a modernidade que sua sabedoria foi bem representado no seu longa-metragem Ori de 1989 e Sueli Carneiro no prefácio do livro “Eu sou Atlântica – sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento” (2006) a partir do seu entendimento as movimentações de Beatriz definiu os quilombos urbanos como os espaços ocupados por favelas e periferias em espaços de continuidade das vivências históricas negras pós escravização e que tem por características serem espaços marginais, segregados, mas também de resistência. As melhores testemunhas para trabalhar a busca de meus objetivos foram pessoas com longas vivências na comunidade, pois de acordo com Hampaté Bâ (1986) a morte de uma pessoa anciã é uma biblioteca que se queima, remetendo ao caráter de riqueza de conhecimentos que depositam ao longo de suas vidas, revelando também a importância dos modos de partilha desses conhecimentos que é por meio da oralidade.

Por fim, diante deste estudo, apresentamos por objetivo geral a busca em compreender as interlocuções entre as vivências marcadoras das africanidades de pessoas negras de um bairro periférico da cidade de Parnaíba e da minha experiência de vida com minhas mais velhas. A referida busca oportunizou conhecer a história de vida de pessoas negras com longas vivências em um território periférico e permitindo com isso levantar memórias coletivas e ancestrais, saberes, fazeres e dizeres compartilhados por pessoas negras estudadas e pela minha família, gerando com isso o desenvolvimento das Encruzilhadas do Enraizamento, além de apreender o

diálogo entre os Marcadores das Africanidades do povo negro no bairro periférico estudado e da minha família;

### **Capítulo 1 - Percurso do Negro na Cidade de Parnaíba**

*A nossa história não pode ser lida como história para ninar os da casa grande, e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos.*

(Conceição Evaristo, 2005).

Esse capítulo surge da necessidade de resgatar uma história perdida, não só com o objetivo de demarcar a presença de rastros da colonização, mas de explicar registros que possam contextualizar a desgraça coletiva que o povo negro foi submetido no processo de escravização no norte do estado do Piauí, a fim de que no capítulo seguinte seja possível refletir sobre os aspectos que a colonização e o plano de extermínio do povo negro no pós-abolição não conseguiram apagar nesse contexto: os Marcadores das Africanidades. Esses marcadores são aspectos que não foram destruídos com a escravização e que possibilitaram estarmos aqui, duas mulheres negras, em busca de demarcar e reconhecer a potência de resistência de um povo, incomodando a casa grande em seus sonhos injustos.

Neste capítulo buscamos elencar informações em relação à presença de pessoas negras no surgimento da cidade de Parnaíba-PI. Esta cidade tem vestígios da arquitetura colonial portuguesa e inglesa e escravocrata no centro da cidade, mas poucos são os registros em relação aos negros escravizados, informações estas limitadas à quantidade inicial de pessoas negras e sua atuação como mão de obra no pastoreio do gado e demais atividades. Informações quanto ao nome, etnia e ritos africanos se perderam na história ou mesmo não foram registrados.

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (2021), em meados do século XVI e séc. XVII a região do Delta do Parnaíba já atraía a atenção de aventureiros, de navegadores, de pesquisadores e dos jesuítas que relataram a riqueza e grandiosidade de seus rios. Parnaíba<sup>28</sup> é banhada pelas águas do Rio Igarapé e é representada com forte destaque pelo maior Delta em mar aberto das Américas, tendo suas águas doces desaguando no mar. Antes da chegada dos bandeirantes de São Paulo e dos primeiros colonos, toda a região, em especial os leitos de suas águas, era ocupada pelos povos originários de etnia Tremembé, que eram exímios guerreiros e nadadores, e tiveram seus povos quase que inteiramente dizimados com a chegada dos bandeirantes e intervenções da igreja católica que atuavam de forma a catequizar seus corpos e mentes (IPHAN, 2021). Aponta-se ainda que os Tremembés resistiram às invasões dos bandeirantes e as intervenções por muitos anos na costa litorânea defendendo suas aldeias. A quantidade de etnias indígenas registradas por Padre Carvalho foi de 37, em meados do final do século XVI, que se localizavam próximo às margens do Rio Parnaíba e Igarapé. Muitos indígenas migraram para outras regiões de origem como fuga da expansão agropastoril para outras regiões como o Maranhão (Luiz Mott, 1985).

Com a chegada de feitores teve início a cidade, inicialmente dois lugares receberam destaques: a Fazenda Testa Branca, localizada mais no centro da região do estado do Piauí e inicialmente com condições mais propícia à criação de gado, e Porto Salgado, que logo recebeu o nome de Arraial Porto das Barcas, localizada às margens do Rio Igarapé, localizada na região litorânea do Estado. Sabe-se, segundo IPHAN (2021) que o Arraial de Testa Branca em seu início contava, com 4 habitações, sendo estas compostas por oito brancos (colonos) e onze negros (escravizados). Odilon Nunes (1981) apontou em seus estudos que com o passar do

---

<sup>28</sup> A possível origem do nome Parnaíba seria de origem guarani, significando rio de águas barrentas. Fonte: <http://tdasuporte.com.br/secturismo/parnaiba/nossa-cidade>

tempo o povoado de Arraial Porto das Barcas contava com uma maior população, maior movimento industrial e comercial, contando com armazéns e oficinas, passando com o tempo a receber o título de sede da vila. Fatores econômicos, do comércio e da indústria, e populacionais acabaram impondo prioridade para a mudança de sede de Testa Branca para Porto das Barcas em 1770, como estabelecimento do local político e administrativo no governo de Coelho de Castro.

De acordo com Farlon Machado (2011), após perder o título de vila, Testa Branca se caracterizou no tempo como uma pacata comunidade quilombola que tinha como hábito a prática de endogamia, isto é, a união entre seus semelhantes, sendo no caso de Testa Branca, a maioria negra. Com o passar dos anos a população, tanto negra quanto branca foi crescendo, havendo a necessidade por parte de alguns poderosos da época em controlar e ter ciência dos negros presentes na vila. Dados apontados pelo IPHAN (2021) aponta que em 1817 escravocratas à exemplos de Simplicio Dias e Silva contava com 1800 escravizados na região norte do Estado do Piauí e interessado em manter um maior controle entre os escravizados mais antigos presentes no território e os recém-chegados, criou-se uma Alfândega. Em 1961, o Português Domingos Dias Silva, conhecido por ser o fundador de Porto das Barcas, aproveitou as condições locais no qual apresentava produção de gado e rotas navegáveis na época, para instalar a indústria de charque/charqueada, dessa forma intensificando a movimentação do comércio local.

Os escravizados de Porto das Barcas eram encarregados de cuidar da produção de carne de charque, da confecção do couro para fora, em duas modalidades de preparação do gado/reses a de *tresalho*<sup>29</sup> e a *posta*. Tais manuseios eram considerados na época de intenso desgaste e desconfortável para o homem branco. O negro cuidava de todos os processos braçais, como a morte do animal, o preparo da carne e do couro e a empilhagem destes nos porões dos navios

---

<sup>29</sup> Carne salgada;

José Goulart, (1965). Os riscos envolvendo o manuseio e preparação do gado para atender ao comércio eram muito grandes, era uma atividade considerada pouco digna na época para ser realizada pelo branco livre. As péssimas condições de higiene e de salubridades e a falta de saneamento básico para escorrer o sangue dos animais mortos e suas fezes nos galpões de abate e na cidade que vinha se desenvolvendo, gerou uma condição de epidemias e mortes das pessoas negras e brancas no território (Luiz Mott, 1985; Farlon Machado, 2011). A morte em sua maioria era de pessoas negras que trabalhavam diretamente nesses galpões no abate e preparação de carne e curtume do couro que em sua maioria era vendido para fora da região de Porto das Barcas.

Tentando identificar os caminhos trilhados e os registros de vivências das pessoas negras no período colonial na cidade de Parnaíba foi difícil, pois poucos registros foram feitos, o que evidencia um epistemicídio das vivências negras locais, restando apenas o destaque aos escravagistas. Das literaturas alcançadas neste estudo evidenciavam as limitações do sujeito negro as atividades de pastoreio do gado e atividades voltadas ao cuidado doméstico das casas e fazendas das pessoas brancas. Diante do teor passivo das escritas quanto a relação escravizado e seus senhores, Maria E. Silva (2015) aponta divergências e as convergências importantes sobre a historiografia do Negro no Piauí nos primeiros estudos realizados entre os séculos XVIII e XIX, quanto ao tratamento recebido pelos escravizados de seus colonos, como produções que relativizavam as relações pessoais de formas mais brandas e com poucos registros de violências, comparadas a outras produções que relatava as amargas condições de vida do escravizado nas mãos dos colonizadores. Dentre esses autores salienta-se Odilon Nunes (2007), professor de história brasileira e membro da Academia Piauiense de Letras, que realizou inúmeros registros da história piauiense, entretanto o que chama a atenção em sua obra é o quase apagamento da

história do negro escravizado, sujeito predominante no Piauí, no qual se limitou numa apresentação paternalista dos senhores brancos, dando um caráter de relações amigáveis e de pouca exploração, suavizando com isso a imagem de violência e exploração promovidas pelos colonos contra os negros (Maria E. Silva, 2015).

A obra de Odilon Nunes (2007), *Pesquisa para a história do Piauí: Lutas partidárias e a situação da província*, ao mesmo tempo que vangloriava o homem que cuidava da criação do gado, como homem forte e de mão de obra livre, traz que ao escravizado eram destinados os afazeres domésticos e o trabalho na terra relacionado à subsistência das senzalas e da casa grande. O autor ousadamente afirma que o negro escravizado no Piauí vivenciava boas condições de vida em comparação aos escravizados das fazendas nacionais<sup>30</sup>, isto é, tentava trazer a visão de um solo passivo e humanização, construindo narrativas benevolentes quanto à imagem do bom homem donos dos escravos, pois havia segundo o autor condições piores para o escravizado em outros territórios (Maria E. Silva, 2015). Contrapondo-se às narrativas de Odilon Nunes, tem-se o padre Chaves (1998) que apresenta a relação estabelecida entre escravizado e seus senhores a partir de diferentes fases. A Primeira Fase: marcada por um regime mais violento de controle do corpo negro e outra fase mais branda em comparação com os períodos iniciais da escravização no Piauí, portanto o referido período ainda era marcado por violência e ausência de direitos, já na Segunda Fase: houve muitos castigos, tronco, mutilações e o uso de *gargalheiras*<sup>31</sup>.

---

<sup>30</sup> Grandes fazendas coloniais, predominantes no Piauí, que tinha como atividade manufatureira a produção de gado, produção de leite, carne de charque e curtume do couro e empregavam mão de obra predominante de escravizados.

<sup>31</sup> Definição dicionário Oxford (com adaptação da autora): Coleira de ferro, com a quantidade de três (3) hastes compridas de ferro pra cima e geralmente compostas afiladas. Eram colocadas geralmente em escravizados que tentavam fugas e eram capturas e por vezes comportam um sino em uma das pontas das hastes, sinalizando a localização do escravizado.

De acordo com Lima & Soares (2011) o trabalho do negro estava mais diretamente ligado às tarefas secundárias, como a fabricação de tijolos, telhas, artesanato, trabalhos domésticos, construção civil e o cultivo da terra. Nada era isento do trabalho do escravizado na sociedade colonial e imperial do Piauí, desde os afazeres mais pesados aos mais simples, como: se vestir, para comer, para banhar, para brincar com as crianças dos senhores, a ama de leite, a mucama, o objeto de prazer sexual da família branca (Vera Lúcia Ferlini, 1984).

Vale ressaltar que o contexto de violências não foi vivenciado de maneira passiva. Na história do Piauí, no século XVII temos Esperança Garcia, que protagoniza uma das histórias de resistência piauiense à escravização. Em sua carta, Esperança Garcia relata um pedido de retorno para sua fazenda de origem, pois denuncia para o então governador da capitania do Piauí as constantes violências de ordem física e emocional que passavam ela, seus filhos e companheiras.

### **Esperança Garcia - Entre Denúncia e Resistência Negra piauiense**

Esperança Garcia, mulher negra, escravizada, foi pioneira no registro narrativo de sua vivência no Piauí colonial, contrapondo o teor paternalista que eram dados por escritores brancos. Atualmente é considerada a nível nacional a primeira advogada do país. O registro que evidencia fortemente a marca de violência, racismo e escravismos no Piauí é a carta de Esperança Garcia, destinada no ano de 1770 para o presidente da província do Piauí (Luiz Mott, 1985), no qual em suas narrativas de coragem e ousadia para a época ela alegava sofrer maus tratos e solicitava voltar para a fazenda de origem. Sua carta escrita a punho denunciava o regime da época e entrega o tratamento cruel de violência para a realização das atividades de exploração doméstica.

Sua descoberta começou a partir do achado de Luiz Mott no ano de 1979 nos arquivos da história do Piauí guardados no Arquivo Público do Estado do Piauí em Teresina, enquanto

realizava buscas para sua dissertação de mestrado. A carta foi escrita no dia 06 de setembro de 1770 e endereçada para o presidente da província piauiense Gonçalo Lourenço Botelho de Castro, na qual, de forma breve, ela eternizou num pedaço de papel o pedido de ajuda para batizar sua filha, uma vez que seu pedido não era considerado pelos donos da Fazenda Algodões nas intermediações de Oeiras<sup>32</sup> no Piauí, e também denunciava as constantes agressões físicas e emocionais que ela, sua filha e outras mulheres sofriam na mão do feitor<sup>33</sup> da fazenda (Francisca Costa, 2012; Maria E. Silva, 2015). A carta<sup>34</sup> corresponde à primeira petição já registrada por uma mulher no Estado, e após 247 anos de sua produção passa a ser reconhecida.

Como na época muitos escravizados eram impedidos de estudar ou seus feitores não disponibilizavam oportunidades para estes, alguns foram ensinados a ler e a contar por meio das ações evangelizadoras dos jesuítas quando ainda presentes no Estado. Segundo Noé Filho (2017), Esperança Garcia teria aprendido a escrever ainda criança pelos jesuítas (Missionários do cristianismo) antes de ser transferida para a Fazenda Algodões. Garcia tinha o interesse de voltar para sua primeira fazenda, pois na época era administrada pelos jesuítas e supõe-se que seu esposo e seus outros filhos (mais velhos) moravam ainda no local, que na época era administrada por jesuítas. Acredita-se que Esperança Garcia, partiu em fuga, junto com sua filha da Fazenda Algodões para sua fazenda de origem.

A figura 3, apresenta o registro em imagem da foto da Carta escrita por Esperança Garcia. O conteúdo dessa carta se contrapõe às ideias defendidas por alguns historiadores piauienses, como os de Odilon Nunes (2007), que alegavam as boas condições de vida dos escravizados neste solo. Agressões, isolamento e silenciamento forçado não correspondem a

---

<sup>32</sup> Primeira capital do Piauí;

<sup>33</sup> Capitão Antônio Vieira de Couto

<sup>34</sup> Fonte da Carta: A Carta. <https://esperancagarcia.org/a-carta/>

relações amistosas, uma vez que a forma de impor ordem aos modos ocidentais é pelo emprego do poder e do controle sobre o outro. De acordo com Kilomba (2020, p. 41) o sujeito branco teme ouvir o que pode ser revelado pela negritude, pois verdades e(ou) ideias desagradáveis aos ouvidos brancos podem vir à tona e a branquitude não tem interesse nisso.

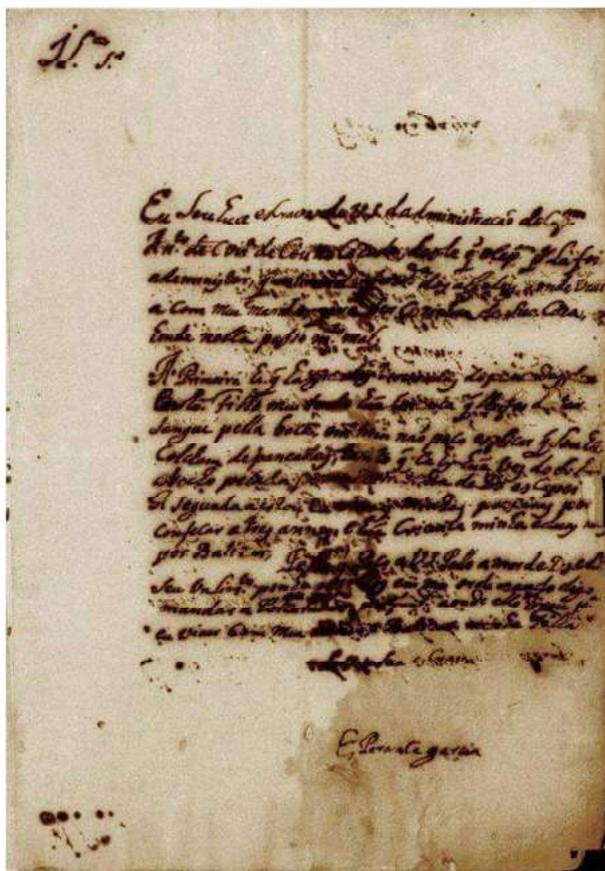


Figura 3. Carta de Esperança Garcia. Fonte: Paulo Gutenberg. Arquivo Público do Piauí, Teresina, Brasil (Instituto Esperança Garcia, 2020)

Apesar dos poucos registros em relação à resistência do povo negro em solo piauiense, temos a consciência da potência e ousadia de muitos, que como Esperança Garcia nos possibilitaram estarmos aqui hoje. De grande representação feminina e negra na história piauiense, não se sabe ao certo o que aconteceu com Garcia, depois do envio do pedido, entretanto Esperança Garcia recebeu o título oficial pela Ordem dos Advogados do Piauí (OAB-

PI) de primeira advogada do Piauí, sendo reconhecida nacionalmente pelo seu feito (Instituto Esperança Garcia<sup>35</sup>, 2021). No dia 07 de janeiro de 1999 foi aprovada a Lei 5.046, em homenagem ao dia da Esperança Garcia e ao mesmo tempo dia da Consciência Negra no Piauí (Francisca Costa, 2012). Em 25 de novembro de 2022 o Conselho Pleno da Ordem dos Advogados do Piauí reconhece Esperança Garcia como a primeira advogada brasileira (OAB-PI, 2022).

Tendo como exemplo Esperança Garcia, que depois de muitos anos apagada da história piauiense, teve sua história reconhecida, após ser trazido à tona suas contribuições para a história do negro, estendemos nossas buscas às realidades negras na cidade de Parnaíba, pois a perspectiva histórica colonial se autorizou a esconder as representações e protagonismos de pessoas negras. Buscamos compreensões as narrativas de pessoas negras e negros com longas vivências presentes no Bairro São José e Mendonça Clarck<sup>36</sup>, a fim de resgatar suas memórias individuais, coletivas e ancestrais em relação às práticas e costumes daquele bairro, identificando os Marcadores das Africanidades e os caminhos percorridos por estes nos bairros de estudo. O bairro São José e Mendonça Clarck se caracteriza por apresentar um contexto de vulnerabilidade social peculiar, disputa pelo tráfico de drogas, violência e a prostituição são marcas desse território, em virtude dos extratos do racismo estrutural, que deixam, historicamente, o negro na marginalidade, vulnerabilidade e escassez, com a finalidade do genocídio. Os Marcadores das Africanidades vão para além dos efeitos do racismo, temos no bairro expressões culturais que remetem à presença histórica do negro: as escolas de samba, o bumba meu boi, as músicas,

---

<sup>35</sup> <https://esperancagarcia.org/>

<sup>36</sup> O campo inicial de estudo seria o Bairro São José no centro da cidade de Parnaíba, entretanto o CRAS Mendonça Clark fica localizado no Bairro fronteiro a este o bairro Mendonça Clarck, portanto o CRAS conta com a presença dos usuários dos dois bairros. O Nome foi dado na gestão do antigo prefeito Lauro Andrade Correia (1963 a 1966) como forma de homenagear um dos membros da família “Clarck”.

toques, ritmos, os terreiros, o artesanato, as práticas de saúde tradicionais, como a presença de benzedeiros e rezadeiras e outros marcadores que puderam ser identificados a partir da inserção nesse território

O bairro São José e Mendonça Clarck pode ter se estruturado aos moldes de um Quilombo Urbano<sup>37</sup>, pois o negro historicamente foi se instalando nas intermediações do centro urbano da cidade de Parnaíba. Ofertavam mão de obra barata, nos mais diversos serviços, dentre eles o doméstico, artesanal, vendas de hortaliças e animais, portos e na construção de imóveis para garantir suas sobrevivências no pós-abolição. Os quilombos urbanos são perto o suficiente dos centros urbanos e longe o bastante da vista das sociedades e elites fundadoras da cidade. Dessa forma, compreender como pessoas negras vivenciam os Marcadores das Africanidades no bairro São José<sup>38</sup> e Mendonça Clarck, que é um território periférico, negro e invisibilizado da cidade de Parnaíba, pode ser um ponto de partida importante para a reconfiguração e fortalecimento do povo negro e racializado do bairro.

---

<sup>37</sup> De acordo com Batista (2019), com o fim da escravidão no Brasil e sem garantias de nenhum direito que assegurasse maior dignidade e sobrevivência, os negros migraram para os morros e terrenos devolutos, originando as favelas e guetos.

<sup>38</sup> Segundo os próprios moradores, antes do bairro São José ser oficializado como esse nome, ele reconhecido pela comunidade como Tucuns devido à presença considerável dessas palmeiras na região que margeava o Rio Igaracu.

## Capítulo 2 - Os Marcadores das Africanidades

*“Os Marcadores das Africanidades tem servido como guias para o desenvolvimento das atividades que buscam fortalecer a consciência étnico racial (...).”*

(Sandra Petit, 2019)

No ano de 2019, tivemos contato pela primeira vez com o termo Marcadores das Africanidades, a partir de uma visita da professora Sandra Haydée Petit<sup>39</sup> à Parnaíba. O evento foi promovido pelo NEGRACT e por meio da oralidade a professora apresentou seu livro e tirou as principais dúvidas dos presentes. Meses depois, ganhei de presente da orientanda de mestrado da professora Sandra Petit a Assistente Social Alessandra Másculo<sup>40</sup> um exemplar da obra da Pretagogia Pertencimento, Corpo - Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores (2019).

Desde esse evento passei a me interessar e alimentar minha curiosidade na busca da identificação dos Marcadores das Africanidades que eu vivenciava e experienciava no cotidiano. Mais tarde me lancei para a identificação dos modos e costumes vivenciados pelas minhas ancestrais. Buscando o aprofundamento na temática e em busca de conhecer melhor sua origem, paradigmas e inspirações, me matriculei como aluna especial no curso de extensão da professora Sandra Petit sobre os Marcadores das Africanidades na Educação. A partir daí compreendi melhor o que seriam tais marcadores que nos conectam com a nossa ancestralidade. Segundo a autora, são marcas que permitem conexões com a história e cultura africana, desde membros de

---

<sup>39</sup> Mulher negra de origem Caribenha, mãe de Kanyin (*quem traz a bênção*). Possui doutorado pela Universidade de Paris VIII em Educação e atualmente é professora na Universidade Federal do Ceará - UFC. Sandra Petit é idealizadora da Pretagogia.

<sup>40</sup> É Assistente Social e Educadora Popular. Trabalha com as comunidades tradicionais do Delta do Parnaíba, com as culturas de matrizes africanas e indígenas e doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará, pesquisadora da pretagogia, das oralidades e africanidades.

nossa linhagem, o culto de nossas práticas espirituais, artísticas, de saúde, culinárias e outras presentes na realidade do brasileiro (Petit & Alves, 2015). Os Marcadores das Africanidades<sup>41</sup> são identificados a partir do referencial teórico metodológico da Pretagogia<sup>42</sup>, sendo uma proposta de ensino das relações étnicos raciais para uma educação que vise a eliminação do preconceito e racismo e tem o corpo como produtor de conhecimento e rico em memórias (Silva, 2015), sendo necessário para a sua realização um adentrar em nossas memórias ancestrais e falar em primeira pessoa (Sandra Petit, 2015). O componente de aula trabalhou a identificação e percepção das raízes africanas no cotidiano da comunidade, como debaixo da sombra do baobá ou mesmo no cotidiano da sala de aula.

De acordo com Sandra Petit (2015) a Pretagogia permite o encontro com o pertencimento africano, podendo atuar de forma criativa, por permitir a criação de novos conceitos e conexões histórico-culturais com nossas raízes. O detalhamento sobre o que seria a Pretagogia, permitiu conhecermos melhor os Marcadores das Africanidades que permitem adentrarmos territórios negros, revisitando nossas memórias e promovendo o suleamento de nossos saberes de forma circular e especial de nossos quilombos, como forma de conexão e pertencimento afro (Sandra Petit, 2015).

Para uma melhor apresentação, logo abaixo temos a tabela 01 com os 30 Marcadores identificados pela professora e sua turma, pois o levantamento e identificação foi coletiva e se atualiza na coletividade, é espiral. De acordo com Sandra Petit (2019) a Pretagogia se atualiza na coletividade, de modo a integrar corporeidade à espiritualidade ao cosmo, compreendendo à identidade negra como em constante transformação e estruturada na memória.

---

<sup>42</sup> Trata-se de um referencial teórico metodológico, visando capacitar educadores na aplicação da Lei 10.639/03 (Sandra Petit, 2019), sendo bem detalhada na obra “Pretagogia - Pertencimento, corpo - dança Afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores”.

A Pretagogia, segundo Sandra Petit (2019), trabalha com o senso de pertencimento afro e se constitui como um referencial teórico-metodológico afrorreferenciado que auxilia educadoras/es. Se sustenta numa base filosófica de origem materna, se alimenta de conceitos, saberes e conhecimentos das matrizes africanas, isto é, apresenta um modo particular de se apresentar no mundo por meio da cosmovisão [cosmopercepção] africana (Sandra Petit, 2019).

Tabela 01 – Lista dos Marcadores das Africanidades (Sandra Petit, 2019)

1 - História do meu nome	16 - Danças afro
2 - Histórias da minha linhagem	17 - Cabelo afro (encaracolado/cacheado/crespo) - práticas corporais de afirmação e negação dos traços negros diacríticos
3 - Mitos/lendas/o ato de contar	18 - Representações da África/relações com a África
4 - Histórias do meu lugar de pertencimento/comunidade	19 - Negritude – Força e Resistência
5 - Sabores da minha infância – pratos, modos de comer e o valor da comida	20 - Artesanatos
6 - Pessoas Referência da minha família e Pessoas Referência da minha comunidade	21 -Tecnologias
7 - Pessoas Referência do mundo	22 - Valores de família
8 - Práticas e valores de Iniciação/Ritos de transmissão e ensino	23 - Racismos (perpetrados e sofridos)
9 - Mestras e Mestres negras/negros (da cultura negra)	24 - Formas de conviver/laços de solidariedade
10 - Escrituras Negras	25 - Relação com a natureza
11 - Curas/Práticas de saúde	26 - Religiosidades Pretas
12 - Cheiros da minha infância	27 - Relação com as mais velhas e os mais velhos
13 - Festas da minha infância e festas de hoje	28 - Vocabulário/formas de falar
14 - Lugares míticos e territórios afromarcados	29 - Relação com o chão

15 - Músicas/cantos/toques/Ritmos/estilos	30 - Outras Práticas corporais (brincadeiras tradicionais/jogos e outros)
-------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------

A escrita da obra “Pretagogia” visou contribuir com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seus artigos 26-A e 79-B, que trata da obrigatoriedade nas escolas do Ensino de História e Culturas Africanas e Afro-brasileira (Brasil, 2021). Tal diretriz corresponde à Lei de N° 10.639/03 que permite romper com as epistemologias dominantes do ensino, e suas estruturas eurocêntricas, branco, elitista, machocêntrico, homofóbicas e sexista. Essa lei, em sendo aplicada, permite nos lançarmos para o verdadeiro eixo da humanidade na África, não permitindo a centralidade e universalidade historicamente impostas pelo eixo ocidental, que não abarca a pluriversalidade do povo brasileiro. De acordo com Adilbênia Machado & Sandra Petit (2020) não é apenas a elaboração de um currículo, mas a construção de identidades, pautadas na história e vividas pelo povo negro, para a melhor compreensão de nossa ancestralidade que é feita de forma coletiva onde seguimos a premissa do aprender ensinando e ensinar ao mesmo tempo para aprender.

Os Marcadores das Africanidades estão presentes nas formas de vida de pessoas negras no Brasil podem ser identificados por meio de atividades que despertam a percepção dos sujeitos. Sandra Petit (2019) aponta que esses marcadores são movimentos vivenciados, mas nem sempre percebidos como ações de experiências e resistência, como os laços de solidariedade, artesanato, práticas de cura, o vocabulário, entre outras. Trazendo a percepção dos Marcadores das Africanidades a partir das vivências de minhas mais velhas pude perceber de forma mais concisa as ideias da autora sobre a identificação desses marcadores na vida de uma pessoa negra, que passam a compreender o presente a partir do conhecimento sobre o passado, e organizar os passos para o futuro. Salientamos que ao longo deste estudo os processos de identificação dos M.

A. ficaram a critério de identificação por parte das pesquisadoras, devido a necessidade de adaptações do estudo.

### **Capítulo 3 -- Escrivência, Vozes da Periferia**

#### **Registro de possibilidades negras**

Falar sobre as narrativas de pessoas negras é um compromisso ético sobre as nossas vivências e formas de entender nosso mundo, buscando com isso no campo do possível os caminhos e ensinamentos deixados e vividos por nós, pessoas negras periféricas. Se torna importante voltar nossas leituras e escritas nos trabalhos e construções vivas da professora, poetisa e escritora negra Conceição Evaristo que nos presenteou com as Escrivências. Desde o início suas escritas me chamam a atenção, pois de uma forma suas narrativas nos permitem sentir a essência de nossos cotidianos de nossas realidades, famílias, relacionamentos, periferias e histórias do ontem e do hoje. A autora conseguiu impactar afrontosamente uma parte da sociedade privilegiada e branca ao afirmar “que nossas histórias devem ser contadas de modo a incomodar a casa branca de seus sonos injustos” (Conceição Evaristo, 2005).

Em “A Escrivência e seus subtextos a escritora nos direciona a pensar uma escrevência pensada inicialmente na representação da mãe preta, a mulher que vivia na condição servil de escravizada, forçada a cuidar e servir os filhos dos seus patrões, dando leite (*mãe de leite*), a que ensinava as primeiras palavras, a andar e mesmo contar histórias para ninar os filhos da casa grande ao mesmo tempo que era silenciada e desprovida de liberdade. Para Conceição Evaristo (2020) escrevência é uma escrita necessária que nasceu de uma prática literária negra, feminina e pobre, atravessada por suas coletividades.

De acordo com Nunes (2020) as Escrevivências vêm representar as escritas feitas por mulheres negras em resposta e enfrentamento aos silenciamentos e controles promovidos pelos escravocratas dos seus corpos-vozes. As escrevivências permitem adentrar ao protagonismo de mulheres negras, evidenciando o seu entorno frente aos preconceitos da sociedade, as desigualdades de raça e gênero. As escrevivências apresentam em suas escritas as histórias contadas por nossas avós, mulheres mais velhas que ouviram narrativas de suas mais velhas, sobre um povo que foi capturado de suas terras, de onde tinham liberdade e sustentavam suas realidades e riquezas em África. O racismo tentou apagar a todo custo a transmissão desse conhecimento sobre nós, entretanto, mal sabiam que nossa existência é ancestral.

Nas escrevivências existem uma aproximação entre quem escreve e quem vivencia aquela realidade, são cúmplices, a escrita nunca é uma narrativa individual isolada, mas uma representação do coletivo que vive aquela realidade. As escrevivências apresentam diversos personagens negros e negras que tomam o protagonismo das narrativas que partem de um lugar de excluídas(os), permitindo uma identificação das(os) leitoras(es) sobre experiências parecidas e ao mesmo tempo permite o acolhimento das experiências de quem escreve, permitindo conexões conscientes dessas experiências ou mesmo inconscientes.

Na obra *Escrevivência: a escrita de nós*, Duarte e Nunes (2020) apresentam diversas reflexões levantadas por Conceição Evaristo e outras autoras sobre o que seria as Escrevivências e como a autora trabalha seus personagens ao longo dos enredos, trazendo considerações importantes no olhar a pessoa negra em seus protagonismos e partindo da narração criativa de mulheres negras. São trazidas reflexões sobre um novo olhar perante pessoas antes excluídas, invisibilizadas ou que carregavam uma narrativa nada humanista frente as suas movimentações Duarte e Nunes (2020). O manejo humanista e inclusivo no qual as/os personagens caminham

permite, através das *escrevivências*, ver um novo sujeito para a sociedade brasileira que comumente vinha trazendo pessoas negras nas condições de coadjuvantes e limitadas a aspectos estereotipados como o violento, perigoso, sexualizado ou mesmo aquela que ocupava locais de subserviência em relação ao branco. No interesse total de apresentar seus protagonismos, Conceição Evaristo propositalmente não dá nomes aos personagens brancos, a fim de não permitir maiores privilégios a esses personagens.

A autora apresenta as *Escrevivências* como um ato de escrita de mulheres negras, uma afronta e resposta às mazelas impostas pelo colonialismo, no qual a mulher negra era posta como um objeto de servidão da casa grande e se revirava para dar conta dos desejos do patrão, sua mulher e seus filhos. A mulher negra era controlada, mas com a *escrevivência*, é possível ela se colocar em liberdade na sua escrita e repassar muitas das histórias contadas pelas/os suas/seus ancestrais, como vivências em África e em diásporas, permitindo conexões com nossas heranças e jogar na cara da sociedade branca as violências que fizeram aos nossos corpos.

As *escrevivências* não se tratam de uma autobiografia, pois, como apresenta Conceição Evaristo (2020), é uma escrita que não se esgota em si, pode ser inventiva, autoficção, aborda as vivências da coletividade em relação a sua compreensão de mundo e de sua realidade, ou seja, as motivações dessas escritas é o seu entorno. A escrita das *escrevivências* foge as regras das normas culta padrão, carrega muito da subjetividade da escrita negra. Existe uma fuga da norma culta, pois não corresponde aos modos de se comunicar em nossos cotidianos, assim sendo, a autora se lança a trabalhar uma escrita que corresponda as oralidades, que repasse para o leitor essa compreensão, sendo inclusiva, carregando o que ela chama de dinâmica das palavras dos nossos cotidianos, entretanto compreende a impossibilidade que repassar por meio das escritas a inteireza da vida.

As possibilidades diante das escrituras são poder criar personagens nunca vistos na literatura brasileira ou levar para esses personagens outras ações nunca trabalhadas nas narrativas literárias, possibilitando apresentar outras visões sobre os personagens, frente os atravessamentos e os ambientes que habitam o sujeito.

As escrituras não seguem a lógica do espelho de Narciso (do conto mitológico Grego) não corresponde a uma escrita narcísica, individualista, isolada e perdida no reflexo de si. Essa lógica narcísica não reflete os nossos corpos negros. A escritura segue o sentido do espelho (abebé) de Oxum e Iemanjá, espelhos capazes de refletir quem somos, coletivamente, permitindo o reconhecimento de nossas potências e práticas coletivas e comunitárias e nos nutre de capacidades de escrever nossas realidades e acolher quem somos Conceição Evaristo (2020).

De acordo com Adilbênia Machado (2019) as escrituras correspondem à ética do encantamento, escritas que registram vivências negras em suas experiências, gritando nossas experiências. Sendo que pensar nossas caminhadas se torna fundamental para a criação de novos recursos metodológicos e epistemológicos que partem originalmente dos saberes ancestrais perpetuados dos povos indígenas e africanos, sendo as oralidades importantes nesse processo criativo para novas possibilidades em nossos fazeres em ensinar, aprender, trançar, etc. Possibilitando pensar as caminhadas e compreensão das encruzilhadas que foram se enraizando ao longo do tempo nas diásporas.

### Referências forjadas na oralidade

Lara, Ivone [Dona Ivone Lara – Tema]. (11 de nov. 2014). *Alguém me avisou* (vídeo). YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=5CHdXUvM8iE>

Santos, Conceição M. P. (29 de out. 2021). *Conversa entre mãe e filha*. Entrevista (conversa) por telefone.

### Referências bibliográficas gerais<sup>43</sup>

Alves, Maria Kellynia Farias (2015). *Resistência negra no círculo de cultura sociopoético: pretagogia e produção didática para a implementação da lei 10.639/03 no projoovem urbano*. Dissertação (mestrado) em Educação. Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Educação. Fortaleza.

Ani, Marimba (1994). *An african-centred critique of european cultural thought and behaviour*. Trenton: Africa.

Araújo, Johny Santana (2016). Um olhar sobre o Piauí escravista e setecentista segundo tânia brandão. *Revista do departamento de história e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI*. Teresina, v. 5, n. 2, jul./dez. 2016. <file:///C:/Users/55869/Downloads/5747-20289-1-SM.pdf>

Asante, Molefi Kete (2016). *Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental: Introdução a uma Ideia*. [http://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo14/02\\_ASANTE\\_Ensaios\\_Filosoficos\\_VolumexXIV.pdf](http://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo14/02_ASANTE_Ensaios_Filosoficos_VolumexXIV.pdf)

---

<sup>43</sup> Buscamos utilizar ao longo do estudo referências do nome e sobrenome das/os autores como uma forma de trazer de forma proposital uma maior visibilidade para as autorias negras em especial mulheres, uma vez que a forma tradicional segue normativas que privilegiam o sexo masculino.

Asante, Molefi Kete (2009). *Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar*.

Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 93-110.

Bâ, Amadou Hampâté (1986). Amadou, «La tradition vivante». *Joseph Ki-Zerbo, Histoire générale de l'Afrique. Méthodologie et préhistoire africaine, Paris, Éditions Présences Africaines*, 99-112.

Bâ, Amadou Hampâté (2003). Amkoullel: o menino fula. Casa das Áfricas.

Goulart, José A. (1965). *Brasil do boi e do couro: o boi. Coleção ensaios brasileiros*. Edições GRD.

Geledés, Portal (2015). *O Negro da senzala ao soul: Um documentário da TV Cultura 1977*.

<https://www.geledes.org.br/o-negro-da-senzala-ao-sul-um-documentario-da-tv-cultural1977/>

Bispo, Nego (2021). *Nego Bispo questiona, em carta ao fórum social mundial, valores da civilização*. Observatório da Sociedade Civil. <https://observatoriosc.org.br/nego-bispo-questiona-em-carta-ao-forum-social-mundial-valores-da-civilizacao/>

Brasil. (2004). *Ministério da Educação*. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 003/2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, Brasília: MEC. <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>

Câmara dos Deputados (2023). *Legislação Informatizada - LEI N° 11.645, DE 10 DE MARÇO DE 2008 - Publicação Original*. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11645-10-marco-2008-572787-publicacaooriginal-96087-pl.html>

- Costa, Francisca Raquel da (2012). *A carta de Esperança Garcia e os usos da memória da escravidão para a construção da identidade negra piauiense*.  
[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/42772/1/2012\\_eve\\_frcoستا.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/42772/1/2012_eve_frcoستا.pdf)
- Diop, Cheikh Anta (2010). *Origem dos antigos egípcios*. In: MOKHTAR, Gamal. História geral da África: África antiga. Brasília: Vol. 2. UNESCO.
- Duarte, C. L., & Nunes, I. R. (2020). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte.
- Evaristo, Conceição (2020). A escrevivência e seus subtextos. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, v 1, 26-46.
- Evaristo, C. (2008). *Vozes-mulheres*. Cadernos negros.
- Evaristo, Conceição. (2005). *Da grafia-desenho de Minha Mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*. Depoimento apresentado na Mesa de Escritoras Afro- brasileiras; XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura, Rio de Janeiro. <<http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>>.
- Fanon, Frantz. (2008). *Black skin, white masks*. Grove press.
- Ferlini, Vera Lúcia do Amaral (1984). *A civilização do açúcar: séculos XVI a XVIII*. São Paulo: Brasiliense. <https://www.portalconservador.com/livros/Vera-Lucia-Ferlini-A-Civilizacao-do-Acucar.pdf>
- Filho, Noé. (2017). *Esperança Garcia (personalidades)*. Geleia Total.  
<https://www.geleiatotal.com.br/2017/11/26/esperanca-garcia/>

Google Maps (2021). 954 R. Ceará. [https://www.google.com/maps/@-5.0774673,-](https://www.google.com/maps/@-5.0774673,-42.823643,3a,30y,306.05h,84.33t/data=!3m6!1e1!3m4!1sbZCz4L8175N-mRYgXHe65A!2e0!7i16384!8i8192)

[42.823643,3a,30y,306.05h,84.33t/data=!3m6!1e1!3m4!](https://www.google.com/maps/@-5.0774673,-42.823643,3a,30y,306.05h,84.33t/data=!3m6!1e1!3m4!1sbZCz4L8175N-mRYgXHe65A!2e0!7i16384!8i8192)

[1sbZCz4L8175N-](https://www.google.com/maps/@-5.0774673,-42.823643,3a,30y,306.05h,84.33t/data=!3m6!1e1!3m4!1sbZCz4L8175N-mRYgXHe65A!2e0!7i16384!8i8192)

[mRYgXHe65A!2e0!7i16384!8i8192](https://www.google.com/maps/@-5.0774673,-42.823643,3a,30y,306.05h,84.33t/data=!3m6!1e1!3m4!1sbZCz4L8175N-mRYgXHe65A!2e0!7i16384!8i8192)

hooks, bell. (1989). *Talking back: Thinking feminist, thinking black* (Vol. 10). South End Press.

IBGE (2010). *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Censo Demográfico.

[https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2094#/n1/all/n2/all/n3/all/v/1000093/p/last%201/c86/allxt](https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2094#/n1/all/n2/all/n3/all/v/1000093/p/last%201/c86/allxt/c133/0/d/v1000093%201/l/v,p+c86,t+c133/resultado)

[/c133/0/d/v1000093%201/l/v,p+c86,t+c133/resultado](https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2094#/n1/all/n2/all/n3/all/v/1000093/p/last%201/c86/allxt/c133/0/d/v1000093%201/l/v,p+c86,t+c133/resultado)

INEP (2016). Gênero e Número. [https://www.generonumero.media/menos-de-3-entre-docentes-](https://www.generonumero.media/menos-de-3-entre-docentes-doutoras-negras-desafiam-racismo-na-academia/)

[doutoras-negras-desafiam-racismo-na-academia/](https://www.generonumero.media/menos-de-3-entre-docentes-doutoras-negras-desafiam-racismo-na-academia/)

Kilomba, Grada. (2020). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora

Cobogó.

Machado, Vanda. (2013). *Pele da cor da noite*. EDUFBA.

Machado, Adilbênia. F. (2014). *Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas:*

*filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira.*

Machado, Adilbênia. F. (2019). *Saberes ancestrais femininos na filosofia africana: poéticas de*

*encantamento para metodologias e currículos afrorreferenciados.*

Machado & Petit (2020). Filosofia africana para afrorreferenciar o currículo e o pertencimento.

*Revista Exitus*, Santarém/PA, Vol. 10, p. 01-31, e020079.

<http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/882/901>

Machado, Farlon, A. (2011). *Escravidão Negra: a condição do negro escravizado no Piauí*

*entre o final do século XVIII e o início do século XIX.*

<https://repositorio.uespi.br/bitstream/handle/123456789/93/FARLON%20ARA%C3%9AJO%20MACHADO%20ok.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

[JO%20MACHADO%20ok.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.uespi.br/bitstream/handle/123456789/93/FARLON%20ARA%C3%9AJO%20MACHADO%20ok.pdf?sequence=1&isAllowed=y)

- Martins, Leda Maria (2021). *Afrografias da memória: o reinado do rosário no jatobá*. Editora Perspectiva S/A.
- Mott, Luiz. R. B. (1985). *Piauí colonial: população, economia e sociedade*. Teresina: Projeto Petrônio Portella.
- Njeri, Aza (2020). *Reflexões artístico-filosóficas sobre a humanidade negra*. *Ítaca*, (36), 164-226.
- Nunes, Odilon (2007). *Pesquisa para a história do Piauí: Lutas partidárias e a situação da província*. Teresina: FUNDAPI.
- OAB-PI (2022). *O reconhecimento de Esperança Garcia como a primeira advogada do Brasil*. <https://www.oabpi.org.br/o-reconhecimento-de-esperanca-garcia-como-a-primeira-advogada-do-brasil/>.
- Oliveira, Eduardo David (2005). *Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira*. Tese. Universidade Federal do Ceará. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/36895>
- Oliveira, Eduardo David (2007). *Epistemologia da ancestralidade*. Entrelugares: revista de sociopoética e abordagens afins, V.1, p.1.10, 2009. ISSN 1984-1787
- Oliveira, Eduardo David (2007). *Ancestralidade na encruzilhada*. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.
- Petit, Sandra Haydée (2019). *Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral Africana na formação de professoras e professores - Contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/2003*. 2.ed. Belo Horizonte: Nandyala.
- Petit, Sandra Haydée (2015). *Pretagogia: pertencimento, corpo-dança, afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores - contribuições do legado africano para implementação da Lei nº 10.639/03*. 1. ed. Fortaleza: Ed. UECE.

- Ratts, Alex (2007). *Eu sou Atlântica – Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*.  
Prefácio. In: Carneiro, Sueli. São Paulo. Instituto Kuanza. ISBN: 85-7060-359-2
- Ribeiro, Ronilda Iyakemi (1996). *Alma africana no Brasil: Os Iorubás*. São Paulo: Editora Oduduwa. <https://repositorio.usp.br/item/000911012>
- Ribeiro, Katiúscia [BaObazinhO]. (2020, 7 de jul.). Live 11 - Per Ankh: Educação e Filosofia Kemética, com Katiúscia Ribeiro (vídeo). YouTube.  
[https://www.youtube.com/watch?v=44OEIVIHw\\_0](https://www.youtube.com/watch?v=44OEIVIHw_0)
- Ribeiro, Katiúscia [África e Diáspora: História e Cultura]. (2017, 21 de nov.). *Filosofia africana* [vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=EdYSCzpA8kg&t=3085s>
- Souza, Neusa Santos (1983). *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Santos, Boaventura Sousa & Meneses, Maria Paula (2009). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina.  
<https://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/Epistemologias%20do%20Sul.pdf>
- Santos, Milton (2007). *Território e territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina.
- Silva, Maria Eliene Magalhães da (2015). *Marcadores das africanidades no ofício das rezadeiras de quilombos de Caucaia/CE: uma abordagem pretagógica*.  
<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/16678>
- Silva, Rodrigo Caetano (2015). A Historiografia piauiense acerca da Escravidão no Brasil (Séculos XVIII-XIX). *Rev. Hist. UEG - Anápolis*, v.4, n.1, p. 172-197, jan./jan.  
[https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/3416#:~:text=Resumo%](https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/3416#:~:text=Resumo%20)

3A%20Na%20historiografia%20piauiense%20encontramos.conviv%C3%Aancia%20entre%20senhor%20e%20escravizado.

Sodré, Muniz (1976). *Prefácio do livro contos crioulos da bahia*. Mestre Didi. Petrópolis: Editora Vozes.

Valdina, Makota [TVE Bahia]. (28 de mar. 2019). *Perfil e Opinião Especial com Makota Valdina* (Vídeo). YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=6w02NNt1dmw>

*Estudo 1: Encruzilhada do Enraizamento como Proposta Metodológica Afrorreferenciada*

**RESUMO:** Este estudo objetivou apresentar a Encruzilhada do Enraizamento como proposta metodológica afrorreferenciada por meio de observação participante e análise das entrevistas como estratégia metodológica. Tais encruzilhadas oferecem possibilidades de interpretação dos trânsitos sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e se inter cruzam. Selecionamos cinco entrevistas que apresentaram maiores cruzos de vivências negras bem próximas das vivências compartilhadas pelas minhas mais velhas., com base nas experiências nos Marcadores das Africanidades identificados pela pesquisadora. Com o estudo observamos que a Encruzilhada do enraizamento conectam o povo negro e vivências próximas em seus espaços de resistências e de criatividade. Essas histórias não são somente minhas, mas de certa forma de todo um grupo que ocupa as margens.

**Palavra-chave:** Encruzilhada do Enraizamento. Metodologia Afrorreferenciada. Marcadores das Africanidades. Vivências Negras.

## Introdução

*Viver sem história é ser uma ruína ou trazer consigo as raízes de outros. É renunciar a possibilidade de ser raiz para outros que vem depois.*

Ki-zerbo (2010)

Este estudo surge da inquietação das pesquisadoras (orientanda e orientadora) mulheres negras que decidiram seguir uma proposta de escrita afroreferenciada e se deixar encantar pelos percursos do estudo, desde contato com literaturas de autoras e autores negros e também pela nossa maior forma de trabalhar e repassar nossos conhecimentos que é por meio das oralidades, que partiram desde a escuta de nossas mais velhas até às vozes da comunidade, onde nos lançamos para realizar a dissertação que permitiu a realização deste artigo. De vozes e escutas fomos pensando as possibilidades de criação, nutrindo as possibilidades para o desenvolvimento do método Encruzilhada do Enraizamento.

A noção de encruzilhada, utilizada como operador conceitual, emerge da noção de Exu apresentado por Leda Martins (1997), o dono das encruzilhadas, que atuando tanto na criação quanto no entendimento dos conhecimentos. Exu oferecendo-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e se inter cruzam, nem sempre amistosamente, práticas performáticas, concepções e cosmovisões, princípios filosóficos e metafísicos, saberes diversos (Leda Martins, 2003). A noção de enraizamento liga-se perfeitamente com os sentidos que o odu de origem é apresentado na tese da filósofa Adilbênia Machado (2019) que considera a necessidade de deixar-se enraizar-se e se deixar conduzir pelos rumos que estas tomarão para a condução de suas vidas e também

sendo raiz movimento, estas permitem aprofundamento e até mesmo pensar na criação de nossas origens em diásporas.

Consideramos neste estudo a crítica que Oyèrónké Oyěwùmí (1990), considera por cosmovisão, um termo atualmente muito difundido em literaturas como esta, entretanto parte de uma ótica eurocêntrica, um olhar que reduz as vivências negras, ou seja, carrega o impacto provocado pelo racismo. Adilbênia Machado (2019) aponta em sua tese os sentidos dos três tipos de olhares pensados por Eduardo Oliveira (2007), olhares estes nos ajuda a pensar essa caminhada, como a lógica do *Olhar de Longe*, que por mais acesso que possui ao coletivo, não consegue tomar de conta de todos os detalhes, não possuindo uma visão de um todo, assim como o *Olhar de Perto* por não dar conta de um todo, sendo mais focal, e diante desses paradigmas deste estudo o *Olhar do Entre Meio* nos permite considerar em nossas realidades afrorreferenciadas (africanas e indígenas) as cosmosensações (cosmosensação). Diante desse termo Oyèrónké Oyěwùmí (1990), suleou<sup>44</sup> o significado de cosmovisão, para partir das diferentes visões de mundo, sendo inclusiva, com visões essas não tão contempladas nos modos eurocêntricos de ver o mundo.

As oralidades são muito importantes para o povo negro, pois esse recurso de comunicação foi e ainda é muito potente para o compartilhamento de saberes, memórias e estratégias de sobrevivência. A psicanalista negra Grada Kilomba (2020) em *Memórias da Plantação*, apresenta o órgão boca como temido pela branquitude desde os períodos coloniais, por ser considerado uma ameaça, ferramenta de denúncia das violências praticadas pela branquitude sobre os corpos negros. Censurar aquelas falas negras e um tanto desagradáveis se

---

<sup>44</sup> Derivado de suleamento: parte da logicado eixo Sul do Globo terrestre e não os norteamentos para tratar de nossas expressões negras e indígenas.

faziam necessário para não ferir o ego do branco, então mordanças físicas e psicológicas foram e são usadas desde muito tempo como forma de opressão.

Asante (2009), serviu de inspiração ao longo de nossas caminhadas em lançar propostas de questionar nossos modos, de nos lançar para nossas *Agências*, agências essas suficientes para nutrir na pessoa negra potencialidades psicológicas e culturais de fortalecimento e libertação em todos os sentidos das pessoas negras em diásporas. A busca por essa consciência é chamada Afrocentricidade, termo que corresponde ao compromisso político da(do) negra(o) em lutar para mudar os lugares que o ocidente destinou às pessoas pretas nas artes, educação, tecnologias, espacial e muitas outras. Parte do entendimento de um sujeito negro Africano que ao sofrer todos os processos de violência e distância de sua cultura e saberes se lance em olhar de onde veio, se alimentar em seu seio mãe e perceber que as logicas ocidentais, não os aceitam em seus meios, com isso ocupando espaços marginais, não visibilidade de suas caminhadas ou mesmo dos rumos que suas raízes tomaram em diáspora.

Pensar numa proposta metodológica e de análise com elementos nossos e seus significados para o povo preto é bem mais válido que as lógicas do povo branco que faz uso dos significados da natureza para explicar seu social, modos esses que divergem em suas práticas destrutivas e sequestro do outro. As fortes ligações e respeito com os elementos da natureza para o povo africano é presente em seu cotidiano na alimentação, educação e em seus cultos espirituais, tudo é natureza, natureza é vida, entretanto o ocidente é exploração na justificativa de um progresso que muitas vezes nutri de ganhos a branquitude.

Pensar novos métodos e fundamentar em nossas bases afrorreferenciadas negras e indígenas é um desafio, pois vemos e sentimos diversos fenômenos importantes de sabedoria de ensino, cura, organização, política em nossas comunidades, fenômenos esses repassados de

geração em geração, mas não temos nomes para todos os fenômenos e movimentos destes, mas em afirmação existem, estão em nossos cotidianos ou mesmo se encontram adormecidos, por apagamentos e imposições de lógicas outras distantes de nossas realidades. As bases afroreferenciadas pensadas na tese de Adilbênia Machado (2019) é um ponto a se considerar, bases filosóficas africanas que pensa as ancestralidades e seus encantamentos. Vale ressaltar que em 2015 a pedagoga Kellynia Alves enquanto orientanda de Sandra Petit já trabalhava o termo afroreferenciada na perspectiva de pensar modos nossos negros de ensinar, aprender e como resposta de descolonização frente as imposições dos modos ocidentais de impor seus modos de fazer ciência Kellynia Alves (2015).

Desde nossas infâncias fomos ensinados a absorver nos espaços de saber, como escolas e instituições religiosas e outras, que existia um modelo de “mulher e homem” e saber a ser seguido, um norteamento (eixo norte do globo terrestre), em suma um modelo branco, como a considerar seu modo de existir por meio da aplicação de uma universalidade, entretanto essa universalidade seguia e ainda segue modos violentos, principalmente pelo racismo e apagamento de exclusão de outros modos, diversidades e pluralidades de culturas e saberes, como no Brasil se lança em de forma muito severa sobre os corpos pretos e indígenas.

As sobreposições de saberes eurocêntricos sobre os saberes e culturas presentes no eixo sul do globo terrestre, levaram ao epistemicídio racial, que atua por meio da imposição do silenciamento, apagamento de memórias negras, do saber e da cultura afro-brasileiras, tendo por alvo mulheres negras, indígenas e quilombolas no Brasil (Sueli Carneiro, 2023), pois o ocidente se lançou como modelo único a ser seguido e os demais saberes foram e ainda são reduzidos em seu grau de importância, folclorizadas ou demonizadas. No Brasil, segundo Henrique Freitas (2016) durante o período de colonização foi muito evidente a Pilhagem Epistêmica para atender

as demandas de exploração e gerência da coroa portuguesa e outras que tinha o país como um campo de exploração. A Pilhagem Epistêmica em seus modus operandi, atuando rebaixando o saber dos grupos subalternizados e invisibilizados, ao mesmo tempo que toma para si os saberes e tecnologias desses povos e os reapresentam para o mundo como suas produções, sem mencionar suas referências originais e de onde veio, chegam no mesmo estilo do “milagre Grego”, prontos.

No Brasil podemos tomar como exemplo as tomadas dos saberes de curas afros e indígenas e seus domínios das ervas para o tratamento de inúmeras doenças, saberes esses que chamam a atenção de inúmeros pesquisadores em especial das áreas biologicistas que se interessam em conhecer os benefícios dos estratos vegetais e seus benefícios, com o interesse de apresentar suas aplicabilidades para a indústria farmacêutica, entretanto nessas buscas e registros não consideram em seus escritos, não referenciam a participação desses povos, sendo subalternizados e invisibilizados nesse processo de busca. As consequências avançam para além da tomada do conhecimento, mas se estendem na não preservação de seus espaços sagrados, memórias, fauna, flora e nascentes, não havendo muito interesse na preservação daqueles corpos e espaços. Revisar as histórias apresentadas para nós pessoas negras e minorias e analisar nossas realidades, se faz necessário diante das inúmeras imposições de modos que não falavam de nós e nem de nossas origens. Atender nossas necessidades se faz importante para derrubar as inverdades que matam e adoecem as pessoas negras com histórico de invisibilidade.

## Conhecendo os Caminhos percorridos

### *Participantes*

A caminhada começou com a escolha do território a ser investigado, localizado às margens do rio Igarapé, na região marginal do centro da cidade de Parnaíba. Inicialmente as pessoas participantes do estudo foram as usuárias negras e idosas do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), localizado entre dois bairros, sendo suas áreas de cobertura mais próximas (Bairro Mendonça Clark e Bairro São José). Utilizamos uma lista de entrevistas, gravador, diário de campo e conversas aleatórias ao longo dos encontros.

### *Análise das entrevistas*

Na medida que colhia as entrevistas, imediatamente recuperava as memórias das experiências de meus familiares, mais velhos e outros causos compartilhados por meio da oralidade que ouviam em suas casas. Relações essas que remetem a aproximações que partem de um lugar comum de sofrimento ou de alegria experienciados por pessoas negras. Como instrumento de pesquisa, fizemos uso da lista dos Marcadores das Africanidades cunhada por Sandra Petit, pensado como guia para o desenvolvimento das atividades que buscam o fortalecer o compromisso étnico racial nos espaços de saber Sandra Petit (2019), em suma um instrumento pedagógico da identificação das marcas deixadas pelo povo negro ou vivenciadas por eles como as experiências de racismo cotidiano<sup>45</sup>. As análises seguiram os rumos de uma encruzilhada que em horas se perdiam, se entrelaçam e se ligavam. Relatos profundos e muito importante que carregam fortes informações sobre os modos de organizações sociais e de afeto do povo negro

---

<sup>45</sup> Racismo Cotidiano: Se acordo com kilomba (2020) o racismo cotidiano corresponde a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam a pessoa negra e(ou) de cor não só como "Outra/o", mas também como outridade, ou seja, a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca.

enquanto nos espaços periféricos. O encontro dessas memórias permite ao pesquisador pensar metodologias etnográficas e afrorreferenciadas que partem do nosso entendimento de mundo e fugir dos modos ocidentais de ler nossas realidades. Precisamente o Método de análise Encruzilhada do Enraizamento nos lançam a um resgate coletivo de entendimento e suleamento de nossas caminhadas, de aprofundamento ou de superficialidade em nossos meios em decorrência do racismo.

Das falas das participantes foram analisadas situações que se conectaram com as memórias da pesquisadora em especial sobre suas memórias sobre suas mães velhas, foram chaves importantes para tais conexões. Memórias sobre trabalho e exploração infantil; reuniões de família; história do local; relação com o rio e métodos de cura, etc.

### **Resultado**

A Escrivência na perspectiva afrorreferenciada como modo de análise etnográfica das encruzilhadas começa quando me encontro com histórias de vida que se cruzam com as vivências de minhas mães velhas, e entendo que as histórias de pessoas negras da periferia carregam em suas caminhadas Marcadores das Africanidades que nos trazem as raízes africanas como ponto de partida. Alguns marcadores da periferia apontam para a marginalidade que pessoas negras estão submetidas em seus territórios, como a insegurança, violência (roubos, assassinatos), tráfico de drogas, falta de saneamento básico, surto de arboviroses, como dengue e chikungunya, COVID-19 e violências por tomadas de territórios por facções rivais. Tudo isso foi identificado no bairro estudado, o que fez com que tivéssemos que adaptar as visitas, realizando prévios agendamentos com as pessoas participantes, e por vezes, sem levar celular ou outros recursos para gravação do conteúdo obtido em nossas conversas. A figura 1: que se apresenta

corresponde a visita realizada na casa de uma das participantes e aconteceu em baixo de um per de amêndoas na companhia de suas filhas.



*Figura 1: Entrevista com uma das participantes da pesquisa*

Na caminhada fomos nos deparando com alguns Marcadores das Africanidades listados pela professora Sandra Petit (2019), que se cruzavam com histórias contadas pelas minhas mais velhas. Para me aprofundar nas histórias aproveitei ao longo dessa pesquisa para visitar também minhas mais velhas, a fim de confirmar e me aprofundar acerca de algumas lembranças que vinham à tona à medida que entrava em contato com as informações compartilhadas pelas entrevistadas. A identificação dos Marcadores das Africanidades ficou a cargo da pesquisadora em identificar nas narrativas das participantes, uma vez que o processo pedagógico e grupal como proposto na obra Pretagogia de Sandra Petit (2019) se tornava inviável frente as demandas do local, entretanto os Marcadores observados foram suficientes para os objetivos do estudo.

Optei por substituir o nome das(os) entrevistadas(os) por nomes africanos, por não falar apenas de potência, mas também de dores e vulnerabilidades, como uma forma também de

resgatar e trazer para esse espaço em diáspora um pouco mais de nossas raízes, para que possam ser revisitadas em nossos fazeres cotidianos de enfrentamento diante das intromissões do colonizador que obrigou o povo negro a mudar seus nomes e senso de pertencimento africano. Dentre as (os) participantes elencamos o total de 5 entrevistas que partem de um espaço comum de pessoas deixadas às margens da sociedade e em condição de subalternidade. Ressaltamos que a quantidade de Marcadores das Africanidades trabalhados também ficou a critério da pesquisadora em identificar tais marcas a partir do recorte de falas das pessoas participantes uma vez que as condições de acesso a estas se tornavam inviável trabalhar o processo do despertar do sentimento de pertencimento afro com as pessoas participantes da pesquisa. Então as entrevistas abertas e semiestruturada não havendo uma sequência ordinal para a apresentação dos marcadores, pois estas partem de pontos comuns entre as vivências. Realizamos breves recortes de fala das(os) participantes para desenvolver teoricamente o que chamamos de Encruzilhada do Enraizamento.

Os marcadores percebidos para a realização das Encruzilhadas do Enraizamento, foram: Histórias do meu lugar de pertencimento/comunidade; Sabores da minha infância – pratos, modos de comer e o valor da comida; Artesanato; Festas da minha infância e festas de hoje e Formas de conviver/laços de solidariedade.

*Histórias do meu lugar de pertencimento/comunidade:* Começar trilhando pelos espaços de pertencimento foi o que fez mais sentido para mim, pois esse estudo proporcionou uma conexão muito forte com as(os) moradoras(es) e com o bairro, e mais forte ainda com minhas familiares. Entendi que aquele bairro periférico e negro me era muito familiar. As vivências, realidade social geraram aproximações, uma maior compreensão das movimentações e

entendimento das experiências vividas, pois aquela realidade falava também das histórias contadas pelas minhas mais velhas.

As pessoas entrevistadas da comunidade periférica estudada moram ou moravam em algum momento de suas vidas próximo ao rio e em sua maioria trabalharam a maior parte de suas vidas nas casas de famílias brancas. A água do rio é(era) o meio de sustento de muitas mulheres e famílias, seja através da alimentação ou fonte de renda, através da pesca, seja nos banhos diários ou nas lavagens de roupas. A venda de peixes pelas ruas do centro e feiras livres era uma boa estratégia de sobrevivência de mulheres, homens e crianças. Essas comunidades por serem marginais aos centros urbanos ofereciam suas mãos de obra barata para o cuidar da casa e filhos daquelas famílias da elite, também prestavam serviços de lavado, conserto de roupas e móveis. Dona Layla<sup>46</sup> de 61 anos dizia: “cheguei pra morar com uma família ainda criança, ajudava nos afazeres domésticos, não ganhava dinheiro, mas eles me davam comida e deixava brincar com seus filhos no qual considero meus irmãos. Eles me levaram uma vez pra visitar meu pai, já que minha mãe morreu quando eu era criança”, “quando fiquei moça, vi que estudar não era pra mim, comecei a namorar e fui morar com o pai de meus filhos”. “Quando cheguei pra morar aqui nessa rua era só terra e muito mato, quando chovia, alagava, ficava cheio de lama”.

Layla desde muito nova foi criada “como da família”, uma criança negra e sem amparo familiar. Tinha como “irmãos”, as crianças brancas daquela família, eram os filhos dos patrões brancos. Por mais que falassem para ela que era como uma filha, era uma criança com afazeres domésticos de uma adulta, enquanto seus ditos “irmãos” estudavam para serem “doutores”.

Layla disse que não conseguiu um maior status social por culpa dela mesma, não quis estudar, ia

---

<sup>46</sup> Layla: Nome africano feminino, significa: Nascida na noite (Quênia/Tanzânia). Fonte: [https://expressodasilhas.cv/lifestyle/2018/01/30/nomes-africanos-e-o-seu-significado/56395#:~:text=Layla%3ANascida%20de%20noite%20\(Sua%C3%ADi%2C%20Qu%C3%AAAnia%2FTanz%C3%A2nia\).](https://expressodasilhas.cv/lifestyle/2018/01/30/nomes-africanos-e-o-seu-significado/56395#:~:text=Layla%3ANascida%20de%20noite%20(Sua%C3%ADi%2C%20Qu%C3%AAAnia%2FTanz%C3%A2nia).)

e voltava cansada da escola por conta de tantos afazeres por fazer. Ela relatara que seus “pais” (ex-patrões) eram pessoas benevolentes e sempre que possível a levavam para visitar seus “irmãos”, e ainda hoje, mesmo não morando mais com eles, realiza visitas na esperança de ganhar como agrado alguma comida, roupas usadas ou mesmo um olhar de “caridade”. No momento que ouvia Layla, percebi que a medida que ela falava, ela mesma começou a se incomodar com a discrepância entre as realidades vividas por ela e seus “irmãos”, pois ao falar sobre aquilo passou a refletir acerca das diferenças sociais que tinha entre ela e os filhos dos patrões benevolentes e cuidadores que sempre considerou.

Ao ouvir a história de Layla lembrei das narrativas orais de minha mãe sobre as dificuldades que muitas famílias do bairro onde morávamos tinham para se alimentar, e uma das alternativas que crianças e(ou) jovens tinham era trabalhar nas “casas de família” com um maior poder aquisitivo, geralmente se apresentavam como madrinhas ou padrinhos (tias/tios) de consideração, pois não havia laços sanguíneos. Apresentavam-se para os responsáveis das jovens como “benfeitores” que iriam ajudar dando alguns trocados e educação em troca de ajudar a cuidar dos filhos destes, entretanto a problemática maior ocorria, quando essas crianças/jovens passavam a sofrer nas mãos dessas pessoas, limitação de alimento, pois só podiam comer depois que todos da casa se alimentavam, deixavam de frequentar a escola, pois não só tinham tempo para os estudos e outras nem chegavam a ser matriculadas, sofriam maus tratos físicos e psicológicos. Na minha família, minha mãe (Conceição) e vó (Benedita) trabalhavam desde criança servindo como empregadas domésticas e assim, como Layla, tiveram seus direitos desrespeitados e ao conseguirem sair desses espaços tiveram que viver em meio às dificuldades de moradia, alimentação, saúde, etc. Histórias de vidas cruzadas, que se enraizaram numa

problemática social de descasos e violências que em sua maioria mulheres negras tiveram que enfrentar para poder enviar uns tostões para seus pais e outros irmãos conseguirem sobreviver.

*Sabores da minha infância – pratos, modos de comer e o valor da comida:* muitos pratos de minha infância ainda são presentes hoje, como o cuxá, doce de buriti, bolos feitos nos fornos de barro, o chocolate quente, entretanto as experiências compartilhadas por minhas mais velhas não era marcada apenas por fartura e bons sabores, estas vivências foram marcadas em boa parte da nossa vida sabores amargos da carência alimentar. Nas caminhadas pelo bairro essa realidade também se fazia presente, especialmente no que se refere à carência alimentar. Seu Amir<sup>47</sup>, homem negro e que vive em condição de extrema pobreza, me trouxe muitas memórias, fora o hábito de comer com as mãos em vez de talheres, ele relatou as grandes dificuldades enfrentadas por ele e por muitos moradores do bairro em conseguir alimentos. Ele dizia: “sabor de minha infância, não sei o que é isso, não tinha o que comer”, “às vezes entrava nas matas pra caçar passarinho pra comer”, “quando tinha festa no terreiro de minha madrinha, ela fazia pipoca pra mim e pras outras molecada que estavam lá”, “depois elas morreram, acabou tudo”, em referência às suas mais velhas.

O cruzo entre a vivência de seu Amir com os relatos de minhas mais velhas se deu nas dificuldades de acesso ao alimento e na busca por modos de contornar a falta de comida, seja através de pessoas da comunidade ou mesmo na natureza. Minha mãe contou que teve uma infância dura, e que costumavam procurar no mato um fruto docinho para se alimentar, chamado camapum. Ao ver seu Amir comendo sem talheres, pegando o alimento com a mão, lembrei de minha mãe que relata que aprendeu a fazer capitão de feijão com farinha em sua infância e

---

<sup>47</sup> Amir: Nome masculino africano que significa príncipe (Uganda). Fonte: [https://expressodasilhas.cv/lifestyle/2018/01/30/nomes-africanos-e-o-seu-significado/56395#:~:text=Layla%3ANascida%20de%20noite%20\(Sua%C3%ADi%2C%20Qu%C3%AAnia%2FTanz%C3%A2nia\).](https://expressodasilhas.cv/lifestyle/2018/01/30/nomes-africanos-e-o-seu-significado/56395#:~:text=Layla%3ANascida%20de%20noite%20(Sua%C3%ADi%2C%20Qu%C3%AAnia%2FTanz%C3%A2nia).)

quando éramos crianças ela costumava fazer pra gente, lembro-me bem, era muito bom, ela tinha uma grande habilidade e rapidez para fazer aquele bolinho e um jeito todo dela pra levar até as nossas bocas. Sempre pedíamos pra ela fazer capitão e pouco entendíamos naquela época os reais motivos por trás daquele bolinho amassado nas mãos. Foi nesta mesma época, lá no início dos anos 90, que passei a perceber que minha mãe só comia com as mãos, e nos alimentava sem uso de talheres, na medida que fomos amadurecendo (eu, minhas irmãs e meu irmão) passamos a pedir que ela usasse colher para se alimentar. Entendi que o seu receio em não usar os talheres partiu de uma época que trabalhava nas “casas de família”, pois para evitar mais vexames naquele espaço evitava usar tudo que era do outro.

O hábito das mais velhas em promoverem o cuidado dos seus filhos e netos e garantir pelo menos o básico, como foi presente numa parte da vida do seu Amir, pude lembrar que desse movimento nas casas de minhas avós. Quando íamos para lá, era um prato feito ou uma quentinha arrumada num pote de sorvete para complementar no almoço ou jantar. Apesar do pouco que elas tinham, elas preparavam a comida de modo especial, com seus temperos caseiros e que cheiravam muito bem e ao final, sempre era compartilhado com muito amor. Essas lembranças se enraizaram em minhas memórias, no cruzo com aquelas vivências na comunidade.

*Artesanato*: o potencial criativo sempre foi muito evidente nos espaços de vivências de minhas mais velhas, elas ressignificam o que iria para o lixo e produziam muitos objetos, modos esses comuns na vida de todas as pessoas entrevistados, sendo um forte marcador da criatividade e estratégia de sobrevivência da negritude. Artes feitas por mãos negras para a tentativa da garantia da sobrevivência de seus iguais, as produções comuns entre as pessoas entrevistadas e minhas mais velhas nessa encruzilhada do enraizamento. As produções iam desde a confecção de

guardanapos feitos de crochê e fuxico<sup>48</sup>, à produção de flores decorativas, sabão, confecção de roupas, etc. Dona Mandisa<sup>49</sup>, uma mulher graciosa e muito sorridente, tinha no seu cotidiano o ofício de artesã, fazia seus guardanapos, pintava e bordava, contou que aprendeu a costurar com uma tia que fazia vestes das madames que trabalhavam na noite, nos tempos do apogeu da rua da munguba, uma rua do centro da cidade de Parnaíba, onde haviam casas de festas e prostituição, onde moças prestavam seus serviços sexuais e de companhia para os marinheiros, vareiros<sup>50</sup>, comerciantes e outros que buscavam por seus serviços ou mesmo sentir a efervescência que era as movimentações naquelas ruas. Dona Mandiza trouxe que nos auge das movimentações comerciais fluviais, “minha tia costurava e eu fazia as bainhas e pregava os botões”, “Minha tia trabalhava e morava com aquelas madames, mas a função dela era somente cuidar das roupas e lençóis das meninas que trabalhavam lá”, “ela tinha sua salinha de costura”, “as moças gostavam muito dos serviços dela e os lindos vestidos que ela fazia, era uma roupa mais bonita que a outra”.

O artesanato era presente na maioria da vida das entrevistadas, mas os relatos de dona Madiza mostravam um tanto das movimentações de relações de troca que aconteciam no passado do centro da cidade de Parnaíba e a relação com o rio, como fonte de sobrevivência daquela comunidade.

Dona Mandiza me fez refletir sobre as minhas habilidades e de minhas mais velhas com o artesanato. Habilidades criativas que aprendemos ainda na infância, e que na vida adulta se

---

<sup>48</sup> Artesanato no formato de pequenos círculos que utiliza retalhos para compor objetos de decoração e vestuário.

<sup>49</sup> Mandisa: nome africano feminino que significa meiga e doce. Fonte:

<https://expressodasilhas.cv/lifestyle/2018/01/30/nomes-africanos-e-o-seu-significado/56395>

<sup>50</sup> Segundo Humberto de Campos (1950), os vareiros do rio Parnaíba eram a força motriz de embarcações primitiva que transportavam toneladas de cargas rio abaixo, rio acima em jornadas penosas em condições degradantes, como apontado pelo autor, como: braço de caboclo, músculo de negro...heróis anônimos, seminus, tendo apenas um calção de estopa, molambo que os mendigos recusariam, resto de uma calça e a musculatura a mostra.

aprimoraram cada vez mais. Ir na casa de dona Madiza, permitiu uma grande aproximação com a nossa produção de bordados, crochê, roupas, tapetes de retalhos, sabão, temperos e muitas outras coisas. Dona Madiza gosta de tirar um dia na semana para participar de feiras e lembrei que desde muito nova, minha mãe me levava pra vender nossas artes, era bom conhecer o trabalho de outras pessoas, vender e comprar. As primeiras feiras em que comecei a participar com minha mãe foi a feira das Mulheres Trabalhadoras Rurais de Timon - MA, conhecíamos outras tantas mulheres do estado Maranhão e de vez em quando nos organizávamos para participar de eventos sobre Margarida Alves e a Marcha das Margaridas.<sup>51</sup>

*Festas da minha infância e festas de hoje:* Dentre as entrevistadas, era comum a participação delas nos clubes de festas da cidade e a participação nas escolas de samba presentes no bairro. Dona Niara acompanhava os ensaios, confecção das fantasias e alegorias, era o período auge da aplicação da criatividade e solidariedade, pois todos participavam dos processos de organização das escolas de samba. Dona Niara<sup>52</sup> como uma grande artesã, confeccionava suas roupas, fantasias e diante dos seus 84 anos, sempre que possível dançava nos bailes de carnaval e participava do concurso de rainha do carnaval do grupo de convivência do CRAS, como ela falava “eu sempre gostei de dançar e de fazer minhas roupas”. Niara tinha um grande espírito competitivo, sendo muito difícil outra pessoa ganhar quando ela estava concorrendo. Niara desfilou por muitos anos nas alas das baianas das escolas de samba presentes no bairro, mas atualmente devido a sua idade se sente satisfeita em participar das aulas de dança nas manhãs do

---

<sup>51</sup> Marcha das Margaridas - O movimento da Marcha das Margaridas é uma ação organizada por mulheres do campo e das florestas que integra o Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR). O nome do movimento é uma homenagem a Margarida alves, uma mulher negra e que enfrentava avanço dos ruralistas no campo, que encomendaram seu assassinato em 1983. Foi a primeira mulher a liderar um sindicato de trabalhadoras rurais. Fonte: FETASE (A Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Sergipe) e Fundação Perseu Abramo (Partido dos Trabalhadores).

<sup>52</sup> Niara: Nome africano feminino que significa aquela que tem grandes propósitos. Fonte: <https://expressodasilhas.cv/lifestyle/2018/01/30/nomes-africanos-e-o-seu-significado/56395>

centro de referência. Pra mim, dona Niara traz um forte marcador de africanidade na sua relação com a corporeidade, uma mulher negra que no auge dos seus 84 anos tem como um dos seus prazeres dançar, deixar seu corpo em movimento, estar em atividades coletivas. Relações essas que se enraízam na história de seu bairro e de busca de bem-estar e alegria num ambiente que muitas vezes é apresentado somente como produtor de desordem e violência.

A história de Dona Niara me fez acessar lembranças da infância nas ruas do bairro de minha avó. Era tradição a família se reunir na sua casa e se arrumar com fitas coloridas, roupas feitas por minha mãe e maquiagens cômicas, pois sempre tinha algum bailinho e os blocos de sujos (pessoas meladas de goma). Minhas mais velhas contavam o quanto era divertido os bailes de antigamente, de quando eram jovens, de como as pessoas iam para se divertir, todos se respeitavam, dançavam e não tinha confusão.

*Formas de conviver/laços de solidariedade:* a apresentação das experiências referentes a esse marcador me chama atenção pela possibilidade de olhar uma participação coletiva que muitas vezes se estende para toda a comunidade. Uma situação específica é quanto à partilha do alimento percebida nas duas realidades, tanto de minhas mais velhas quanto na dos moradores da comunidade em estudo. Uma situação específica e que pude presenciar em algumas visitas que realizei no porto pesqueiro do bairro, foi a partilha dos peixes para as pessoas em situação de vulnerabilidade. Os pescadores depois de dias velejando em alto mar, conseguiam peixes suficiente para vender para os atravessadores de pescados (comerciantes) e os demais peixes eram repartidos de forma justa entre os pescadores, entretanto era comum eles tirarem de suas cotas de peixes para as pessoas que esperavam no porto, era possível avistar, algumas mulheres esperando o peixe que seria o almoço do dia, pessoas que frequentavam o CRAS do bairro, pessoas negras e trans que de alguma forma passavam por situação de extrema pobreza,

pessoas essas que esperavam todo o processo de venda e divisão dos peixes. Para alguns pescadores era uma tradição a ser seguida, era uma forma de agradecimento e expressão de fé, pela graça de ter retornado do mar vivos, pois reconhecem o quanto é perigoso enfrentar as águas da costa do litoral do Piauí. Nas falas do pescador Baarkir<sup>53</sup> “nada é nosso, tudo foi graças a Deus que conseguimos esses peixes”, e outra frase marcante explanada por ele “a gente tá aqui pra isso” em referência ao ato de doar para o outro. Baarkir conhecia todos na comunidade e era considerado pelo o grupo de pescadores como um líder, respeito esse conquistado pelo senso de coletividade e serenidade que repassava para seu grupo. A figura 3 e 4 corresponde a umas das visitas que realizei no porto pesqueiro do bairro Mendonça Clarck, na imagem 3 é possível ver além dos pescadores algumas pessoas aguardando a doação dos peixes, já a figura 4 mostra a distribuição de peixes entre os próprios pescadores.

---

<sup>53</sup> Baakir: Nome africano masculino que significa aquele que nasceu primeiro. Fonte: <https://blog.cordvida.com.br/nomes-diferentes-para-o-seu-bebe-origem-africana/>



*Figura 2: Comunidade aguardando receber a doação dos peixes. Fonte: Arquivo pessoal*



*Figura 3: Distribuição dos peixes entre os pescadores. Fonte: Arquivo pessoal*

Esse marcador representa a comunidade como um todo, pois a solidariedade é um traço comum na comunidade, um movimento coletivo de cuidar um dos outros sem critérios de raça, gênero e sexualidade. Nos momentos que acompanhei a chegada das embarcações amarrotadas de pescados, avistava no cais algumas pessoas em situações de vulnerabilidade, aguardando ansiosas/os a partilha dos peixes. Muitos se conheciam, mas até mesmo os desconhecidos eram tratados com respeito e senso de comunidade. Os pescadores sabiam que aquele pescado era muito valioso nas peixarias, e aquelas pessoas que ali estavam famintas provavelmente não teriam como comprar aquele alimento, por isso ele devia ser partilhado.

Estar ali avistando aquela comunidade no cais me aproximou de um passado que algumas mulheres da minha família eram pescadoras, usavam vara de bambu e um pouco de angu na ponta do anzol ou na tarrafa, isso garantia a mistura do dia e guardavam alguns peixes salgados no sol para conservar por mais tempo para o próprio consumo ou para compartilhar com os familiares que precisassem daquela mistura.

### **Discussão**

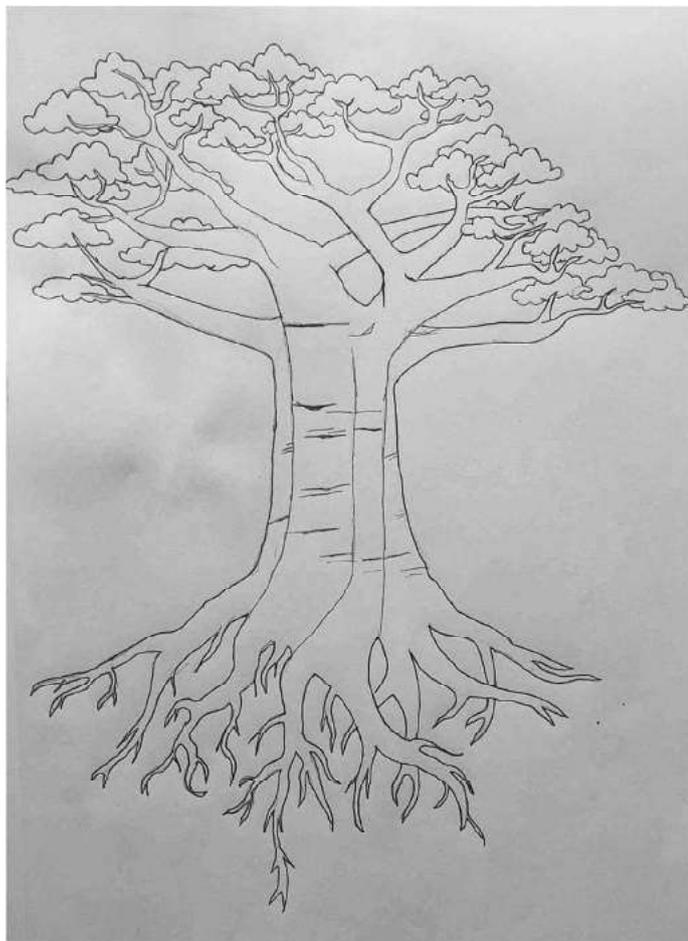
Ao me lançar em conhecer a história de vida das participantes aplico o olhar do *entre meio* (olhar híbrido), como um olhar que ao tempo que é aproximado, também se distancia frente aquelas realidades marginais (Eduardo Oliveira, 2007), por considerar, como Kilomba (2020) o olhar de fora para dentro e de dentro para fora, pois essa é a posição do olhar de pessoas negras em relação à margem/periferia frente a esses espaços que se fazem centrais. Esse olhar foi necessário para o surgimento da Encruzilhada do Enraizamento, pois embora esteja na condição de investigadora, a realidade daquele território periférico, gerou uma aproximação ou mesmo identificação de situações que me atravessam, se enraizaram em mim. Acessar as vivências de

outras pessoas negras e periféricas despertou memórias adormecidas e movimentos para aprofundar acerca das memórias acerca de vivências compartilhadas.

Em nosso cotidiano temos diversas marcas das Africanidades. A estudiosa Sandra Petit (2019) traz grandes contribuições da Pretagogia, através da criação de um instrumento sobre os Marcadores das Africanidades como proposta pedagógica de resgate ancestral, se apresentando como uma ferramenta muito importante para o estudo sobre as condições e situações vividas por pessoas negras em diáspora, como: curas/práticas de cura; negritude – força e resistência; relação com a natureza, etc. Apesar de ser um instrumento voltado para a formação pretagógica de professores, os marcadores das africanidades serviram nesse estudo para balizar as marcas que promovem uma unidade africana de mundo na diáspora, o que levou à Encruzilhada do Enraizamento, pois a medida que eu entrava em contato com as vivências daquelas pessoas negras, eu percebia cruzos (expressos através dos marcadores) que nos aproximavam as vivências e fortaleciam em mim as raízes africanas.

Optei por utilizar o termo Encruzilhada me baseando no que Leda Martins (1997) e Thompson (1984) trazem, pois remetem a um espaço sagrado, com um compilado de informações, regido por movimentos circulares do cosmo e do espírito humano, originando um cosmograma com suas linhas de interseções. Para representar tais conexões, a figura 4 apresenta um cosmograma que pudesse delinear os rumos das ligações das vivências, suas aproximações e a profundidade de nossas raízes. O baobá por ser essa árvore ancestral de origem africana e que pode ter uma longevidade, representa as memórias guardadas, os ensinamentos aprendidos e que ainda devem ser resgatados. O tronco largo do baobá representa a reserva de potência e de entendimento de si e dos caminhos de sua vida e da história de seus iguais. Sendo, portanto, as encruzilhadas um lugar da cultura negra, espaço coletivo capaz de se transformar como forma de

resistência e se restaurar (Leda Martins, 2003). Neste aspecto, tomamos como chave as vivências das participantes do estudo e de minhas mais velhas, pessoas que passaram por diversas situações e ao longo do tempo são resistência em suas comunidades.



*Figura 4: Cosmograma das Encruzilhadas do Enraizamento. Fonte: Arquivo pessoal*

Em Leda Martins (1997), a Encruzilhada do Enraizamento se fez um espaço sagrado, porque entendo que acabo de nomear uma tecnologia ancestral de resistência de pessoas negras, que, mesmo diante do genocídio promovido historicamente, mesmo tendo sido brutalmente separados de suas famílias e daqueles que falavam a mesma língua, em uma tentativa de apagamento de suas histórias e culturas, conseguiram manter vivos valores, modos de ser, pensar, existir, conviver, culturas, filosofias, epistemologias, modos de produção de saúde,

alacridade<sup>54</sup>, resistências. É, portanto, força do sagrado, que soprou e sopra nos nossos ouvidos de pessoas africanas em diáspora, até os dias de hoje, quem nós somos, de onde viemos e assim nos mantemos vivos para entender quem somos, e em Sankofa trilharmos para onde devemos ir.

Por vezes nos esquecemos, e(ou) não sabemos dar nomes aos cruzos que nos geram os encontros, partilhas, comuns. Chamei de Encruzilhada do Enraizamento essa força que a ancestralidade nos proporciona de ao identificar os marcadores das africanidades nas vidas de outras pessoas negras, proporcionar encontros com marcadores em nossas próprias vidas negras, o que nos leva para um caminho de volta, um caminho que é o do enraizamento, o caminho da identificação do comum que são nossas raízes ancestrais africanas.

A encruzilhada do Enraizamento produz axé, produz força de vida. Foi isso que produziu em mim. Me encontrar com aquelas histórias de vida, me fez reencontrar com a minha própria história, me fez entender quem sou, valorizar ainda mais a oralidade através das histórias contadas pelas minhas mais velhas, fortalecer ainda mais a minha identidade racial, entender que para além das violências que tentam nos aniquilar, temos em comum potência, ancestralidade, axé, alacridade<sup>55</sup>. Isso me enraizou! Hoje me sinto grande e enraizada, como uma baobá, lembrei de onde vim, fortaleci meus vínculos com minha ancestralidade do plano material e espiritual, minhas raízes estão mais profundas e densas, resgatei memórias esquecidas. Ainda como um baobá que deixa suas folhas caírem para alimentar as raízes, aqui escrevo para deixar marcas nesse chão onde piso, fortalecendo ainda mais minhas raízes e com aprofundamento. E podendo fortalecer e plantar outros baobás por aí, através das Encruzilhadas de Enraizamento que a Psicologia pode proporcionar em outras pessoas negras, a fim de buscar os cruzos em histórias

---

<sup>54</sup> Sandra Petit (2015) brincadeira do corpo-dança afroancestral que tem em seu princípio o ritmo que toma o corpo.

<sup>55</sup> 78 - Palavra de origem latina, sendo a junção de *Alecer* (alado) e *sacer* (sagrado). Muniz Sodré (1988) apresenta o termo como o *movimento do céu* e Sandra Petit (2015) como *a alegria ensejada pelo corpo-dança afroancestral*.

compartilhadas de dor e de potência que possam promover saúde mental através do encontro e fortalecimento das raízes de pessoas africanas em diáspora.

A Encruzilhada do Enraizamento se apresenta como um recurso de auto heteroidentificação étnico-racial, que atua por meio do resgate e despertar das memórias que foram adormecidas propositalmente por imposição do racismo. Reforçando tal entendimento, Glissant (2021) em seus estudos levanta a lógica do rizoma que desenha o entendimento que a identidade não se concentra somente nas raízes, mas nas trocas e relações destas. Com isso, adentrar nossas encruzilhadas se faz necessário para o entendimento e aprofundamento de nossas raízes.

### **Considerações Finais**

Este estudo proporcionou grandes aprofundamentos memoriais sobre as vivências de uma comunidade, abrindo possibilidades para inúmeros desdobramentos de análises dos relatos. Por mais que algumas entrevistas tenham sido aplicadas de modo individual, elas abrem margem para serem trabalhadas tranquilamente em grupo, de forma coletiva para os mais diversos públicos. As análises da Encruzilhada do Enraizamento conectam o povo negro e vivências próximas em seus espaços de dores, resistências e de criatividade. Essas histórias não são somente minhas, mas de certa forma de todo um grupo que ocupa as margens.

Mediante todos os encontros realizadas com as pessoas participantes da pesquisa e o despertar de memórias adormecidas, me proporcionaram um maior entendimento dos meus passos e permitiu um maior entendimento dos caminhos realizados pelas minhas mais velhas e ressignificar um passado que era limitado em lembranças rasas e que estavam se apagando no tempo e em minhas lembranças, além de aprender a dar mais importância para as oralidades, essa

forma da saber que entrega as informações de vidas, espaços de onde habitam, saberes que foram repassados e resistiram e resistem ao tempo.

O entendimento dos meus passos na academia, me permitiu também pensar minha formação, enquanto psicóloga negra e oriunda de escolas públicas e que adentrou uma instituição de Ensino Superior (UFDFPar) no interior do Nordeste brasileiro, e perceber que os componentes curriculares apresentavam um modelo de literaturas e estudos de casos, em suma literaturas eurocêntricas e brancas e que contemplava estratégias de pensar a saúde mental de pessoas brancas, entretanto tais referenciais tratavam de modelos que não tratavam das especificidades de pessoas negras e indígenas, ressaltando nessas colocações que todos merecem um olhar de cuidado e de promoção de bem estar, com isso, merecemos levar o diálogo da Saúde Mental da População Negra e indígena para as salas de aula, espaços esses de formação de todas e não se satisfazendo com as disciplinas optativas e eventos isolados a grupos e diálogos de pessoas interessadas, pois vivemos num país que pouco se reconhece e respeita a diversidade e atravessamos os racimos estruturais, racismos cotidianos e sexistas da vida.

Diante disto, e preocupada com o bem fazer em minha profissão, a Encruzilhada do Enraizamento me proporcionou pensar com outras (os) psicólogas (os) negras, elencar literaturas afrorreferenciadas e pensar nossa prática profissional, junto ao Núcleo de Estudo em Gênero, Raça, Classe e Trabalho – NEGRACT a Primeira Formação em Psicologia Preta/Negra. A Encruzilhada do Enraizamento pode ser utilizada como instrumento de promoção de saúde mental em dispositivos de saúde, em grupos de aquilombamento de pessoas negras, pois acessar marcadores das africanidades em coletivo, pode promover um movimento Sankofa, em que o despertar de memórias e vivências de pessoas negras poderá promover o entrecruzamento de

histórias que levam às raízes africanas. Reconhecer e fortalecer essas raízes é promoção de saúde mental.

### Referências

Asante, Molefe Kete (2009). Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar.

Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 93-110. <https://speciesnae.files.wordpress.com/2015/05/mazama-asante-afrocentricidade.pdf>

Campus, Humberto (1950). *Os "vareiros" do Rio Parnaíba*. Boletim Paulista de Geografia.

[file:///C:/Users/Geice/Downloads/terralivre,+Journal+manager,+BPG\\_5\\_1950\\_Campos\\_49\\_52%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Geice/Downloads/terralivre,+Journal+manager,+BPG_5_1950_Campos_49_52%20(1).pdf)

Carneiro, Sueli (2023). *Epistemicídio racial e o enegrecer*. Caderno intelectualidades Negras brasileiras. Revista África e Africanidades, ano XVII, nº45. ISSN 1983-2354

FETASE - A Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Sergipe (2023). *Marcha das Margaridas*.

<https://fetase.org.br/mobilizacoes/marcha-das-margaridas/>

Freitas, Henrique (2016). *O arco e a arkhé: ensaios sobre Literatura e Cultura*. Salvador: Ogum's Toques Negros.

Fundação Perseu Abramo - Partido dos Trabalhadores (2023). *Quem foi Margarida Alves, inspiradora da Marcha das Margaridas*. <https://fpabramo.org.br/2019/08/14/quem-foi-margarida-alves-inspiradora-da-marcha-das-margaridas/>

Glissant, Édouard (2021). *Poética da relação*. Bazar do Tempo.

hooks, bell (2019). *Teoria feminista: da margem ao centro* Trad. de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva.

- Kilomba, Grada. (2020). Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó.
- Ki zerbo, Josep (2010). História Geral da África I: Metodologia e pré-História da África. Brasília: UNESCO.
- Martins, Leda (2003). Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Letras, (26), 63-81.
- Machado, Adilbênia, F. (2019). Saberes ancestrais femininos na filosofia africana: poéticas de encantamento para metodologias e currículos afroreferenciados.  
<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51976>
- Oliveira, D. Eduardo (2007). Ancestralidade na Encruzilhada. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.
- Oyèwùmí, Oyèrónké (1990) The Invention of Women: making an African sense of western gender discourse. Minneapolis: University Minnesota Press.
- Petit, S. Haydée (2019). Pretagogia: pertencimento, corpo-dança, afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores - contribuições do legado africano para implementação da Lei nº 10.639/03. 1. ed. Belo Horizonte. Nandyala.
- Petit, Sandra H. (2015). Pretagogia: Pertendmento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei nº 10.639/03. Implementação da Lei nº 10.639/03 / Sandra Haydée Petit - Fortaleza: EdUECE, 2015. ISBN: 978-85-7826-258-7
- Sodré, Muniz (1988). O terreiro e a cidade: A forma social negro-brasileira. Petrópolis: Vozes.
- Thompson, Robert Farris (1984). Flash of the spirit, African and philosophy. New York: Vintage Books.

**Estudo 2:** *Memórias da Comunidade Negra - Os Marcadores das Africanidades na Encruzilhada do Enraizamento*

**RESUMO:** O presente estudo apresenta as histórias de vida como modo de produzir informação sobre as vivências num território negro. As entrevistas não diretivas foram baseadas nos Marcadores das Africanidades, de Sandra Petit (2019) e as escrevivências se apresentaram como ferramentas metodológicas afrorreferenciadas. Os resultados possibilitaram o desenvolvimento de três escrevivências e que foram analisadas por meio da Encruzilhada do Enraizamento, permitindo conexões e aprofundamentos entre as vivências das(os) participantes e de minhas mais velhas. As interseções das narrativas se deu devido à proximidade de vivências na periferia das participantes, permitindo com isso o reencontro com histórias de vida, a resignificação das memórias e a nitidez das violências promovidas pelo racismo na vida das pessoas da periferia da cidade de Parnaíba - PI.

**Palavras-Chave:** Vivências. Marcadores das Africanidades. Encruzilhada do Enraizamento. Escrevivências.

## Introdução

*Se o inconsciente é uma folha em branco, um capítulo censurado, o inconsciente histórico brasileiro deverá ser buscado principalmente nas regiões esquecidas da cultura negra.*

(Muniz Sodré, 1988, p. 65)

Pensando nessa frase do professor Muniz Sodré (1988) me lancei na busca desse inconsciente do povo negro, nas regiões esquecidas nas periferias, favelas e subúrbios das nossas cidades. Falo desse lugar, sou uma mulher negra periférica tentando ocupar espaços sociais (por enquanto meio acadêmico através da realização desse mestrado, exercício da profissão de Psicologia, empreendedorismo através da confecção e venda de cosméticos naturais). Contar nossas vivências não é fácil, pois desde cedo fomos ensinados a reconhecer como legítimo apenas os modos de vida diferentes de nossas realidades. Em muitos espaços sociais onde convivemos, nos damos conta que existe um padrão de comportamento, escrever, falar, dançar, e até como ser mulher numa sociedade aos modos eurocêntricos. Então quando se é uma pessoa negra, e mais, uma mulher negra em diáspora, o nosso existir tem dois caminhos: 1. Nos mutilar e deixar de lado nossa cultura e modos de vida, para se tornar mais humano (branco); 2. Se rebelar, resgatar nossos valores, cultura, filosofia, modos de vida e correr o risco do silenciamento, exclusão e genocídio, mas ao mesmo tempo, enquanto houver vida, honrar nossa ancestralidade que nos trouxe até aqui. Resolvi abrir mão do primeiro caminho que trilhei por longos 30 anos, e caminho agora, há 4 anos (desde que adentrei o Núcleo de Estudos sobre

Gênero, Raça, Classe e Trabalho - NEGRACT), pelo segundo, sempre receosa do que vem pela frente, mas com uma força espiritual e ancestral que nunca tive.

É uma transgressão a esse sistema, assumir quem realmente somos. Resignificar o que foi e é apresentado de forma incessante pela branquitude, através do movimento de *sankofa*<sup>56</sup>, nos faz seguir nossa caminhada firmes e fortes, sem nunca deixar para trás os saberes e experiências de vida do povo negro, pois são memoráveis a potência de vida e a força motriz que nos possibilita não esquecermos quem somos, de onde viemos e para onde podemos/devemos seguir, considerando nossas *agências*, que de acordo com Asante (2016) é a busca por consciência de nossas culturas, histórias para o avanço do povo preto. Nesse sentido podemos, assim, conquistar nossas liberdades por meio dos aprimoramentos dos nossos recursos psicológicos e culturais (Asante, 2009).

Desse modo, este estudo partirá, portanto, de nossas agências e possibilidades criativas de nos entender e rever nossas formas de ser em território negro afrodiaspórico. Como pesquisadoras nos desafiamos e soltamos as correntes do saber academicista, universalista e social branco, que nos julgam essencialistas, para buscar uma escrita baseada em saberes que falam mais de nossos iguais, baseadas nas nossas existências. Esses saberes não foram registrados nos livros, se orientam, principalmente, pelas oralidades, pelos encontros e desencontros nas encruzilhadas, no perder dos rumos do crescimento e firmeza das raízes. A professora nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí (2004) já aponta em seus estudos que existe uma tentativa por parte da Europa em impor uma única hegemonia cultural branca em todo o mundo. Um movimento que não hesita em aniquilar outras culturas e existências não europeias e negras. Uma das formas mais potentes desse aniquilamento é por meio do rebaixamento de outras

---

<sup>56</sup> Referente ao movimento gerado pela ave ancestral que volta seu pescoço para trás, que significa seguir em frente, mas sem deixar o passado para trás.

culturas e de seus saberes. Grada Kilomba (2020) considera que o crivo da validação dos nossos saberes não deve ser feito pela branquitude, pois ferimos suas normas e lógicas de serem o centro do mundo, por isso os diversos questionamentos e desconfianças aos nossos saberes e modos de existir, eles nos querem nas margens, com máscaras amordaçando nossas bocas, na figura de objetos para seus deleites referenciais como pensadores brancos. O preço que a Europa paga ao se colocar como universal só foi possível à custa de muita destruição, negação, epistemicídio dos povos considerados por estes inferiores e de suas centralidades (Adilbênia Machado, 2019).

Salientamos que nesta caminhada as encruzilhadas foram criando raízes e conexões que ligaram vivências de meu cotidiano com o cotidiano da comunidade que nos lançamos a conhecer e refletir seus corpos em um bairro periférico negro e histórico da cidade de Parnaíba. Curiosamente Parnaíba ainda mantém forte a glorificação dos antigos coronéis pecuaristas e militares (escravocratas) em monumentos, nas praças públicas e ruas da cidade, ao mesmo tempo silencia, folcloriza, exclui e mantém apagado o legado dos povos africanos em diáspora. Com isso, nos desafiamos a adentrar um bairro antigo e periférico da cidade, onde há um grande contingente de pessoas negras, a fim de ter contato com suas experiências e compreender seus enraizamentos por meio da percepção dos Marcadores das Africanidades propostos por Sandra Petit (2019), pois como herança histórica da colonização, os bairros periféricos são majoritariamente negros e cultivam muitos marcadores. Segundo a autora, a identificação dos marcadores é eficiente para a identificação das influências culturais africanas e afro diaspóricas, frente às realidades brasileiras.

Esses marcadores são aspectos que não foram destruídos com a escravização e que possibilitaram estarmos aqui, pesquisadoras pretas, em busca de demarcar e reconhecer a potência de resistência e (re)existências do povo negro.

Com isso, objetivamos, com esse estudo vinculado a pesquisa de dissertação “ Vivências de Pessoas Negras na Periferia: Os Marcadores das Africanidades na Encruzilhada do Enraizamento”, compreender as encruzilhadas entre as memórias coletivas e ancestrais, saberes, fazeres e dizeres marcadores das africanidades de pessoas negras de um bairro periférico da cidade de Parnaíba e da minha experiência de vida com minhas mais velhas.

### **Odu: O Caminho se Conhece Caminhando**

Considerando as múltiplas possibilidades e interseções entre os caminhos dos participantes e da pesquisadora, desenvolvemos um método de análise dos dados que chamamos de Encruzilhada do Enraizamento, visto que na encruzilhada entre as vivências periféricas foi possível identificar marcadores que resgatam raízes de africanidades na periferia e apresenta-las no formato de Escrivivência. A possibilidade dessa escrita, foi possível após a liberação do estudo pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), parecer número: 5.001.208, CAAE: 50913920.0.0000.5214.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa de matriz etnográfica afrorreferenciada pesquisa-intervenção e sua construção foi acontecendo à medida que fomos experienciando o território.

### **Caminhando pelas margens do Igarauçu**

Durante o período de um ano, me deixei levar pelos movimentos da comunidade do bairro São José e Mendonça Clark, ambos às margens do Rio Igarauçu e circundante ao centro da cidade de Parnaíba. Eu e minha orientadora nos lançamos a conhecer as vivências das pessoas mais velhas negras e identificar os Marcadores das Africanidades existentes no local. Inicialmente as visitas se concentravam no acompanhamento do *Grupo Idoso Feliz* no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) – Mendonça Clarck. O grupo foi criado pelo

dispositivo para oferecer acompanhamento sócio assistencial e qualidade de vida para o público idoso com idade a partir dos 60 anos.

Durante os encontros no CRAS percebemos que a maior parte dos idosos tinham uma relação muito próxima com o artesanato, era para muito deles o meio de sustento atual ou de um passado próximo. Essas pessoas costumavam levar seus artesanatos e contavam um pouco de suas habilidades criativas nas reuniões. Levavam desde artes com fuxico<sup>57</sup>, guardanapos bordados, calcinhas, etc. Diante desse cenário, resolvemos compartilhar uma oficina de bonecas abayomi, pois além de poder trocar sobre uma arte elaborada por mãos negras, poderíamos também conversar um pouco sobre suas vivências e histórias de vida. Tivemos outros momentos em coletivo, nas aulas de dança e nas rodas de conversas realizadas nas dependências do CRAS, em seguida os encontros passaram a acontecer de modo individual. Quando acabavam as rodas, por vezes eu saía a caminhar com elas para onde estivessem indo, geralmente até a feira do bairro. Após o primeiro mês de encontro já tínhamos identificados idosos que poderiam contribuir para o estudo e partimos para as visitas em dias e locais combinados. A ideia inicial era um trabalho em coletivo, no entanto, entendemos que o caminho se faz caminhando: ao longo do estudo vicissitudes referentes às fragilidades do bairro, como os adoecimentos por COVID-19, chikungunya, brigas entre facções pelo tráfico de drogas, impossibilitaram que realizássemos atividades em coletivo naquele momento.

---

<sup>57</sup> Artesanato no formato de pequenos círculos que utiliza retalhos para compor objetos de decoração e vestuário.



*Figura 1: Roda de conversa – Grupo Idoso Feliz. Fonte: Arquivo pessoal*



*Figura 2: Aula de dança – Grupo Idoso Feliz. Fonte: Arquivo pessoal*

### **Encontros na encruzilhada**

Nesta pesquisa contamos com a participação de muitas narrativas, foi a encruzilhada entre o experienciar do território que nos lançamos a investigar através das histórias de vida de pessoas idosas negras e suas vivências da comunidade com as memórias compartilhadas por minhas mais velhas, mãe, avós e tias em suas histórias de vida nos territórios periféricos. O

termo encruzilhada trabalhada neste estudo tem como operador e sentido a lógica pensada pela professora e ensaísta Leda Martins (1997) que entende as encruzilhadas como as inúmeras possibilidades de entendermos o trânsito sistêmico e epistêmico das identidades afro-brasileiras, uma vez que para a autora entende a cultura negra como uma cultura atravessada pela cultura das encruzilhadas e tendo como seu mediador o orixá Exu Egbara o senhor dos caminhos, encruzilhadas, portas e fronteiras.

Tais vivências foram resgatadas da minha memória e das histórias compartilhadas por minha mãe e tias, por meio de boas conversas de resgates de memórias felizes e(ou) dolorosas que ficaram registradas em seus corpos e subjetividades, seja através dos álbuns de fotos retirados das gavetas empoeiradas, ou mesmo se proporcionando reviver bons momentos já vivenciados em um passado distante, como fazer e se deliciar com o velho chocolate quente (receita de vó). Tais encontros nos despertou o interesse em apresentar os resultados no formato de Escrivivências, baseado no que Conceição Evaristo (2020) apresenta como escrita de nós com um toque dos atravessamentos da autora e de seu meio coletivo.

As vivências com as(o)s participantes do bairro São José<sup>58</sup> e Mendonça Clarck<sup>59</sup> foram cruciais para o despertar de minhas memórias, à medida que caminhava as encruzilhadas me

---

<sup>58</sup> Segundo Caio Passos (1982) o nome do Bairro São José foi criado por lei municipal para homenagear o santo São José. Mas anterior a isso o bairro recebeu outros nomes, sendo chamado inicialmente de Tucuns, referente a palmeira abundante no local. Com o tempo foram construídas as primeiras moradias com a palmeira e originando a primeira rua do local, rua do Tamancão, nome dado aos calçados dos primeiros moradores que usavam tamancos grandes o suficiente para andar nas condições dos solos alagados. Os primeiros moradores eram compostos por vareiros, canoieiros e pescadores. Com o tempo o local foi reconhecido pela sociedade como Bairro dos Tucuns, local de pessoas alegres e trabalhadoras.

<sup>59</sup> Segundo a obra “Cada rua Sua História” do autor Caio Passos (1982), o nome do bairro Mendonça Clarck foi dado em 6 de março de 1967 por meio da Lei Municipal da cidade de Parnaíba. Membro de tradicional família Clarck. Antes do bairro receber o nome Mendonça Clarck o bairro era chamado pelos populares de Quarenta. A situação que originou o nome Quarenta era referente ao modo de uma mulher e sua filha pronunciarem o valor cobrado pelos serviços de prostituição, na qual pronunciavam “é só corenta”. Segundo o autor a mulher tinha por característica ter a idade avançada, corpo gordo, negra e ser baixa, já sua filha que também estava seguindo os passos da mãe era uma jovem atraente e bonita. Atualmente o bairro é bem saneado, tem sistema de escoamento de água e esgoto e um grande canal que escoas as águas da chuva diretamente no Rio Igarapu.

chegavam, as conexões surgiam, a vida daquelas pessoas era parecida com as minhas. Entendi que tinha algo em comum: éramos pessoas negras e periféricas, nossas vivências se aproximavam. Não nos limitamos às histórias de mulheres negras, homens negros também foram escutados. Temos algo em comum: somos um povo, não tenho como me entender a partir da vivência de meio povo, sendo tal movimento apontado por Clenora Hudson (2020), como Mulherismo Africana, que pensa o gênero em sua concepção de raça e a busca do equilíbrio e harmonia de todos na comunidade, tendo o termo Africana um sentido mais amplo e contemplando um sentido plural tanto para mulheres quanto para homens. Em Ladner (1972) mulheres negras não concebem os homens negros como seus inimigos, pois entendem que tem um inimigo em comum: as forças opressoras sociais que subjagam homens, mulheres e crianças pretas, o Racismo Estrutural. No encontro com negras(os) todos de certa forma, estavam em minhas vivências. Muitas informações foram captadas por meio de conversas informais nas recepções, momentos de dança, rodas, cais pesqueiro, caminhadas, entre uma atividade e outra com os moradores da comunidade ou nos encontros em suas residências.

### **Oralidades e resgate das memórias<sup>60</sup>**

Após o levantamento bibliográfico, sobre a região de estudo, fizemos uso de Entrevistas não-diretivas, baseadas nos itens listados por Sandra Petit, trazendo os Marcadores das Africanidades registrados em sua obra *“Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral Africana na formação de professoras e professores - Contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/2003”* (2019), aplicadas de modo não sistemático, ressaltamos que a listagem dos Marcadores das Africanidades elaborados num curso

---

<sup>60</sup> Faculdade de recordar o que foi vivido. Em Memórias da Plantação a autora Grada Kilomba (2020) trabalha o aspecto memórias de mulheres negras a partir de suas vivências de racismo cotidiano no qual a autora traça um cruzamento entre as situações alimentadas inicialmente nos períodos coloniais e que se refletia na atualidade na vida de pessoas negras.

de formação promovido pela professora Sandra Petit como um recurso pedagógica para auxiliar professoras e professores em sala de aula, entretanto como pesquisadoras negras reconhecemos suas potencialidades para outros campos, como na promoção e reconhecimento da ancestralidade de pessoas negras.

Ressaltamos que diferente do método original no qual as/os mediadoras/es estimulam nos participantes a identificação dos Marcadores da Africanidades por meio de ações práticas e estímulos ao despertar do pertencimento africano, no nosso estudo, tais identificações ficaram por conta das pesquisadoras em perceber a presença desses marcadores nas devolutivas das entrevistas dos participantes, o que foi possível.

Dentre as dez entrevistas aberta e semiestruturada aplicadas aos usuários participantes do Grupo Idoso Feliz e moradores dos bairros, selecionamos três entrevistas de mulheres negras, com longa vivências nos territórios periféricos, o que possibilitou perceber um cruzo com a minha história de vida com minhas mais velhas em seus processos de vida, resistência e (re)existência. Os personagens masculinos presentes nas escrivências correspondem aos atravessamentos vivenciais nas vidas das participantes escolhidas para o estudo e de histórias trazidas pelas minhas mais velhas em seus cotidianos.

### **Análise dos dados**

As análises seguiram os caminhos de uma encruzilhada de Exu. Tínhamos conosco falas, relatos e vivências das pessoas idosas negras registrados nas gravações de áudio e nos diários de campo, e por outro lado surgiram memórias que se deram pelo contato com aquela realidade, e pela oralidade, escuta e observação das minhas vivências com as minhas mais velhas. Provocada pelas palavras de Ki-zerbo (2010) na sua obra Metodologia e Pré-História sobre o perigo de não viver suas histórias, pois sujeita a pessoa a viver outras raízes que não as suas e consequências

para as futuras gerações, sendo necessário um constante exercício de renúncia dessas raízes outras. Na busca de seguir uma perspectiva afrorreferenciada optamos por utilizamos como ferramenta de análise dos dados o que chamamos de Encruzilhada do Enraizamento, um método etnográfico e afrorreferenciado que surge a partir do encontro das vivências periféricas das participantes da pesquisa com as memórias despertadas em mim ao longo do processo de pesquisa e que possibilita, portanto, o encontro com a própria escrevivência a ressignificação das memórias e o fortalecimento das raízes. Ao longo do processo e desse estudo, foi possível se perder e se encontrar, foi dolorido resgatar memórias, mas ao mesmo tempo libertador ressignificá-las, identificar os marcadores das africanidades nas encruzilhadas entre aquelas histórias de vida e a minha história possibilitou renunciar as raízes dos outros, e se enraizar, para se sustentar melhor, afinal uma árvore com raízes profundas supera com mais facilidade as intempéries da vida, se sustenta saudável e viva por mais tempo. Quanto mais ramificações tiverem as raízes de uma árvore e mais aprofundamento, maiores as possibilidades de sustentação. Os encontros entre histórias vividas por pessoas negras, a identificação e a compreensão dos Marcadores das Africanidades, provocam uma ressignificação do ser negro e um enraizamento, o que denominamos, portanto de Encruzilhada do Enraizamento. Falar de Encruzilhada do Enraizamento é falar de produção de saúde mental para pessoas negras.

A partir da encruzilhada das narrativas das vivências das pessoas participantes, minhas, de minhas mais velhas, e comunidade, desenvolvemos três Escrevivências no formato de conto: Tia Adisa, Amada e as Cordeirinhas. Cada Escrevivência apresenta encruzilhadas, interseções (ligações) de vidas de mulheres negras, que pelos rumos de suas caminhadas, tiveram situações que carregavam fortes Marcadores das Africanidades em suas vivências: seja nos racismos perpetrados e sofridos (de solidão da mulher negra; violência sofrida; vivências de

vulnerabilidade em lugares periféricos); nas formas de viver e laços de solidariedade (relações com a comunidade, cuidado com os seus); na relação com a natureza; na religiosidade preta e espiritualidade; na negritude e força de resistência (estratégias de sobrevivência), etc (Tabela 01, pág. 44). Ressaltamos que optamos nesse estudo por dar nomes africanos para as(os) personagens, a fim de devolver o que foi roubado, porque para além de ter seus costumes, religião, valores, cultura, filosofia roubados, teve também seu nome trocado por nomes europeus. Reconhecer os Marcadores das Africanidades nessas vivências e devolver o nome africano para essas pessoas negras é um movimento de enraizamento preto dessa encruzilhada. O povo africano, pelo processo de escravização pelo ocidente foi obrigado a receber nome cristão, branco, europeu e por vezes era apenas um número, como forma de objetificar e dominar e consequente distância de suas raízes, de sua ancestralidade e de seu povo. Estamos aqui para devolver o que foi tirado. Devolvo pra mim, devolvo para os meus familiares e devolvo para aquelas pessoas negras da comunidade que me acolheu.

## Resultados

### *Escrevivência 1 - Tia Adisa<sup>61</sup>*

Sempre passava tímida perto da tia Adisa, sem saber como puxar conversa, mas com imensa curiosidade em entender o que levava aquela mulher negra, que sempre se mostrava tão forte, a acumular tantas coisas dentro e fora de sua casa. A sua casa era muito grande e com muitos quartos, para quem quisesse chegar e descansar. Tia Adisa não ligava em saber se seriam sobrinhos ou irmãos que chegariam e estenderiam a rede no meio de sua sala, ela parecia gostar

---

<sup>61</sup> Adisa: Significa – nos ensinará. Nome próprio masculino, comum nos povos Ashanti - Gana (No conto o nome foi aplicado a uma personagem do sexo feminino em decorrência do lindo significado que a personagem apresenta e potência de sua caminhada). <https://www.geledes.org.br/significados-dos-nomes-proprios-africanos/>

do entra e sai de pessoas, pois a porta de sua casa estava sempre aberta. A sua casa de barro tinha uma estrutura comprida, baixa e apresentava pequenas janelas laterais de madeiras. A iluminação era tão baixa que para visualizar o que tinha em alguns cômodos se fazia necessário ligar as lâmpadas. Em alguns cantos era fácil visualizar espirais, eram os sacos para fazer linguiças caseiras. As linguiças era um sucesso e conhecida por toda família, pois para além da carne, elas eram recheadas com um toque especial de seu tempero e gorduras de porco e ficavam secando até o dia que batia a necessidade de uso ou em momentos especiais como casamento, batizado de algum sobrinho ou afilhado. Quando se passava muito tempo, a carne secava e as tripas furavam, possivelmente buracos feitos pelas moscas, mas nada que estragasse o sabor e o aroma da conserva, promovida pelo seu tempero. Certa vez, a tia Adisa soube do casamento de sua irmã, resolveu presenteá-la com uma porção generosa de linguiças caseiras. Assim que soube, correu para comprar carne e prepará-las a tempo do dia do casório.

Tinha medo de entrar sozinha na casa da tia Adisa, tinha medo do escuro e me sentia perdida em seus corredores. Sempre preferia ficar na sala, assistindo a TV de tubo em preto e branco. Todos gostavam de acompanhar as novelas em sua casa, poucas pessoas da vizinhança tinham TV. Os pequenos sentavam no chão no tapete de couro de boi, os mais velhos nas cadeiras de espaguete e outros disputavam a janela. Era uma barulheira, silenciada somente no pedido das mais velhas ou da dona da casa.

A solidão da tia Adisa era justificado por terceiros, ao falar que ela não queria homem e nem filhos, mas, ela ouvia e acompanhava as tentativas dos outros em entender a sua vida, sempre com um cigarro na mão, um café bem quente na outra e um sorriso de deboche. Na verdade, tia Adisa ajudou a cuidar de todos os seus sobrinhos, afilhados, irmãos e mãe, e por mais que questionassem, o que era quase um padrão para época, tia Adisa não demonstrava ligar

para as inúmeras intromissões de como uma mulher deveria seguir seu dito desenvolvimento de provedora de filhos e de fantasiosa completude de um homem em sua vida, ela era uma grande mãe para todos. Ela sabia que não fazia sentido aquelas cobranças de suas irmãs, mãe e colegas da vizinhança uma vez que tinha consciência de que todas elas eram mulheres pretas, pobres, mães solo e periféricas, que se viravam para cuidar um dos outros como podiam, muitas vezes sem a participação financeira do sexo oposto, eram elas por elas. Todos os dias tia Adisa acordava cedo e fazia o café de todos e descia para o Rio Parnaíba, levando sua tarrafa, vara de bambu, balde e o ango de massa de milho, um grude liguento e firme o suficiente para não soltar da ponta do anzol e não dar de graça para as piabas do grande rio de águas barrentas. Quando a pesca era boa, ela descia para a feira, cuidava de tratar e ticar os peixes e colocar nos cambos de peixe<sup>62</sup> presos na embira de tucum (*Bactris setosa*), e vendia tudo. Os peixes sobravam, salgava e colocava para secar no sol, sempre tinha peixe seco em sua casa, sua casa tinha cheiro de peixe e sal. Com seu chapéu de palha e roupas largas, corria para voltar um pouco antes do sol escaldante de Teresina do meio dia. Sempre que sobrava um trocado, tia Adisa, descia as ruas da Matinha e comprava na casa da pescaria na beira do Rio Parnaíba umas cabeças de peixe do mar, grandes e carnudas pra fazer um caldo suculento e atingir uns de seus pequenos prazeres em vida que era chupar as grandes carcaças. Não tinha valor que pagasse essa sensação. Amava caldo quente com bastante tempero e cheiro verde, tinha que ser seu preparado de tempero seco, com tantas outras especiarias combinadas. Muitas vezes presenteava as visitas, parentes com as garrafadas e todos agradeciam e falavam muito bem do cheiro e do sabor.

Apesar de ser considerada desleixada por algumas pessoas, muitas vezes a via descendo e subindo as ruas de baixo do tradicional sol escaldante da cidade do sol. Tia Adisa pelo contrário

---

<sup>62</sup> Cambo de Peixe: Fibra de embira, geralmente de palhas de tucum, com pequenos peixes, tratados e ticados (cortes laterais), organizados numa certa quantidade para venda.

era muito vaidosa e gostava de estar com suas unhas sempre bem pintadas e com os cabelos crespos e volumosos no bob ou preso nas presilhas, formando o chamado caracol de presilhas, estratégias que aprendeu desde moça para amenizar as críticas em relação ao cabelo, que sempre vinham das ex-patroas, especialmente de uma época que prestava serviços nas casas dos brancos do centro de Teresina. Em um desses episódios, tia Adisa, que era conhecida por preparar bons banquetes, contou que foi contratada para preparar um banquete de Natal, recebeu um porco, dois perus bem carnudos, uma dúzia de pombos e duas frangas bem carnudas. Junto ao contrato veio a observação de que precisava ser higiênica com tudo, portanto, precisava prender os seus cabelos. A justificativa: seus cabelos crespos soltos eram motivo de nojo. Tia Adisa respirou fundo. Ela sabia que não podia dispensar aquele contrato, pois contava com aquele dinheiro para o Natal de sua família. Seu sobrinho, Erasto<sup>63</sup>, gostava de ajudar a preparar os banquetes. Na maioria das vezes ele era quem matava e preparava as galinhas caipira e peixe. Quando soube, Erasto ficou muito revoltado, e falou que iria soltar todos os pombos, pois achava injusta a exigência que a família estava fazendo para Tia Adisa. Tia Adisa o repreendeu. Explicou sobre a necessidade do dinheiro para eles. Além do mais, muitas vezes o que sobrava desses banquetes ela levava de volta para casa, pois o que não faltava era boca em sua casa pra se lambuzar de suas comidas.

Tia Adisa costumava recolher coisas que encontrava no lixo, desde latinhas para reciclagem até as sobras dos pequenos mercadinhos. Ganhava muito desapego de seus conhecidos de bairro, sempre recebia roupas usadas, brinquedos, móveis velhos, retalhos e alimentos. Ela juntava tanta coisa, que foi preciso fazer um puxadinho no fundo de sua casa para guardar tudo. De início poderia assustar quem entrasse e visse aquela montanha, mas era sabido

---

<sup>63</sup> Erasto: Significa o homem da paz. Nome próprio masculino da África do Sul.  
<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/nomes-africanos-femininos-e-masculinos/>

que quem chegasse em sua casa precisando de algo, ela dava um jeito de presentear com uma roupa que antes estava no lixo, mas agora estava limpinha e remendada, ou mesmo com um quadro de bicicleta que anteriormente se via sem serventia. Tia Adisa tinha o dom de cuidar dos seus, da forma dela, e presentando seus parentes com aquilo que antes era lixo e se transformava na solução do problema e na alegria nos olhares das crianças da comunidade, que ganhavam sempre brinquedos daquela tia que recebia a todos que chegavam. Ela tinha sempre em mãos os brinquedos do dia das crianças, dos aniversários ou mesmo do Natal. Tia Adisa sabia que de alguma forma aquilo que estava no lixo poderia ajudar alguém próximo a ela, uma vez que vivenciavam muita pobreza.

Tia Adisa gostava de se arrumar, mas não tentava corresponder aos padrões de beleza de sua época e nem disfarçar as ações do tempo em sua pele, pra ela tinha momento e tinha hora de se arrumar ou mesmo se aprumar como gostava de dizer, “só me apronto em datas importantes ou mesmo para missa de domingo”. Fazia questão de ficar com roupa limpa, com as unhas pintadas, usar batom e passar sua loção de alfazema, “sou assim desde moça e não vejo problema, deixo a semana pra trabalhar e cuidar dos meus afazeres”, dizia “não devo satisfação a ninguém” em tom de segurança sobre o que estava falando. No domingo se arrumava bem cedinho, colocava sua saia branca, uma blusa bem engomada, sua sandália de couro e penteava seus cabelos com o seu melhor azeite. Moldava seu penteado com grampos de presilhas e saia, sempre no mesmo horário, para sentar nos primeiros bancos e acompanhar a missa

Tempo vai, tempo vem e a mulher negra que sempre andava com um cigarro na mão e uns punhados extra de sal nas veias não aguentou a pressão e morreu. Foi infarto, não teve jeito. Foi uma mistura de gritos inconformados e correria para ajeitar a sala para receber o seu corpo no caixão para passar os últimos momentos na sala que antes nos reuníamos para assistir TV. No

quintal se acumulavam bacias com água e flores para serem levadas ainda frescas para o cemitério. Curiosamente, foi naquele momento difícil que alguns parentes começaram a entender a lógica de serventia das coisas que tia Adisa em vida colocava em prática, foi caixote de madeira de feira servindo de cadeira para o tanto de gente que chegava de longe ao sustento do caixão, foi castiçal de velas um pouco amassado que lembrava bronze no altar de sala que dava um requinte de glamour e livretos velhos de músicas e orações que ela fazia questão de guardar, foi uma despedida triste, mas não faltou cantoria e a famosa ladainha de Nossa Senhora cantada num latim que encantava os ouvidos de quem ouvia. Chás e cafés eram preparados a todo momento e lavados para servir a grande quantidade de pessoas que chegavam para dar o último adeus para tia Adisa. Em outro canto do quintal, debaixo de uma mangueira, estavam os homens mais velhos. Eles tinham cocos verdes, que passavam de mão em mão. Era cachaça, o cheiro de álcool entregava.

À medida que o tempo ia passando as mais velhas prepararam um vinagre num pirex de louça e colocaram na altura de sua barriga, segundo elas, serviria para conservar o seu corpo, não tinha formol ao alcance da renda familiar. Como o corpo de tia Adisa não podia esperar, quem pode lhe visitar e dar seu último adeus, viu, quem não foi, perdeu! O cemitério era pertinho de sua casa, todos seguiram em cortejo a pé e aqueles homens que tanto bebiam deram as honras de carregar pela última vez aquela mulher que não parecia findar, pelo menos não se esperavam sua morte. O silêncio ao chegar no cemitério só foi quebrado quando bateu a dúvida quanto a direção que o caixão seria colocado na cova, foi defesa para colocar a cabeça voltada para a direção do sol e outros na defesa de colocar a cabeça na direção da cruz, foi quase um bate-boca, acalmado pela voz da experiência de uma mais anciãs(ões) que acompanhava o cortejo que afirmou em

bom tom “os pés ficam na direção do nascer do sol, ficando ao final a cruz fincada na direção dos pés de Tia Adisa.

Meses após seu sepultamento, grande era a aflição de seus familiares em decidir sobre como começar e o que fazer com tantas coisas acumuladas. Foram meses e meses para limpar toda a casa. Ninguém demonstrou interesse em ocupar o seu antigo lar, que se localizava nos fundos da casa de sua mãe. Muitas coisas foram doadas, mas a maioria voltou pro lixo, coleções de frascos de vidros de loção vazios, restos de tecidos, esmaltes velhos com validade vencida, caixotes de madeira, roupas e muitos objetos não identificados. Passei uma vida pensando que tia Adisa tinha problemas da ordem de sua saúde mental, após as andanças em bairros periféricos minha imaginação inquietante resgatou Tia Adisa. Aquela mulher preta pobre deixada na marginalidade encontrava no lixo a sua potência, reconhecimento e autoestima e empregava a sua criatividade e amor reciclando, reutilizando e ressignificando o que não tinha mais serventia para os que a deixaram à margem. A gente gostava tanto dos presentes da tia Adisa. Então, vem tia Adisa, em Lélia Gonzalez (1984) agora “O lixo vai falar, e numa boa”.

### *Escrevivência 2 - Amara<sup>64</sup>*

Amara ligou a máquina de costura e com firmeza no pé passou a coser umas blusas de uma cliente que morava a poucas quadras de sua casa. Boa costureira, costurava para os outros, ganhava tão pouco, quase nada, não dava nem para investir no seu próprio atelier. Costurava desde criança, aprendeu com a tia de consideração. Começou ajudando a fazer alinhavo de pernas de calça e com o tempo já tentava costurar suas próprias roupas com as sobras de retalhos da tia.

---

<sup>64</sup> Amara: Significa – Graça, Misericórdia. Nome próprio feminino de origem Igbo (Nigéria). <https://www.geledes.org.br/52-nomes-africanos-femininos-e-masculinos-para-o-seu-bebe/>

Aprendeu cedo o ofício de costureira. Ainda mais cedo teve que assumir a condição de cuidar dos filhos da tia de consideração, para isso foi levada ainda criança por sua tia, para a cidade que ficava no outro lado do rio, motivada especialmente na promessa de um melhor estudo e se tornar uma doutora, mulher estudada e na ajuda da tia receber uma pequena ajuda financeira para mandar para seus pais. No seu tempo a vida de sua família não era fácil, pouco tinha para comer e a opção de ceder os filhos para “conhecidos” era uma prática que muito se repetia naquela época entre famílias pretas e pobres. Então, Amara com 7 anos, ainda muito pequena em estatura foi cedida para a tia. Foi para o outro lado do rio em busca de uma vida melhor. Com os passar dos dias, já na casa daquela que seria sua protetora, Amara passou a ser tratada como uma adulta em miniatura, sendo a primeira a acordar e a última a dormir, acordava às 4 horas da manhã pra fazer o café, preparar cuscutz e ir à feira. Antes das 7 horas da manhã já tinha que ter voltado da feira com uma cesta enorme de compras. Suas pernas eram muito curtas e andar numa monark para adulto era um desafio a mais. Estava matriculada na escola. Ao voltar da feira seu destino era a escola. Seu cansaço a impedia de prestar atenção na aula, às vezes dormia ainda de manhã sob a mesa da escola, não conseguia absorver as informações repassadas em sala de aula.

Os filhos da tia estudavam na mesma escola e alguns tinham a mesma idade, outros eram mais novos e outros mais velhos. Eles não a tratavam como uma criança. Foram ensinados a assimilar que ela não era igual e às vezes entregavam seu desempenho para a sua tia. Um dizia: “Mãe, a Amara não sabe de nada”, o outro: “mãe, a Amara fica dormindo na sala”. Amara não tinha bom desempenho na escola. Sua tia não tinha limites, pedia ou cobrava Amara, mesmo estando em horário de aula, para deixar recados, encomendas ou mesmo para voltar para feira para buscar alguma coisa que Amara tinha esquecido. Era embaraçoso para a pequena, pois ao

tempo que precisava estudar, tinha uma série de afazeres que competiam. Se questionasse ou não conseguisse fazer algo, de modo que atendesse sua tia, era punida fisicamente. A educação de Amara, foi ficando de lado para que ela desse conta dos cuidados de tudo e de todos, passou a cuidar também dos outros filhos que iam nascendo de sua tia. Trocava, lavava fralda e fazia comida para todos, só não conseguia mesmo era acompanhar a escola. Acabou absorvendo a ideia de que sua cabeça não dava para os estudos. Enquanto isso os seus primos, os filhos da tia, seguiam seus estudos para um dia serem doutores, e para Amara esse sonho foi se tornando cada dia mais distante.

A pequena adulta Amara se divertia mesmo, era quando descia para o Rio Parnaíba. Lavava as trouxas de roupas e esperava secar, e lá aproveitava para lavar os cabelos, encontrar e conversar com as colegas. Compartilhavam muitas histórias suas e de outros e sorriam juntas. Muitas garotas também lavavam roupas nas pedras dos rios e acabavam fazendo amizade, pois tinham em comum não apenas *a pele da cor da noite* de Vanda Machado (2013), se entendiam na linha de dor que atravessava suas vidas. No final da tarde ela cuidava de engomar as roupas, e passar goma especialmente nos paletós de seu tio: “era tanta goma, que podia soltar, que ficava em pé”. Preparava o carvão para colocar dentro dos pesados ferros de passar a brasa, seus pequenos bracinhos ao final do dia ficavam sem força e doloridos.

Passado o tempo, Amara foi crescendo e ali no bairro Matadouro, Akin<sup>65</sup>, um jovem alto, magro e negro e com um estilo Soul anos 70 (roupas e cabelo) passou a alimentar curiosidade em saber quem era aquela moça baixinha e graciosa, que diariamente passava na rua de sua casa pra cima e para baixo, quase que correndo com sacolas ou acompanhada com um monte de criança em sua volta. Estava evidente que ela era cuidadora deles. Akin se engraçou da moça. Muito

---

<sup>65</sup> Akin: Significa - o guerreiro, o corajoso ou o herói. Origem Iorubá. [www.geledes.org.br/52-nomes-africanos-femininos-e-masculinos-para-o-seu-bebe/](http://www.geledes.org.br/52-nomes-africanos-femininos-e-masculinos-para-o-seu-bebe/)

esperto, deu logo um jeito de provocar um encontro com a moça. Avexou-se para conquistá-la. Numa certa noite, Amara estava com os filhos da tia numa pracinha da cidade, Akin tratou de se aproximar. Ele conhecia alguns dos meninos, pois brincava na rua com eles, o que facilitou sua aproximação. Chegou cumprimentando todos e um com sorriso meio tímido, puxou conversa como se fosse íntimo daquele grupo. Com jeito se aproximou de Amara e sem enrolar, foi direto ao ponto. Amara assustada com tamanha rapidez do rapaz, cuidou logo de dispensar. Ela sabia que aquele rapaz poderia ser seu namorado, mas temia os possíveis atritos que ele poderia acarretar em sua vida. Ela explicou para Akin que sua tia não permitia que ela namorasse e não sabia as verdadeiras consequências. Nessa conversa o nervosismo batia forte nos dois jovens, as mãos tremiam e a conversa misturou tons de medo e ousadas coragens. Se encontraram outras vezes. Daquele primeiro encontro em diante, era um planejamento sem fim, em especial, partindo de Akin em querer se apresentar para a tia de Amara e firmar uma relação séria.

Amara permitiu que Akin se apresentasse, ela já gostava dele. Akin criou coragem, colocou sua melhor roupa, perfume e ajeitou o penteado e pôs-se a encarar a fera. Chegou cedo da noite, não morava longe da casa da tia de Amara. A tia já desconfiava da movimentação, seus filhos eram bons informantes e nada escapava aos seus olhos. Às vezes soltava umas indiretas para, a fim de assustá-la e ameaçá-la. Amara seguia o dia aflita e temia o encontro de sua tia com aquele que vinha a ser o seu namorado.

Akin chegou e foi convidado para entrar e ficar na sala. Com tom firme e direto, a tia perguntou quem era ele e o que queria. Akin sempre se mostrava muito confiante, mas neste dia ficou com muito medo, gaguejou horrores diante de todos e com a voz trêmula conseguiu pedir a mão de Amara em namoro. Foi questionado sobre quem era sua família e em seguida a tia disse

que Amara não era para o bico dele, e que ela só sairia daquela casa se fosse casada: “não quero sobrinha minha passando fome ou sendo usado por moleque”.

Com o passar dos dias a tia foi percebendo que Amara já estava com interesse de sair da sua casa, já não aguentava as rotinas de doméstica, e que mais cedo ou mais tarde ela iria tomar seu rumo, com Akin ou com outro, pois, além de tudo, a jovem era vistosa e muito elogiada por terceiros em tudo que fazia, desde os consertos de roupas, comidas que fazia e muito contadora de história engraçadas. Sim, mesmo com o coração encharcado de dor, Amara tirava muitos risos de quem a rodeava.

Passados um pouco mais de ano de namoro. Namoro de porta de casa. O casamento chegou quando o casal atingiu a maioridade, as famílias se reuniram e todos combinaram de levar presentes e bebidas para aquela noite. De presente de sua tia, Amara ganhou alguns itens de casa e muitas roupas. O rapaz conseguiu um pequeno terreno do outro lado do rio Parnaíba para levantar uma casinha de taipa que ele mesmo fez com as mãos, era só um cômodo, pequeno o suficiente para os dois guardarem o pouco que tinham ganhado de presente.

A pequena adulta Amara tinha atingido a maioridade, com a oficialização dos desejos dos jovens e a vinda dos filhos, o casal teve que buscar alternativas para viver, era Akin correndo de um lado e Amara improvisando do outro, prestando serviços domésticos, lavagem de roupas, e sempre buscando outras possibilidades. Ainda sonhava em ganhar a vida costurando e ter seu próprio atelier. Certo dia, próximo a sua casa, Amara avistou uma placa “precisa-se de costureira”. Logo se apresentou no local, disse que sabia costurar e pediu pra trabalhar lá. Era dona Zahir<sup>66</sup> que passaria a ser não somente uma patroa, mas também uma amiga. Dona Zahir atendeu ao pedido da moça e logo as duas fecharam acordo. Não ganhava muito, Dona Zahir

---

<sup>66</sup> Zahir: Significa - Brilhando. Origem: África Ocidental (Tanzânia).  
<https://raizdosambaemfoco.wordpress.com/2016/09/10/nomes-de-origem-africana-e-seus-significados-meninos/>

também não, mas era o suficiente para comprar e pagar a lista de itens fiado que se acumulava na venda da esquina.

Com o passar dos dias foram se conhecendo, conversavam muito em meio ao trabalho, eram muitas histórias compartilhadas. Amara entendeu a rotina da família de dona Zahir, ela e as outras mulheres que moravam em sua casa eram mulheres de Axé, seguiam rituais, tinha um quintal com muitas plantas medicinais. Amara se interessou pelas plantas, quis conhecer mais sobre elas. Sempre recorria aos chás que aprendeu com Dona Zahir. Ela e seus filhos tomavam chá de tudo quanto é tipo. Para cada dor, tinha um chá que resolvia. Com o tempo era troca de planta pra cá e mudinhas pra lá. Ela e Dona Zahir já tinham muitas plantas e muita amizade.

Num dia atípico de trabalho, Dona Zahir se aproximou e reparou que o pé de Amara, próximo ao seu tornozelo escorria uma água, estava formando uma poça e saia de uma grande ferida em seu pé. Assustada e percebendo uma certa anormalidade naquela condição no pé de Amara, ela perguntou o que era aquilo e se ela não tinha percebido aquela água toda. Amara sabia da ferida, mas não imaginava o que estava acontecendo, pois estava concentrada no serviço e queria entregar todas as encomendas, e ganhar seu dinheirinho para ajudar nas despesas de casa. Com a vinda dos filhos precisava de mais dinheiro para arcar com os custos.

Dona Zahir ficou preocupada com aquela ferida “vou te levar no seu João, se levante e deixe essas roupas pra depois e vamos ver isso agora mesmo”. Seu João, era seu amigo de terreiro, era muito conhecido pela vizinhança e por Amara, gostava de sentar na calçada e conversar com todos. Elas chegaram e chamaram por Seu João. Ele estava na sala, perguntou o que elas queriam. Dona Zahir pediu pra ele olhar o pé daquela moça que trabalhava com ela. Seu João estava doente. Olhou a ferida, viu a gravidade, e logo dispensou “estou muito gripado, se eu rezar nessa ferida é capaz de eu morrer”, “não posso fazer o que vocês querem”. Seu João não

pode ajudar, tratou de indicar outra pessoa. Depois desse encontro foram para casa. Só daria para ir procurar ajuda outro dia. Ficaram pensativas sobre o próximo passo. Amara ficou assustada e contou para Akin sobre suas dores no pé. Era tanta necessidade de trabalhar para trazer comida pra casa, que Amara nem havia se deixado sentir dor. Agora sentia.

No encontro seguinte, Amara e dona Zahir foram ao terreiro de dona Adnan<sup>67</sup>, foram no turno da tarde. Chegando no local, dona Zahir passou pelas duas, em silêncio. Passou por elas e mirou, no primeiro momento, no pé de Amara, pois dava pra ver de longe. Elas não falaram nada. Quando dona Adnan voltou, veio com um semblante no rosto de preocupação e meio desconfiada. Dona Adnan era baixinha, pretinha e estava com vestes brancas. Era uma mulher muito sábia. Parou diante de Amara, olhou fixamente em seu rosto e deu a ordem "sente ali". Olhou direito a ferida e completou: "pegue uma vela aqui e acenda naquele canto". Perguntou pra Amara: "você trabalhou hoje?", interrogou a fim de saber o que tinha feito naquele dia para entender porque estava daquele jeito. Amara, falou que naquele dia estava costurando na casa de dona Zahir. Dona Adnan falou da gravidade daquela ferida, avisando que Amara teria que parar de costurar por sete dias, caso contrário ela iria adoecer mais ainda e poderia morrer e disse "não é todo mundo que pode rezar nesse pé não" tem que ter muita força". Finalizou a conversa e pediu pra ela voltar no dia seguinte, em horário combinado.

Amara, chegou em sua casa ainda mais assustada, pois entendeu que não era uma ferida simples e que teria que parar, ela sabia que poderia comprometer seus planos de ajudar no sustento de sua família. Falou com seu esposo, ele entendeu a gravidade da situação e se dispôs a tentar suprir financeiramente a falta dela durante esse tempo de cuidado necessário.

---

<sup>67</sup> Adnan: Significa – Boa Sorte. Nome proveniente da África Ocidental (Região do Quênia – Tanzânia). <https://raizdosambaemfoco.wordpress.com/2016/09/10/nomes-de-origem-africana-e-seus-significados-meninos/>

No dia seguinte, Amara voltou ao terreiro de Mãe Adnan. Mãe Adnan estava pronta para fazer as rezas no seu pé. Ela usava algumas folhas de Pinhão Roxo (*Jatropha gossypifolia*) que ao final ficaram bem murchas. Dona Adnan orientou Amara sobre o que fazer: “fia, você conhece a planta crista de galo?” (*Heliotropium indicum*). Amara já estava íntima das plantinhas, respondeu que sim e recebeu as orientações de torrar as folhas e macerar numa quantidade suficiente para cobrir a ferida e colar com a ajuda de óleo de copaíba. Dona Adnan dizia que a mistura tinha que ser preparada com todo cuidado e aderida na ferida com a ajuda do óleo, no tempo de ação suficiente para a mistura secar, formar uma crosta e cair no chão de forma natural. Assim, Amara fez. Nos primeiros dias, ela se via angustiada e com fortes dores no corpo e seu marido a socorria quando presente. Os dias foram passando e as melhoras começaram a ser percebidas, formou-se a crosta, a mistura foi secando. Amara dizia que tinha a impressão que a crista de galo sugava a ferida e ia tratando a lesão em sua pele.

Passados os dias seu pé estava curado. Amara estava voltando aos trabalhos, e percebeu o poder do conhecimento de suas mais velhas, entendeu também que somente uma pessoa com a saúde em dia pode cuidar de outra pessoa, entendeu que uma ferida pode estar relacionada com aspectos que vão desde físicos, a espirituais, e que o cuidado por meio da ancestralidade e da espiritualidade, podem ser muito efetivos na cura e no cuidado à saúde.

Amara se sentia bem entre aqueles que a cuidavam como família. Nem sabia mais o que era isso. Tinha aprendido na casa da tia de consideração a ser tratada de outra forma. Apesar de tudo, Amara não se permitia alimentar ódio por aquela mulher que jurou para os seus pais que iria cuidar dela, temia ser pecado desejar o mal para aquela mais velha. Às vezes passava por lá e até pedia bênção, em sinal de respeito. Em uma dessas visitas, Amara decidiu que seria a última. Sua tia era a mesma. Nada tinha mudado. Ela chamou Amara em um canto e disse: “Amara,

caso você saia espalhando pra Deus e o mundo que fui ruim pra você ou que lhe maltratava, eu desejo que os seus dentes todos caiam”. Sem jeito e tentando contornar a situação, Amara jurou para sua tia que não tinha motivos pra falar mal dela e de nenhuma pessoa. E nem iria mesmo. Ela tinha aprendido a se calar, a não confrontar ou discordar. Mas soube se sair. Nunca mais voltou, apenas no dia do sepultamento de sua tia para prestar seu adeus.

As coisas não estavam indo bem, Akin começou a entrar no vício por álcool, não controlava o desejo de fugir da realidade, ela acreditava que possivelmente seria motivado pela sua dificuldade de conseguir um emprego que desse pra pagar as contas no final do mês. Akin, estava numa condição de pegar todo trocado que recebia no final e gastar em bebida (cerveja e cachaças), a ponto de deixar cortar a energia do pequeno casebre. Amara não sabia o que fazer para ajudar seu marido. Estava se sentindo sobrecarregada, para lidar com as dívidas, cuidar das crianças, da casa e dos pequenos serviços que pegava como as costuras, lavagem de roupas e limpezas de casas.

Para aliviar o estresse do seu cotidiano, Amara passou a frequentar e acompanhar dona Zahir aos finais de semana até o terreiro de dona Adnan. Amara aos poucos foi vivenciando e aprendendo os ensinamentos das mais velhas a interpretar os sinais da natureza e compreender o quanto ela era importante para aquela comunidade. Com o tempo a jovem mulher passou a ser mulher de axé, passou pelos caminhos necessários para alcançar esse renascimento em sua vida. Akin, apesar da resistência para entrar no terreiro, começou a ceder e entender o quanto a escolha de sua mulher era importante para ela, e como as coisas foram se reorganizando na vida deles depois disso. Akin, passou a ter muitas indicações para a oferta de emprego ou pequenos serviços na comunidade, se sentiu mais aceito, valorizado e pode controlar mais seu vício em álcool, uma vez que seu consumo de álcool era devido o profundo sentimento de tristeza e

dificuldades que sentia em não ter o suficiente para ajudar no sustento da casa. Akin ainda tinha resistência a entrar no espaço de dona Adnan. O pobre Akin inicialmente abominava as manifestações espirituais que tinham naquele espaço, mas com o tempo foi desconstruindo muitos preconceitos que aprendeu com seus pais ainda garoto. Assim, o jovem casal seguiu, aprendendo e procurando apoio um no outro para viver aquela caminhada em meio às descobertas e re(existências) para sobreviver no mundo.

### *Escrevivência 3 - As cordeirinhas*

Adeola<sup>68</sup>, era como a chamavam, atuava como professora do bairro das Tesouras, que se localizava na beira do rio. Uma jovem que gostava de observar as movimentações do seu bairro periférico, preto e cheio de encantos. Adeola morava sozinha e aprendeu desde a infância a trabalhar como pescadora e lavadeira, até se encontrar na aplicação de suas habilidades criativas. Fazia desde bonecas, bordados, enxoval de recém-nascido e de casamentos. Apesar da pouca idade, apenas 25 anos, era muito respeitada. Todos os dias levantava cedo, cuidava de sua horta, galinhas e ia para a feira montar sua banca e vender café. Isso era o que garantia a maior renda de sua casa. Adeola morava na mesma rua de seus familiares, por um lado eles a elogiavam pelas suas habilidades artesanais, beleza e inteligência, por outro era criticada, pois afugentava os ditos cabras machos que tentavam conquistar seu coração. Eram visitas, presentes e cantadas de todos os tipos, os homens sabiam que ela era uma boa aposta, mas nenhum despertava seu interesse.

O período do ano que Adeola mais gostava era dia de São Sebastião e de Nossa Senhora do Rosário, pois era regada de muita festa na sua comunidade, tinha muita música, teatro, brilho e os grupos se organizavam para andar, em cortejo, em culto das espiritualidades africanas.

---

<sup>68</sup> Adeola: significa - Carregada de honras. Palavra de origem nigeriana. <https://www.geledes.org.br/significados-dos-nomes-proprios-africanos/>

Todos os anos, nessa época, Adeola ajudava a costurar os trajes dos participantes das congadas. Eram lantejoulas, linhas coloridas, fitas e tecidos coloridos. Adeola ficava muito feliz e sua felicidade contagiava a todos, pois a festividade das congadas, era uma tradição que lhe enchia os olhos. Desde pequena assistia à participação de seu tio, como um dos personagens, e aprendeu junto a ele a cantar e valorizar aquela tradição. Para dar conta de tudo, ela formava um grupo de crianças que lhe acompanhava em muitas atividades da comunidade. Sua casa parecia uma creche, era uma pessoa de confiança e muitas vezes as famílias confiavam nos cuidados de seus filhos a ela, era como se fosse uma tia para aquelas crianças. Com ela, as crianças aprendiam a ler, escrever e contar.

Tantas eram as crianças que Adeola resolveu formar um grupo de canto e dança para as meninas se apresentarem nos dias de festividades da comunidade, nas Congadas, no Natal e no Ano Novo. O nome que deram ao grupo foi “As cordeirinhas”. As crianças assumiram os mais diversos personagens, como ciganas, princesas, indígenas e outras, e cantavam e dançavam encantando a todos que assistiam as apresentações. Nesse momento, elas aproveitavam para vender flores artesanais que Adeola confeccionava e recebiam alguns trocados dos populares pela apresentação e encantamento que causavam.

Interagia muito com as crianças, e acabava se aproximando e sabendo da realidade de cada uma. Uma das famílias da comunidade lhe despertou especial atenção. Aquela era uma família grande, sete filhos, sendo cinco meninas e dois meninos, o seu Abegunde<sup>69</sup>, o patriarca da família, e dona Ima<sup>70</sup>. Seu Abegunde e dona Ima faziam de tudo para alimentar as nove bocas de sua casa. Ele, pescador e lavrador, ela, lavadeira e costureira. Era serviço desde o nascer ao raiar

---

<sup>69</sup> Abegunde: significa - aquele nascido durante o feriado. Língua Iorubá (país Nigéria). África Ocidental. <https://raizdosambaemfoco.wordpress.com/2016/09/10/nomes-de-origem-africana-e-seus-significados-meninos/>

<sup>70</sup> Ima: Significa amor, caridade. Origem Nigeriana (Efik). <https://www.geledes.org.br/significados-dos-nomes-proprios-africanos/>

do dia. Era uma família bem carente e as crianças não estudavam. Numa tarde dessas, Adeola, sensibilizada com a situação, desceu até a casa daquela família, e pediu para conversar com seu Abegunde e dona Ima. Apresentou a proposta de matricular as crianças numa escola da região, pois teriam a oportunidade de receber um ensino de qualidade e gratuito. Eles gostaram da proposta, mas como era seu Abegunde que se colocava a decidir pela família e reger as decisões, afirmou que aceitava que somente seus filhos homens fossem matriculados na escola, pois para ele aprender uma profissão naquela escola seria muito bom para seus meninos, já para as meninas não seria tão necessário, pois ele considerava que elas já tinham aprendido a ler e escrever o suficiente e que as mulheres só precisavam aprender a ajudar nos cuidados domésticos e cuidar de crianças.

Adeola sai dali enfurecida. Não aceitava o lugar de submissão que aquelas meninas estavam sendo colocadas desde a infância. Saiu de lá com dois sentimentos: raiva e frustração. Aquele homem tinha tido a audácia de permitir a ampliação do saber de seus filhos e de limitar o crescimento de suas filhas.

Alguns dias se passaram e Adeola permanecia com o pensamento naquelas meninas. Não tinha esquecido. Como esquecer? Ela ainda queria algo diferente para as cordeirinhas. Na comunidade, na beira do rio, sentavam todo fim de tarde em roda, embaixo dos pés de amêndoas e compartilhavam café e algo para acompanhar. Às seis horas pediam proteção e licença às almas benditas e rezavam o pai nosso para os que já partiram. Rezavam para aquelas que partiram não fazia muito tempo, mas que ainda arrancavam lágrimas dos olhos de seus próximos e para aquelas que mesmo tendo partido há muito tempo ainda apertavam o coração. Aproveitava-se o momento não somente para rezar, era o momento que aproveitavam também para saber sobre o andamento da comunidade. Falava-se de tudo, dos doentes, das viagens, das brigas, era a forma

mais efetiva de saber dos últimos acontecimentos. Foi em uma dessas conversas que Adeola teve mais informações sobre o seu Abegunde. A vizinha comentou que dona Ima, esposa de seu Abegunde, “apanhava mais que galinha pra perder choco” e que seu Abegunde era muito covarde com ela, e que ela sempre fazia pouco para se defender.

Adeola ficou ainda mais enfurecida, mas também preocupada e pensativa sobre o que poderia fazer para ajudar a família das cordeirinhas. Por meio das cordeirinhas e de outras crianças soube que seu Abegunde sempre voltava das pescarias muito embriagado, tomava serrana e chegava em casa quebrando tudo e agredindo sua esposa. Às vezes dona Ima ficava roxa, mas evitava sair de casa para evitar os questionamentos dos vizinhos e ter que dar satisfação sobre a violência que passava. Era isso que fazia dona Ima carregar aquele semblante triste e de desolação. Adeola procurou por Adofo<sup>71</sup>, seu amigo de infância de Adeola, rapaz alegre, negro, franzino, devoto de São Sebastião e congadeiro. Apesar de alimentar um amor por Adeola, nunca teve seu amor correspondido, pois ela o tinha como um bom irmão. Adofo trabalhava na delegacia do bairro, para pedir orientação. Ele afirmou que iria rondar a casa de seu Abegunde e espreitar a família uma vez que nunca tinha chegado queixa da vítima.

Certo dia uma das cordeirinhas chegou ofegante na casa de Adeola. Contou tudo o que tinha visto: seu pai bateu novamente na sua mãe e ela estava desacordada. Adeola de prontidão se arrumou e antes de seguir para a casa do agressor, passou na delegacia e falou para Adofo o que tinha acontecido. Foram juntos para a casa do seu Abegunde. Ao chegar lá, dona Ima estava dilacerada no chão, seus dentes tinham sacado da boca, não se sabe se foi do murro ou do impacto de sua boca no chão devido o empurrão que ele tenha dado nela. Não importava, era flagrante. Seu Abegunde foi levado preso. Estava embriagado e saiu dizendo o porquê de ter

---

<sup>71</sup> Adofo: Significa - Quem ama. Palavra de origem ganesa (África). <https://www.geledes.org.br/52-nomes-africanos-femininos-e-masculinos-para-o-seu-bebe/>

agredido a esposa, estava se achando com razão, gritando aos berros que a mulher não cuidava dele direito e que a comida estava fria e insossa. Foram tantos anos repetindo aquelas violências. Estavam naturalizadas, tinha um porquê da violência. Adeola resolveu cuidar de Ima e de seus filhos, levou todos eles para sua casa. E por lá eles ficaram. Dona Ima, aos poucos foi se habituando ao espaço de Adeola, a medida que as feridas físicas iam cicatrizando, ela ia ajudando a cuidar também das crianças que frequentavam o espaço e ajudava na confecção e ajustes das vestimentas, chapéus e coroas dos dançadores. Após se recuperar dos machucados e entender o quanto o seu marido era violento, ela teve coragem de pedir apoio para Adeola e matricular todas as suas crianças na escola, mesmo contra a vontade daquele que a tinha violentado. Ima não sabia ler e nem escrever, mas achava lindo o ato de ensinar, falou para Adeola que se pelo menos umas das filhas conseguisse seguir o ofício de professora, ela já se daria por satisfeita e “quero que minhas filhas tenham o que eu não tive”.

Chegou o dia de São Sebastião, a rainha e o rei do cortejo foram os primeiros a passar na casa de Adeola. Todos vestiram suas roupas e ficaram majestosos, cada um com sua representação de realeza. O Congado descia em cortejo pelas ruas, com muita cantoria, batuques e apresentações. Era muita dança e alegria. As cordeirinhas estavam todas enfeitadas, andavam com suas cestas de flores e espalhavam suas graciosidades por onde passavam.

Naquele mesmo dia souberam da fuga de alguns presos da cadeia. Seu Abegunde estava entre eles. Ao ver o cortejo do Congado, cuidou de se esconder no meio da multidão, pois ele sabia da autoridade que o movimento tinha de não permitir que ninguém fosse tirado do movimento durante o Cortejo. O delegado ficou sabendo da presença de alguns fugitivos que se adentraram no meio do cortejo. Resolveu mandar seus soldados para cercar o cortejo, de modo que ao final os detentos resgatados e fossem conduzidos para suas celas. As cordeirinhas viram

seu pai, Abegunde, tiveram medo, correram para próximo de Adeola, contaram pra ela. Adeola avisou para Adofô que estava lá, mas a tradição do cortejo não permitia nenhuma ação contra a vida de qualquer pessoa que estivesse ali. Adofô ficou esperto com as movimentações suspeitas que se misturavam em meio ao cortejo.

Acabou o cortejo. Seu Abegunde não foi capturado ali, conseguiu fugir. Foi direto pra sua casa e fazendo a maior loucura de sua vida que foi exterminar aquela que tinha sido a sua companheira por muitos anos, mãe de seus filhos e que por tanto tempo resistiu em silêncio as suas violências, e alimentava a esperança de sua mudança, não mudou. Ima estava tão desprevenida que não percebeu seu algoz chegando por trás e lhe abordou com vários golpes de faca. Adofô não chegou a tempo de impedir o tão cruel ato de covardia, chegou tarde. Abegunde foi encontrado não só com sangue nos olhos, mas nas mãos e rosto, Abegunde foi preso. Adeola ao saber do ataque covarde, entrou em prantos, não pôde fazer nada, só sentir raiva e frustração, pois perdera uma amiga, parceira nas costuras e tantas outras coisas. Todos choravam juntas, mulheres, homens e crianças, a violência marcava aquela comunidade, mas uma mulher exterminada pelo machismo.

### **Discussão**

Por termos a potência das oralidades, Paulina Chiziane (2022) aborda que somos capazes de conquistar o mundo, não somente com a fala, mas também podemos fazer uso de outros instrumentos de comunicação e levar para o mundo nossa forma de vê-lo por meio da escrita e de como é necessário também o mundo em especial as editoras lançarem seu olhar e valorizar nossas vivências. O olhar do *entre-meios*, um olhar híbrido e confrontador do que é visto de longe e de perto, como uma ferramenta que complementa as leituras do mundo, pois de acordo com o mesmo é necessário que exista o chamamento para apresentar nossas formas de

fortalecimento por meio de nossas Epistemologias não no sentido de competir em meio às inúmeras epistemologias ocidentais, mas de trabalhar nossas vivências corpo-território e negro Oliveira (2005, 2022).

Pensando esse estudo, partimos de uma busca dos Marcadores das Africanidades nos territórios negros e escuta das oralidades de pessoas com longa vivência nesses espaços. As periferias do centro histórico da cidade de Parnaíba são carregadas de histórias quanto os colonizadores e donos de casarões e de grandes comerciários que contribuíram para o desenvolvimento local, mas o que sabemos é que havia muitas pessoas negras que vieram na condição de escravizados, a história cuidou de promover o epistemicídio dos negros na cidade de Parnaíba. Conhecer as encruzilhadas das periferias do centro de Parnaíba é buscar pelo que foi vivido e pouco registrado, pois ao longo do tempo permaneceu nas oralidades repassadas de boca em boca, longe dos escritos e das academias. Para Sueli Carneiro (2005, p. 97) o epistemicídio ultrapassa o rebaixamento e indigências dos conhecimentos dos povos considerados inferiores pelo ocidente sendo um processo persistente que leva a morte do subjogado, sequestro, mutilação de suas capacidades de aprender.

Ouvindo a comunidade e percebendo situações próximas às vivências de minhas mais velhas, seguindo uma estrutura de raiz, com suas ramificações que ora se aproxima, ora se distancia, mas sem nunca deixar de fazer parte daquela estrutura principal. Referente a isso Conceição Evaristo (2017) aponta que muitas de suas escritas partem de suas experiências e das experiências de pessoas presentes no seu cotidiano e situações que lhes atravessam. A sua ficcionalização e narrativas nascem a partir do espaço onde seus pés estão fincados, como na condição de mulher negra, nascida e criada numa favela.

Ao longo de minhas caminhadas e escuta atenta no território as minhas memórias foram sendo resgatadas, fui percebendo que a vida daquelas pessoas negras dialogava com as histórias que minha mãe me contava, histórias que narravam, por meio da oralidade, sua infância difícil, cuidando de outras crianças para ajudar no sustento de seus pais até sua vida adulta. Percebi que ao ouvir outras pessoas negras, todas essas histórias me fazem encontrar com a minha história de vida. Os Marcadores das Africanidades nos aproximavam. E ao identificar isso ia se produzindo uma transformação em mim. Aquelas histórias falavam de mim, e das minhas mais velhas, tínhamos muito em comum. Ao entender que o que nos aproximava eram nossas raízes e a realidade social que vivenciamos em uma sociedade racista, aquilo provocou em mim um enraizamento, a partir da ressignificação das minhas memórias. Portanto o uso de análises etnográficas afrorreferenciada neste estudo permitiu emergir os enredos das comunidades, das participantes e compreensão daquele meio como um espaço atravessado de forma severa pelo racismo estrutural.

Interessada em apresentar os resultados no formato de Escrevivências como ferramenta metodológica, busquei me lançar no campo da Escrevivências de Conceição Evaristo, professora negra que me autoriza a fazer ciência através de contos carregado de realidades que se cruzam (a minha e a delas) e me ensina a valorizar as nossas narrativas negras, permitindo incomodar a branquitude de seus sonhos injustos (Conceição Evaristo, 2005).

Nas três escrevivências que foram produzidas: Tia Adisa, Amara e as Cordeirinhas, os principais participantes dos contos receberam nomes de origem africana, porque optamos por devolver pelo menos uma das coisas que foi roubada dos africanos em diáspora: o nome. Nossos nomes africanos eram carregados de significado e de potência, quando nos colonizaram e nos batizaram com novos nomes de origem ocidental diminuíram nossa força de vida, nosso axé, e

nos submeteram. Nós quisemos devolver a força de vida a essas pessoas africanas em diáspora, dar de volta o nome, o protagonismo e ressignificar suas histórias. Isso justifica nossa escolha.

Na primeira escrituragem, Tia Adisa, aquela que veio para nos ensinar que o cuidado não está na riqueza, mas nas coisas simples. Mulher negra, periférica, pescadora e catadora de reciclados, de uma simplicidade que a tornou grandiosa. Olhos desatentos podem diagnosticá-la com algum transtorno em acumular itens das ruas e lixo, mas Tia Adisa transformava o lixo em algo novo, ou em objetos para trocar por alguns trocados e comprar comida ou mesmo perfume, ela dava valor aos detalhes. A personagem tia Adisa e a junção de duas vivências, a condição de vida de duas mulheres negras, periféricas e que encontrava no lixo muitas soluções para suas sobrevivências, desde o catar recicláveis, hábito de guardar muitas coisas que julgavam úteis, ao mesmo tempo que cuidavam muito dos outros, vivenciavam a solidão da mulher negra. Estas tinham fragilidades com a saúde, dentre esses motivados pelo uso excessivo de cigarro. Essas histórias carregam no Enraizamento das Encruzilhadas seus Marcadores das Africanidades. As formas de conviver/laços de solidariedade; os cheiros da minha infância; Sabores da minha infância – pratos, modos de comer e o valor da comida; os valores de família; as tecnologias e Racismos (perpetrados e sofridos). Todos esses marcadores encontrados no território me levaram a tia Adisa e me possibilitaram esse reencontro.

A escrituragem denominada Amara, para além de identificações de vivências nas casas de famílias, esta representa as tantas mulheres negras que tiveram suas infâncias perdidas trabalhando nas casas de famílias brancas em troca de alguns trocados e se tornando pequenas adultas. As justificativas muitas vezes estavam fantasiadas de promessas de cuidado, educação e alguns centavos, mas o que acontecia era bem diferente, as crianças perdiam sua humanidade, não existia o cuidado com a infância, a proteção, não tinham condições de estudo, pois, eram

cobradas, primeiramente a dar conta dos afazeres domésticos, a alimentação era restrita. Essa era a realidade de uma das entrevistadas, era também a realidade da maioria das mulheres pretas da minha família. Primeiro os donos e filhos dos patrões da casa comiam, a sobra ficava para as pequenas adultas que tinham sido roubadas de uma infância com promessas de uma vida melhor. Outro cruzo entre duas entrevistadas e minhas familiares era o sentimento de benevolência, no sentido de alimentar uma certa gratidão, e atribuindo as suas escolhas e as oportunidades perdidas pelas condições de pobreza e não pela realidade vivenciada naquelas famílias que as levavam.

Os marcadores que pudemos perceber nessa escrivência, são: Racismo (perpetrados e sofridos); Práticas e valores de Iniciação/Ritos de transmissão e ensino Curas/Práticas de saúde; Formas de conviver/laços de solidariedade; Relação com a natureza e Religiosidades Pretas; Amara se encontra com suas raízes negras, se torna mulher de axé e passa a receber a verdadeira rede de apoio e solidariedade entre pessoas de sua cor, em um território de matriz africana. Em Amara, apesar das condições muito frequentes dessa forma de trabalho no qual crianças eram submetidas, atualmente o Brasil não é exemplo de no quesito proteção ao trabalho infantil de crianças e adolescentes. Dados da PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio levantados em 2019 no Brasil, sobre trabalho de crianças e adolescentes, apontou 1,768 milhões de crianças e adolescentes com idade entre 5 e 17 anos estavam em condição de trabalho infantil, o que corresponde a 4,6% da população dentro dessa faixa etária. Dados do Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (FNPETI), apontaram que em 2019 o número de crianças e adolescentes negras(os) em condição de trabalho infantil é maior entre crianças e adolescentes negras(os), representando 66,1% no Brasil. Dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019) apontam que maior parte do trabalho infantil se concentra nas

zonas urbanas sendo 75,8% e 24,2% em espaços rurais. Tais dados apontam uma grave problemática que não vem de hoje, mas necessita ser erradicada, por meio da atenção dos setores públicos em elaborar e aplicar estratégias que amparem não somente esse público, mas toda uma sociedade que repete ciclos de exploração desses corpos.

A terceira escrituragem denominada “As Cordeirinhas”, temos uma protagonista, uma mulher negra, com o olhar sensível e atento aos movimentos de sua comunidade, às vezes injustiçada, cobrada a ter um comportamento de docilidade, a atender aos interesses do sistema patriarcal em casar cedo, mas também era uma mulher que não aceitava injustiças. Adeola significa aquela carregada de honras. O seu enredo, é repleto de situações que aponta marcadores das africanidades, como: histórias de minha linhagem; história do meu lugar de pertencimento; Pessoas Referência da minha família e Pessoas Referência da minha comunidade; Festas da minha infância e festas de hoje; Artesanatos; Formas de conviver/laços de solidariedade; Relação com a natureza e Outras Práticas corporais (brincadeiras tradicionais/jogos e outros).

A escrituragem apresenta algumas tradições que eram mais comuns no passado das pessoas entrevistadas e de minhas familiares, como a presença de congado, as confecções de roupas e adereços, a relação com o rio e o pescado, a forte presença do machismo que tentaram a todo custo subalternizar os corpos femininos para que continuassem numa condição de inferioridade em relação ao homem. O conto das cordeirinhas seguiu um final trágico, em decorrência de um feminicídio. Foi difícil escrever essas linhas. Escrevi várias vezes. Tentava sempre esconder o final trágico, pois era doloroso lembrar. Existia uma certa vontade de não desenterrar tal situação, porque ela envergonha os mais velhos daquela família. O assassinato de Ima, corresponde as tantas mortes de mulheres em sua maioria negras que são mortas pelos seus companheiros, por meios violentos, sendo uma triste realidade brasileira. Situações dolorosas e

silenciosas até para a memória de muitas famílias que não conseguem falar abertamente sobre o assunto até o seu total esquecimento. Mas o esquecimento não cura. Desenterrar essa história e entender que todas(os) aqueles personagens passam por um marcador em comum: o racismo estrutural, me fez ressignificar essa vivência e colocar a culpa de toda aquela vulnerabilidade no verdadeiro responsável: a sociedade racista e genocida, que nos vulnerabiliza e nos mata. Os últimos levantamentos realizados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023) apontam que no Brasil houve um grande aumento de casos de feminicídio. Em 2022 uma média de 1.410 mulheres tiveram suas vidas ceifadas, representando um aumento de 5,5% em relação ao ano de 2021 e consequente aumento no número homicídio a esse público, como apontado pelo Monitor da Violência<sup>72</sup> do G1.

Dados da Anistia Internacional<sup>73</sup> (2022) aponta que as mulheres negras são as maiores vítimas do feminicídio, sendo 62% no Brasil. O feminicídio é definido como o assassinato de uma mulher pelo fato de ela ser mulher, isto é, é motivado pela condição de gênero da vítima. Além disso, o feminicídio é um crime de ódio que está frequentemente relacionado a questões de poder, controle, discriminação de gênero e machismo arraigado na sociedade. As mulheres negras enfrentam uma interseção de discriminações e desigualdades que as manipulam em uma posição de maior vulnerabilidade. Isso se deve ao racismo estrutural presente na sociedade, juntamente com a misoginia e o sexismo. Esses fatores criam um contexto que contribui para uma maior incidência de violência contra mulheres negras, incluindo o feminicídio. Além do feminicídio, as mulheres negras também são mais expressivas a outros tipos de violência, como violência doméstica, violência obstétrica e tráfico humano, entre outros.

---

<sup>72</sup> Monitor da violência: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/numeros-de-uma-tragedia-anunciada-10-mulheres-assassinadas-todos-os-dias-no-brasil.ghtml>

<sup>73</sup> Dados da Anistia Internacional (2022) disponível no Portal Geledés <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-representam-62-das-vitimas-de-feminicidio-no-brasil-aponta-anistia-internacional/>

Os marcadores de Africanidades identificados como os surtos de doenças tropicais no caso de dengue e chikungunya ocorreram ao longo do estudo, o que consiste em mais uma forma de Racismo, o ambiental sofrido pelas pessoas da periferia; Marcadores como resistência às condições impostas pela sociedade em tentar exterminar as pessoas que moram naqueles locais. Ambos os marcadores carregam a lógica de necropolítica de Achille Mbembe (2016) do deixar morrer aos corpos pretos e não promoção de cuidados de vida para esses espaços. Essa forma de poder se manifesta na decisão de negar a certos grupos de pessoas o acesso a recursos, serviços básicos e direitos humanos, o que acabou ocorrido em sua morte ou negligência sistemática. Em contextos de espaços periféricos, onde as possibilidades muitas vezes são majoritariamente negras e maior vulnerabilidade social, a necropolítica pode se manifestar de diversas formas, como por exemplo na negligência da prestação de serviços públicos e conseqüentemente obrigando seus moradores a viverem de forma precária e viverem com limitados serviços de saúde, educação e outros serviços essenciais. Essa negligência contribui para uma situação de desigualdade e pode levar ao aumento de doenças e mortes evitáveis. Condição essas percebidas no campo de estudo.

Esse estudo permitiu adentrar em territórios silenciados, em vivências guardadas a sete chaves na memória. Relembrar situações de minha infância e histórias da família, despertadas pelo contato com outras vidas periféricas, me levou a desenvolver o método etnográfico de análise a Encruzilhada do Enraizamento, pois ir até a encruzilhada e me deparar com histórias de vida periféricas parecidas com a minha, me despertou um resgate de vivências que eu não tinha mais na memória. Ouvir as(os) participantes do estudo, me despertou dois movimentos: 1. fui permitindo que minha memória acessasse algumas vivências silenciadas e dolorosas da minha história de vida; 2. fui buscando junto às minhas mais velhas (minha mãe Conceição, minha irmã

mais velha Jaqueline, madrinha Iolanda e tia Chica) histórias da nossa família que acabavam dialogando com muitas experiências vivenciadas pelas(os) participantes, percebi nesse movimento que aquelas encruzilhadas diziam de um lugar comum na periferia, eram os marcadores das africanidades. E quando entendi isso, foi libertador, pois entendi que vulnerabilidades na periferia dizem de uma sociedade que determina lugares sociais para determinados grupos e que o corpo negro é o principal alvo de uma sociedade genocida, então aquelas vivências não eram somente minhas ou da minha família, elas eram de um grupo de pessoas que carrega em si a *pele da cor da noite*<sup>74</sup> e isso me permitiu ressignificar cada personagem que compunha aquelas narrativas de vida; entendi também que potências de resistência também nos uniam, nos fortaleciam e nos enraizavam em uma ancestralidade<sup>75</sup> afrorreferenciada. Foi libertador!

Os odus das narrativas seguiram um rumo de crescimento como as raízes de uma árvore, pois, à medida que buscava explorar as situações, entendia os seus rumos e em cada narrativa as raízes se bifurcavam e seguiam rumos diferentes ou se cruzavam. A Encruzilhada do Enraizamento se apresentou de uma forma encantadora para análise, pois para uma árvore crescer firme e forte é necessário que suas raízes adentrem o solo e sigam se nutrindo pelo que encontra no caminho, e nesse caminho até um grão de areia pode mudar os rumos de seu crescimento ou permitir a aproximação de uma raiz e ramificações em outras. O significado de enraizamento que apresentamos na Encruzilhada do Enraizamento segue a noção de aprofundamento, crescimento, nutrição e trocas com nutrientes do solo e relações de mutualismo e simbiose que acontecem na natureza/comunidade. Na caminhada da criação desse conceito me

---

<sup>74</sup> Menção ao livro de Vanda Machado.

<sup>75</sup> Para Adilbênia Machado & Sandra Petit (2020) a ancestralidade tem sentido amplo, não sendo somente o culto e valorização dos nossos antepassados, mas se estende para o cultivo de ações em nossas vivências que corroboram com o fortalecimento de nossas comunidades.

deparei com o sentido do enraizamento/raiz apresentado por Deleuze e Guattarrí na obra *Poética da Relação* de Edouard Glissant (2021), como elemento único, que “toma tudo pra sí, matando o que está ao redor” (p. 34), trazendo uma ideia de raiz totalitária, para a fim defender a ideia de rizoma. Não seguimos por aí, não é esse o entendimento de raiz da monocultura que seguimos, pois essas raízes sim destroem, são totalitárias. Por aqui são raízes plurais que se inter cruzam. Não as raízes da plantação de *eucalipto*<sup>76</sup>, no formato de monocultura, que destroem e matam raízes de outras plantas nativas, e provocam um desequilíbrio ambiental, mas talvez as raízes de uma floresta amazônica, que tem raízes plurais vivendo em harmonia frente a sua diversidade.

O movimento para o resgate dos Marcadores das Africanidades permitiu neste estudo a produção da Encruzilhada do Enraizamento, que se fez tanto como um método de análise afro referenciado, atuando como também uma estratégia ancestral de resistência, visto que promove o fortalecimento de subjetividades periferizadas negras. É, pois, uma ferramenta muito potente de resgate de nossas raízes e de compreensão das encruzilhadas das vivências de pessoas negras em uma sociedade estruturalmente racista, atuando de modo a proporcionar aquilombamento de promoção de saúde mental. A possibilidade de nos protagonizar é muito potente e importante, pois nossas narrativas são para lembrar quem somos e de onde viemos, gerando possibilidades de criarmos informações sobre o povo preto e entender nossos passos do passado para o presente.

### **Considerações Finais**

Diante de toda experiência e contato que tive com a comunidade, pude sentir os diversos atravessamentos das minhas histórias de vida das participantes no território de estudo, assim como perceber os Marcadores das Africanidades que inspiraram o desenvolvimento das

---

<sup>76</sup> O Eucalipto é uma árvore de grande porte do gênero *Eucalyptus* é originário da Austrália e foi introduzida no Brasil para fins econômicos.

escrevivências. Escrevivências essas que nos mostram as possibilidades de nos perceber e perceber nossos iguais em narrativas que se referem a nós por nós, nossas conexões e nossas raízes. Ser pessoa negra em nossa sociedade é lidar com constantes encruzadas sobre nossas vivências e as dificuldades de se entender como povo.

A escrita de nossas vivências ainda carece de muitas respostas, estamos ainda numa caminhada em busca de nós mesmos, de nos tornarmos pessoa negra e nos recriar frente aos apagamentos. Depois de nossa libertação mental, é certo que continuamos nossas caminhadas nesse território em diáspora, nossos passos e origens ainda são poucos conhecidos, estão em processo de construção, encontros e desconstrução, mas o pouco que temos, nos motiva a seguir para nossas agências.

A satisfação de mostrar o mundo por nossa ótica é instigante, quando nos pomos a incomodar a casa grande (Conceição Evaristo, 2005), no sentido de não aceitarmos ser objeto de análise do branco e não os deixar entusiasmar com nossas vivências, afinal são nossas e ainda tivemos poucas reparações históricas para os deixar confortáveis. Por mais lenta que seja a valorização das narrativas negras, temos em nosso Estado do Piauí o maior exemplo de luta e resistência em denunciar as mazelas da branquitude, a figura marcante de Esperança Garcia, primeira advogada negra do Brasil (OAB-PI, 2022).

Este estudo possibilita caminhos para a realização de mais aprofundamentos e produções que falem de nós, frente aos nossos cotidianos e trabalhar os diversos questionamentos sobre as histórias e reescritas de nossas narrativas. O estudo abre possibilidade de trabalhar de forma mais detalhada questões da sociedade a serem pensadas e refletidas, como a condição da pessoa negra, saúde mental, trabalho infantil, protagonismos, epistemicídio e etc.

### Referências<sup>77</sup>

- Asante, Molefe Kete (2016). *Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia*. Ensaios Filosóficos, Volume XIV. [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/molefi\\_kete\\_asante\\_-\\_afrocentricidade\\_como\\_cr%C3%ADtica\\_do\\_paradigma\\_hegem%C3%B4nico\\_ocidental\\_introdu%C3%A7%C3%A3o\\_a\\_uma\\_ideia.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/molefi_kete_asante_-_afrocentricidade_como_cr%C3%ADtica_do_paradigma_hegem%C3%B4nico_ocidental_introdu%C3%A7%C3%A3o_a_uma_ideia.pdf)
- Asante, Molefe Kete (2009). *Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar*. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 93-110. <https://speciesnae.files.wordpress.com/2015/05/mazama-asante-afrocentricidade.pdf>
- Carneiro, Aparecida Sueli (2005). A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- Chiziana. Paulina [Itaú Cultural]. (29 de nov. 2021). *Encontro com Conceição Evaristo e Paulina Chiziane* (vídeo). YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=sDzarSvQwJI>
- Evaristo, Conceição (2005). *Da grafia-desenho de Minha Mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*. Depoimento apresentado na Mesa de Escritoras Afro- brasileiras; XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura, Rio de Janeiro. <<http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>>.

---

<sup>77</sup> Consideramos em utilizar ao longo do estudo referências do nome e sobrenome das/os autores como uma forma de trazer de forma proposital uma maior visibilidade para as autorias negras em especial mulheres, uma vez que a forma tradicional segue normativas que privilegiam o sexo masculino.

Evaristo, Conceição [Itaú Cultural]. (3 de mai. 2017). *O ponto de partida da escrita – Ocupação Conceição Evaristo*. (vídeo). YouTube.

<https://www.youtube.com/watch?v=3CWDQvX7rno>

Freitas, Henrique (2016). *O arco e a arkhé: ensaios sobre literatura e cultura*. Salvador: Ogum's Toques Negros.

Fu-Kiau, Kimbwandende Kia Bunseki. (1991). *A visão bântu kôngo da sacralidade do mundo natural*. Trad. Valdina O. Pinto. <https://estahorareall.files.wordpress.com/2015/07/dr-bunseki-fu-kiau-a-visc3a3o-bantu-kongo-da-sacralidade-do-mundo-natural.pdf>. Acesso em, v. 19.

Gonzales, Lélia (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, ANPOCS, p. 223-244.

Glissant, Édouard (2021). *Poéticas da Relação*. Bazar do Tempo.

Hudson-Weems, Clenora (2020). *Mulherismo Africana*. Editora Ananse.

Kilomba, Grada. (2020). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó.

Ki zerbo, Josep (2010). *História geral da África i: metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO.

Kopenawa, Davi; Bruce Albert (2015). *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Editora Companhia das Letras.

Petit, Sandra (2019). *Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral Africana na formação de professoras e professores - Contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/2003*. 2.ed. Belo Horizonte: Nandyala.

- Machado, Adilbênia. F & Petit, Sandra. H. (2020). *Filosofia africana para afrorreferenciar o currículo e o pertencimento*. Revista Exitus. [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/adilb%C3%AAnia\\_freire\\_machado\\_e\\_sandra\\_hayd%C3%A9\\_petit\\_-\\_filosofia\\_africana\\_para\\_afrorreferenciar\\_o\\_curr%C3%ADculo\\_e\\_o\\_pertencimento.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/adilb%C3%AAnia_freire_machado_e_sandra_hayd%C3%A9_petit_-_filosofia_africana_para_afrorreferenciar_o_curr%C3%ADculo_e_o_pertencimento.pdf)
- Machado, Adilbênia Freire (2019). *Filosofia africana: ética de cuidado e de pertencimento ou uma poética de encantamento*. Problemata: R. Intern. Fil. V. 10. n. 2 (2019), p. 56-75  
ISSN 2236-8612doi:http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v10i2.49118.  
<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/49118>
- Machado, Adilbênia Freire. (2019). *Odus: filosofia africana para uma metodologia afrorreferenciada*.  
[https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39952/html\\_1#:~:text=Trata%2Dse%20de%20uma%20metodologia,e%20saberes%20africanos%20e%20afrodescendentes](https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39952/html_1#:~:text=Trata%2Dse%20de%20uma%20metodologia,e%20saberes%20africanos%20e%20afrodescendentes).
- Machado, Adilbênia Freire (2014). Ancestralidade e encantamento: filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/16155>
- Mbembe, Achille. (2016). *Necropolítica. Arte & ensaios*, 2(32), 122-151.
- Ladner, Joyce (1972). *Tomorrow's tomorrow: the black woman* (Garden City, N.Y.: Anchor, p. 277-278.
- OAB-PI (2022). *O reconhecimento de Esperança Garcia como a primeira advogada do Brasil*.  
<https://www.oabpi.org.br/o-reconhecimento-de-esperanca-garcia-como-a-primeira-advogada-do-brasil/>.
- Oyěwùmí, Oyèrónké (2004). *Conceptualizing gender: the eurocentric foundations of feminist concepts and the challenge of african epistemologies*. African Gender Scholarship:

- Concepts, Methodologies and Paradigms. CORDESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CORDESRIA, por Juliana Araújo Lopes.
- Oliveira, Eduardo Miranda (2022). Epistemologias dos odus e decolonialidade afrobrasileira. *Revista Estudos Libertários – UFRJ*. vol 04. num 11. ISSN 2675 -0619.
- Oliveira, Eduardo (2007). *Ancestralidade na encruzilhada*. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.
- Passos, Caio (1982). *Cada rua - sua história*. Parnaíba. Imprensa Oficial do Ceará–IOCE.
- Sodré, Muniz (1988). *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Petrópolis: Vozes.

*Estudo 3: Protagonismo Negro num Território Periférico - Corpos que Resistem e (Re)Existem nas Margens*

**RESUMO:** Este estudo teve como propósito protagonizar as vivências negras num território periférico por meio de métodos afrorreferenciados como os elaborados a partir dos Marcadores das Africanidades e da metodologia dos Odus. Participaram do estudo duas pessoas com longa vivência na comunidade e que tinham forte ligação com a ancestralidade e evidentes Marcadores das Africanidades em seus cotidianos. Os marcadores observados, permitiram considerar que apesar da ação de tentativa de apagamento das narrativas negras na comunidade, ela ainda se encontra resistindo e (re)existindo nas encruzilhadas das periferias mesmo diante as dificuldades sociais e do racismo.

**Palavras-chave:** Protagonismo Negro. Comunidade. Marcadores das Africanidades. Metodologia dos Odus.

## Introdução

*A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda [...] a vida era a mistura de todas(os) e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam ser.*

*(Conceição Evaristo, p. 110).<sup>78</sup>*

A pesquisa começou num bairro periférico e central da cidade de Parnaíba, no nordeste do Estado do Piauí. No início antes do processo de colonização a região era habitada pelos povos indígenas Tremembés, que habitavam as margens do Rio Igarçu. Com a chegada dos povos brancos e usurpadores estes perceberam o quanto a região era estratégica para a chegada e escoamento de bens e insumos, assim, dando início ao processo de chegada dos primeiros moradores e comerciantes brancos colonizadores e consequente expulsão e extermínio dos povos indígenas, por considerá-los rebeldes e insubmissos.

Mãos de obra foram necessárias para levantar a vila Clóvis Salgado, onde atualmente funciona o Porto das Barcas, então as primeiras mãos negras foram chegando em Parnaíba, na condição de escravizados, para levantar a vila, os casarões, galpões, igrejas, abrir estradas, cuidar das produções de gado dos coronéis da época e tantas outras coisas.

Carlos Moore (2012) aponta em seus estudos que o sistema escravagista transatlântico foi único e o mais violento dentre todas as formas de escravização, de consequências únicas para a população negra e teve seus pilares no racismo e na mercantilização. Tais travessias visando movimentar a mercantilização e crescimento comercial do ocidente trouxe inúmeras consequências para as pessoas negras traficadas do continente africano, como o holocausto

---

<sup>78</sup> Evaristo, Conceição (2003). Ponciá Vicêncio. Belo Horizonte: Mazza.

Africano, a relação de poder sobre os corpos negros pelo ocidente e sua desumanização (Aza Njeri, 2019).

Por muito tempo o legado do povo preto nos centros históricos da cidade foi apagado pela anulação violenta de seus corpos nos espaços de trabalhos, representações na sociedade e suas contribuições para a movimentação das engrenagens que movem toda uma sociedade, lhe restando apenas o enredo da condição de escravizado, e longe de sua condição de humanidade e expressões de suas subjetividades, espiritualidades, em suma, suas ligações com a África, sua terra mãe. Nesse sentido, trazemos neste estudo o protagonismo negro num território periférico, rico em vivências com evidências de Marcadores das Africanidades. Para tal realização foi preciso buscar as literaturas locais, e em seguida adentrar as entranhas da comunidade periférica do centro antigo de Parnaíba, em especial o Bairro Mendonça Clarck, a fim de identificar moradores com longas vivências e perceber fortes ligações com os Marcadores das Africanidades, isto é, marcas deixadas nos modos de vida de pessoas negras que de forma direta ou indireta aplica no seu cotidiano, dentre estes, alguns elencados por Sandra Petit (2015), o culto das práticas de cuidado, espirituais, artísticas, culinárias e outras.

Pensar novos protagonismos, partindo das periferias, no sentido de pessoas que representam a parte de uma população que historicamente ergueram uma sociedade, mas seus méritos não foram reconhecidos nos registros históricos, se faz necessário, numa sociedade que ainda apresenta nos livros didáticos com heróis e lutadores do progresso a princesa Isabel e no município de Parnaíba o fazendeiro e escravocrata Simplício Dias da Silva.

## Método

Em uma das minhas andanças, encontrei a casa de uma senhora, que era dona Maria da Luz, mulher negra, periférica nos seus 65 anos. Foi a primeira mulher negra e de axé com longa caminhada no território que se mostrou aberta com disponibilidade para conversar comigo, me convidou para sentar, apresentou suas plantas, cada um de seus animais de estimação e sua família, parecia um presente que foi colocado em meu caminho. De certa forma, no primeiro contato já consegui identificar diversos Marcadores das Africanidades, e a Metodologia dos Odus já foi se delineando. Passados mais três meses, andando pelo porto da ancoragem das embarcações, às margens do velho rio de águas barrentas<sup>79</sup>, que vem da costa do litoral com os pescados, pude encontrar um homem negro, franzino e pescador, no auge dos seus 46 anos, era seu Raimundo Nonato, mais conhecido pelas redondezas como seu José. Comecei a conversar com ele e pude nessa primeira conversa identificar o segundo participante dessa pesquisa. Neste estudo visando a protagonização da/o participante solicitamos o nome destes e explicamos o sentido de referida ação, cabendo a estes por meio da assinatura do Termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) a desistir do estudo a qualquer momento.

Nos lançamos, portanto, nessa escrita, em registrar as andanças de dona Maria da Luz e seu José, devido a uma forte presença dos Marcadores das Africanidades em suas vidas (história do lugar de pertencimento; pessoas de referência da infância; negritude; relações com a natureza; etc.) e devido à possibilidade de realização da metodologia dos Odus em suas trajetórias de vida.

Para a pesquisa fizemos uso de método de natureza qualitativa de matriz etnográfica afrorreferenciado e sua construção foi acontecendo à medida que vivenciamos o território.

---

<sup>79</sup> Rio de Águas Barrentas é o significado em tupi-guarani para o rio Igaráçu.

As conversas foram conduzidas a partir de pontuações dos Marcadores das Africanidades elaboradas por Sandra Petit (2019). Tais marcadores nos direcionaram para além do entendimento da vida dos participantes, no aprofundamento de suas vivências e relações com a comunidade. A Metodologia dos Odus por ser um método afrorreferenciado que condiz com as realidades negras em território, potencializou a realização desta caminhada. De acordo com Adilbênia Machado (2019) a Metodologia dos Odus segue a lógica do opelê-ifá que é um oráculo de formato circular, que segue a lógica da inclusão e de forma coletiva. O opelê-ifá é a inspiração para Eduardo Oliveira criar essa metodologia, tendo em vista que ele é um homem iniciado no Ifá. A liberdade de construção dessa metodologia permite ser criada de forma livre e criativa, considerando o olhar daquele que observa e vive a experiência, isto é, que observa acaba por se inserir no estudo, com isso inexistindo a proposta da neutralidade. Eduardo Oliveira (2007) chama o olhar do entre-meios de olhar híbrido. Tal liberdade permitiu entender as caminhadas de dona Maria da Luz e sua jornada até se tornar uma mulher de terreiro e os significados e valores que aplica em seu cotidiano e também o cuidado que ela tem com os seus, uma mulher matrigestora e matripotente que gesta e, como aponta o pensamento de Oyèrónké Oyěwùmí (2016), é sênior venerada em relação às suas crias as Ìyá, devido ao papel espiritual e material frente ao cuidado dos seus familiares. As Ìyá segundo o professor Wanderson Nascimento (2020) é um termo que ultrapassa o sentido de mulher e mãe biológica dadas pelo ocidente as mulheres, mas possui uma dimensão maior para além do biológico, como aquela reconhecida pelas suas dimensões espirituais e econômicas na comunidade, pois estas ocupam um lugar de privilégio em tais organizações. Já seu José, homem conhecedor das ações do tempo no território e as resistências para sobreviver em meio às vulnerabilidades sociais, políticas e

econômicas. A matrigestão corresponde a dimensão política da matripotência das Ìyá, sendo um termo pensado pela filósofa brasileira Katiúscia Ribeiro em sua tese de doutoramento.

Os Odu, citados por Adilbênia Machado (2019), são oito: Odu de Origem, Odu Transição, Odu de Desconstrução, Odu de Transformação, Odu de Beleza, Odu de Natureza, Odu de Espaço e o Odu de Tempo. Segundo o professor Eduardo Oliveira (*apud* MACHADO, 2019), o Odu de origem só é colocado como o primeiro a fim de facilitar a compreensão didática, pois no geral os Caminhos dos Odu é circular, no formato do Opelê-Ifà. Assim sendo, não tem início ou fim, é dinâmico. O Odu de origem parte da escolha em comunidade de onde partirá o nosso olhar, sendo neste estudo centrada nas vivências dos participantes e de como esses corpos se apresentam na comunidade. Em seguida temos o Odu de Transição, que segue a lógica dos deslocamentos realizados pelos participantes em sua comunidade, que caminhos seguiram até o momento. O Odu de Desconstrução refere-se a compreensão crítica do que é instituído na sociedade, segundo Adilbênia Machado (2019), é mexer nas estruturas e problematizar, refletir as realidades não apenas a crítica pela crítica, questionar o que está imposto na sociedade como regra. Odu de Transformação é aquele que chama para o exercício do compromisso ético e da responsabilidade social. Odu de Beleza/Estética/Encantamento é sem dúvida um dos mais complexos, pois segue vias filosóficas, mas permite compreender o quanto somos seres complexos, profundos e não limitados, e para Oliveira, este Odu trata das subjetividades em sua sensibilidade. É um Odu sentido a partir do envolvimento, entrega e sensibilidade perceptiva. O Odu da Natureza permite trabalharmos o contato com suas espiritualidades e divindades que lhes habitam. Odu de Espaço é ancestralidade, são as vivências em nossos quilombos - afeto, necessários para construção de nossas comunidades e entende-se por espaço os territórios que carregam as memórias e saberes. O Odu do Espaço é feito pelos corpos que nos habitam e os que habitamos, sendo este corpo de acordo com Eduardo Oliveira (2009) uma anterioridade frente ao

espaço e o tempo. O Odu do Tempo permite compreender o caráter de atualização contínua que acontece à medida que experienciamos a comunidade.

Segundo Adilbênia Machado (2014) as interpretações das Metodologia dos Odus permitem chaves de leituras, chaves estas que permitirão a abertura para outros olhares sobre a cultura e histórias africanas e afro-brasileiras, permitindo com isso rever o senso de coletividade, do corpo e outros pontos importantes sobre a caminhada o povo negro em diáspora.

### **Resultados**

Caminhar, ouvir e refletir ao longo dessa pesquisa permitiu achados preciosos e em alguns pontos foi permitido conexões importantes. Ao longo desta escrita, trago os Odus percebidos e os encantos ao longo dos encontros inesperados. Maiores detalhamentos são apresentados quanto a dona Maria da Luz, pois a quantidade e profundidade dos encontros possibilitaram mais conteúdo. Nos resultados levantados entendemos que a metodologia dos Odus andou em consonância com os Marcadores das africanidades, pois ao longo das descrições dos caminhos foi perceptível identificar diversos marcadores que os conectam com suas raízes ancestrais negras. A identificação de tais Marcadores ficou a critério da pesquisadora identificar nas entrevistas da/o participante, desconsiderando a proposta inicial de amadurecimento das ideias sobre o pertencimento afro pensado e elaborado no seu livro denominado Pretagogia (Sandra Petit, 2019).

#### **Dona Maria da Luz**

Partindo da história de dona Maria da Luz, início tecendo minhas palavras a partir do Odu de Origem. Meu olhar parte da identificação e encantamento pela vivência dessa mulher,

conhecida por alguns como Dona Mariazinha – Mulher negra, mãe, avó e bisavó, mulher de uma simplicidade e humildade cativantes, motivada sempre em se doar para o cuidado dos seus. A primeira vez que adentrei sua humilde casa, avistei um quadro que me chamou muita atenção, reconheci imediatamente que ali estava a representação dos povos de Kemet (Egito Antigo), perguntei pra ela quem eram aqueles no quadro e ela respondeu que achava que eram povos indígenas, guardava com muito carinho aquilo que era um presente de um querido amigo de terreiro, que ela tem uma admiração muito grande, pois ele incorpora a escravizada Anastácia, que pra ela é muito rara e valiosa. Eu falei pra ela que aquele quadro era realmente precioso e que ali eram povos de Kemet, que era o berço da humanidade em África, era de onde nós viemos e ela ficou pensativa e feliz em saber aquilo. Resgatar a nossa origem enquanto humanidade nesse encontro nos abriu possibilidades para um resgate de outros marcadores de africanidades nessa travessia de enraizamento.

No nosso primeiro encontro deixei a leveza e a poesia do momento nos guiar, pois ela trazia precisamente tudo que eu buscava, era como um museu de africanidades em que me deleitei e fiquei a admirar. Sua história de vida daria um livro sobre dor, potência e resistência.

Desde sua infância ela acompanhava os saberes de seus mais velhos. Seus avós eram profetas do tempo, cada um tinha suas experiências para buscar prever se a colheita seria boa ou ruim. No caso de sua avó, todo primeiro de janeiro, às 4 horas da manhã ela colocava umas pedrinhas de sal na janela, caso derretessem antes do amanhecer, era sinal que a colheita seria boa. Já o seu avô no início de março, levantava às 4 horas da manhã pra fazer a leitura do tempo. Ouvindo dona Maria me lembrei da minha mãe Conceição. Ela conta que os pais dela também se utilizavam desse saber para identificar se o tempo das frutas seria bom. Ela dizia que no dia de Santa Luzia, 13 de dezembro, eles colocavam um pires com sal na janela e que quando

amanhecesse “se o pires tivesse minando água, era porque a colheita de frutas seria boa”. Dona Mariazinha, ao longo da sua infância gostava muito de seus pais, tinham uma vida simples e eram muito ligados ao cultivo da terra, plantavam arroz, feijão, milho e melancia. Costumava acompanhar seus mais velhos na roça e lembra que sempre que possível comia uma melancia no meio na pequena plantação.

Esses nossos conhecimentos e práticas ancestrais nos trazem marcadores que nos remetem de onde viemos, nossa origem enquanto pessoas negras e tem direcionado nossa forma de existir e resistir na diáspora. Para além de história de potência, nossas origens também falam de dor e vulnerabilidade. Uma das histórias que falam da dor de dona Maria da Luz foi quando nasceu seu quinto e último filho. No espaço de saúde em que pariu, seu filho foi sequestrado. Dona Maria da Luz estava muito doente, mas estava sã, entendia tudo o que estava acontecendo à sua volta. Uma enfermeira e uma mulher que demonstrava ter certo poder aquisitivo sequestraram seu filho da maternidade, logo após o nascimento. Dona Maria da Luz relata: “eu ouvia elas conversar sobre levar meu filho, elas estavam acreditando que eu iria morrer”, “quando melhorei voltei várias vezes no hospital e a enfermeira só falava que ele estava bem, e que a outra mulher tinha boa condição de vida”, “nunca esqueci do meu filho”, disse dona Maria da Paz com olhos d’água, que diziam de um misto de culpa, tristeza, revolta, sofrimento, dor, dor e dor. O negro vive historicamente essa vulnerabilidade de roubo, sequestro, separação e descarrilhamento de seu território de origem. Na diáspora, famílias negras continuam a vivenciar isso. As vulnerabilidades predispõem muitas mães negras a situações como essas. Muitas, inclusive, são forçadas pelo contexto social a entregar seus filhos para adoção, a fim de poderem buscar melhores condições de vida, seja através da maternagem dos filhos dos brancos, seja em outros trabalhos precarizados

Na travessia de Dona Maria da Paz foi possível identificar também o Odu de transição, que nos levou a compreensão dos processos que dona Maria passou para constituir a pessoa que ela é hoje. Dona Mariazinha tem uma forte relação com a espiritualidade, tem muito orgulho e amor pelo que vive, mas até começar seu deslocamento foi um processo de muito sofrimento e dúvida. Quando moça teve que sair de sua cidade natal, no interior de Piripiri, com seu primeiro filho ainda recém-nascido no colo, pois o avô paterno não aceitou a gravidez e disse que só aceitaria o casamento se ela abortasse. Em sua cabeça não existia opção, ela tinha decidido pelo seu filho e na primeira oportunidade, foi embora, se abrigou na casa de uma conhecida que momentos após o nascimento da criança, decidiram partir para cidade de Parnaíba, ainda com 18 anos de idade para trabalhar na casa de uma família que a aceitou, junto com seu filho, entretanto não receberia nenhuma ajuda financeira. Trabalhava em troca de abrigo e comida. Depois de alguns anos ela se “juntou” com um rapaz, pai dos seus outros quatro filhos. Era um relacionamento conturbado. Quando engravidou do 5º e último filho, resolveu se separar, e foi embora para a casa de suas amigas. Dentre essas amigas, havia uma que a considerava como filha e sempre acolhia suas dores, de certa forma, era uma mulher espiritual, e que falou pela primeira vez sobre o caráter espiritual de dona Maria da Luz, mas de primeiro momento Maria não queria se aprofundar naquilo. Sua amiga lhe dizia que muitas coisas que ela enfrentava eram devido a um certo apelo espiritual para que ela trabalhasse melhor a sua fé nas espiritualidades de matrizes africanas. Ainda durante a gravidez do último filho, dona Maria da Luz passou a entender que o caráter espiritual era algo presente em muitas mulheres de sua família, como ela dizia, “eu sabia o que tinha que fazer, mas, ficava enrolando, ligava para a opinião do outro”, “tinha medo”. A virada de chave nesse processo de transição entre a negação da espiritualidade e a aceitação, foi quando passou pelo episódio de sequestro de seu filho caçula (o terceiro do sexo

masculino). Para enfrentar os longos períodos de buscas e encontrar acolhimento e conforto entrou no terreiro e estreitou seus laços com as pessoas daquele lugar e com sua ancestralidade. Dona Mariazinha passou por esse processo de transição atravessada pelo abandono, solidão, dor e sofrimento.

Na travessia de dona Mariazinha os odus de desconstrução e transformação estiveram lado a lado. No processo de desconstrução a transformação foi acontecendo. Com o tempo, dona Maria da Luz entendeu que sua demora em resgatar a sua espiritualidade africana, adentrando em um terreiro, foi devido ao preconceito da sociedade da época que é fortemente cristã. A cidade que ela habita vive a vangloriação de escravocrata e tem o cristianismo como religião fundante que discrimina as marcas das matrizes africanas.

Ela relata que o Pai Carlos teve um papel muito importante nesse processo de desconstrução e de transformação, pois ele a tratava como uma filha, ajudava não somente nas questões relacionadas à espiritualidade, mas em questões da vida pessoal, nos cuidados em relação aos seus filhos. Ela passou a entender o terreiro e as relações que estabelecia naquele espaço como a extensão da sua família e seus preconceitos foram se esvaindo. Ela contou inclusive que um de seus filhos, um homem adulto, apresenta distúrbio mental em decorrência de ter uma forte mediunidade, como ela disse: “andei por vários médicos, até que encontrei um que disse que meu filho era astral, já tinha visto ele algumas vezes em terreiros”, “e meu pai Carlos que me ajudou muito a cuidar de meu filho depois que soube que ele era astral”. Ele teve maiores complicações em sua saúde devido à falta de acompanhamento em relação a sua espiritualidade na hora certa (em sua infância), e teve somente cuidados biologicistas da saúde. Ela fala isso com um sentimento de culpa, pois relata que se soubesse antes poderia ter ajudado o filho dela a tempo, mas ficou tratando durante todo o processo como doença biológica e não como doença

espiritual. A sua comunidade de terreiro foi fundamental para que ela compreendesse os processos do filho, o que lhe ajudou muito a lidar com essas questões familiares. Ela traz em sua fala “minha neta é espiritual, ela ama sereia, ela começa a cantar músicas que nunca ouviu e quando pergunto que ensinou, ela fala que foi sua amiga sereia”, “ela também se assusta, fala que está com medo do que está vendo, ela ver uma criança com um vestido preto e vermelho e dentes afiados e sangue”, “se ela falasse isso pra outras pessoas poderiam achar que ela estava enlouquecendo, mas é normal, brinca, canta e dança, como qualquer outra criança” e também ela entende os desejos de sua neta de 8 anos em pegar suas saias e sair dançando pela casa.

Houve um tempo que ela se incomodava, tinha certo receio em dizer que era uma mulher de terreiro, mas, quando seus preconceitos foram se desfazendo, foi tomando coragem de enfrentar os olhares e julgamentos e fazer questão de não sucumbir e honrar sua espiritualidade e seus mestres. Esse processo de desconstrução e transformação foi importante para que ela inclusive caracterize os julgamentos da vizinhança como racismo que ela estava vivendo.

No que se refere ao Odu de Beleza/Estética/Encantamento há uma riqueza em significados nas diversas histórias contadas por Dona Mariazinha. O corpo-território de dona Maria da Luz aprendeu a ressignificar as dores e refletir quantos os mistérios da vida. Além da beleza e encantamento produzidos por outras vivências já citadas nesse trabalho, os maiores deslumbres ao ouvir Maria da Luz, eram as histórias de suas e seus mais velhas. Dona Maria da Luz conta que quando ela ainda era criança, morava com seus pais numa casinha dentro das terras de um fazendeiro, seu pai trabalhava cuidando da terra e dos animais e sua mãe trabalhava nos serviços domésticos na casa grande. Depois de muito tempo servindo à mesma família, o patrão faleceu e a mãe de dona Maria passou a não ter mais forças para trabalhar, foi adoecendo. Seu pai a levava para todo tipo de médico para tentar identificar o problema de saúde que a

acometia. Ela conta que sua mãe emagreceu muito, ficando seus membros na grossura de cabos de vassoura, até o batente da porta teve que ser retirado, pois nem levantar o pé pra passar ela não conseguia. Com o passar do tempo, um andarilho que passava próximo a sua casa com destino a Juazeiro, para pagar uma promessa, pediu abrigo em sua casa por uma noite para poder descansar da longa jornada que vinha fazendo a pé. O andarilho foi acolhido. Ele percebeu o que se passava debaixo daquele teto acolhedor, uma mulher muito doente e um marido desolado, visto que não podia mais fazer nada, pois os médicos já tinham dispensado as possibilidades de cura daquela mulher. Dona Mariazinha relata que mesmo com receio e temendo a reação da família, o andarilho disse que o problema da mãe de dona Maria era espiritual e que se eles quisessem, ele poderia ajudar, pois sabia algumas rezas, e poderia fazer um ritual para tentar entrar em contato com a “entidade” que estava causando aquilo. O pai de dona Mariazinha aceitou e ajeitou tudo que foi preciso para o ritual: usaram uma mesa grande da casa para deitar a sua mãe, com um lençol branco sobre ela e algumas velas. O andarilho rezou bastante sobre a mulher e de forma inesperada o espírito que estava agindo sobre sua mãe se apresentou, falou quem era e o que queria. Era o seu falecido patrão, um homem muito ganancioso, que dizia que estava se utilizando dela, porque ela era dele, ele tinha a posse dela. Relatou que precisava de ajuda. Disse que tinha uma botija cheia de dinheiro que ele tinha enterrado no canteiro de sua fazenda, e que precisava que a encontrassem, caso contrário mataria aquela mulher. Seu marido ficou assustado e angustiado com toda aquela situação, na mesma noite se dirigiu até a casa grande para falar com a viúva e pedir autorização para procurar. A viúva mesmo desacreditando acabou cedendo. Ele cavou em vários locais, até que encontrou uma grande botija e entregou para a viúva, que ficou muito surpresa frente ao acontecido. Após encontrar, dona Mariazinha conta que sua mãe automaticamente mudou o semblante. Demonstrava alívio, o espírito tinha ido

embora. Dias após o acontecido o andarilho pegou o rumo para Juazeiro para chegar a tempo do festejo de São Francisco. Dona Maria da Luz acompanhou todo esse processo de sua família. Apenas com a maturidade foi entendendo o caráter mediúnico e espiritual que rondava sua família e o quanto era necessário se cuidar e se proteger.

Outro momento rico em marcadores das africanidades, são as lendas que ela conta. Dona Maria da Luz apresentou uma situação que marcou muito a vida de seu pai, quando recém-casado com sua mãe. Ele trabalhava numa casa de farinha e geralmente chegava antes do anoitecer. Certo dia ele decidiu adiantar o serviço e só voltou para sua casa um pouco antes da meia noite. No caminho, carregando farinha numa saca sobre suas costas, ouviu um grito estridente que se aproximava. Mesmo andando mais rápido, o grito não se distanciava, estava cada vez mais próximo. Tentou se esconder em meio aos arbustos, ficou agachado, esperando passar. Até que foi surpreendido com o grito ainda mais estridente no pé do seu ouvido. Ela conta que ele relatou que o grito foi tão alto que sentiu o chão tremer, ficou desorientado e tonto. Ele saiu correndo em disparada até a sua casa, chegando no batente da porta só deu tempo de largar a saca com farinha no chão, bater na porta, e desmaiou. Dona Mariazinha relata que sua mãe, assustada com aquilo, buscou de imediato colocar seu esposo pra dentro da casa, fechou a porta, correu e queimou um bilotinho da varanda da rede e colocou a fumaça próximo ao nariz dele, para que acordasse. Quando acordou estava muito amedrontado e contou tudo pra ela. Ela disse que era o gritador<sup>80</sup> que estava atrás dele. Depois desse dia, ele nunca mais teve coragem de voltar tarde dos engenhos de farinha.

---

<sup>80</sup> O gritador – é considerado uma lenda em muitas cidades no Nordeste. Existem diversas histórias sobre a sua origem, mas a mais tradicional é referente à penitência de uma alma de um jovem muito ruim que foi condenado a gritar pelas noites. Fonte: <https://causosassustadoresdopiaui.wordpress.com/2017/03/19/o-gritador/>

Outra situação que seu pai passou, foi o encontro com um lobisomem, novamente quando andava pelas ruas. Ele contou pra Maria da Luz que esse lobisomem tinha a forma de um barrão (porco grande), que veio para o rumo dele, e ficava tentando saltar inúmeras vezes por cima dele. Como ele era um homem conhecedor das histórias que o povo contava naquela época, percebeu que o propósito do animal era o transformar em lobisomem e quebrar o encanto que estava enfrentando. Assim, ele buscou se defender, usou uma tática que aprendeu de como irritar um lobisomem, a fim de o apunhalar. Ele pegou o seu chapéu, colocava e tirava da cabeça a todo momento, até que aproveitou mais uma aproximação e lhe riscou a faca na região do tórax, e assim o animal saiu louco de dor mata adentro. Dias depois lhe chegou a notícia de um homem morador de uma comunidade próxima estava muito doente, estava com um profundo corte na região do abdômen e algumas pessoas já suspeitavam que ele era um lobisomem. Imediatamente ele teve certeza que aquele rapaz que se encontrava doente, era o lobisomem que o atacou e que ele estava querendo encontrar alguém para se libertar daquilo que lhe parecia uma maldição.

As várias histórias trazidas por Dona Mariazinha refletiam a beleza e o potência da oralidade e dos ensinamentos e marcadores das africanidades que a mesma carrega.

Ao longo de sua vida, dona Maria da Luz o Odu de Natureza foi se delineando, ela foi aprendendo com suas mais velhas saberes para o uso dos elementos da natureza, fazendo desde chás, rezas e banhos. Dona Mariazinha sabe muitas rezas e banhos, entretanto relata que ainda se sente desconfortável em rezar, pois as mesmas pessoas que precisam de suas rezas, são as que a discriminam por seus saberes. Ela relata que já foi chamada algumas vezes para rezar na filha de sua vizinha que é usuária de droga, e que a mesma já lhe lançou ofensas verbais, lhe olha com desprezo e maltrata os animais. Maria fala “quando me pede ajuda eu vou lá e rezo, não nego ajuda pra ninguém, era pra filha dela, mas essa mulher é muito ruim, tá ouvindo? É o cachorro

dela, passa o dia chorando e ela bate muito no coitado”. Maria tem muitas ervas em sua casa. Ela relata que pega suas plantinhas, faz o preparado e leva pra passar na pessoa que pediu por sua ajuda. Ela se diz regida por Oxóssi, o rei das matas, e que por isso é íntima dos elementos da natureza, reconhece cada erva que nasce em seu bairro. Demonstrou ter uma forte ligação com minerais rochosos (pedras), e que tem o costume de colher em suas caminhadas e(ou) viagem pedras que lhe chamam atenção. O seu amor às pedras a faz lembrar sempre de Xangô. A relação dela com a natureza, seja os animais que cuida com muito apreço e carinho, seja as pedras, ou as plantas, estabelece fortes marcadores de suas raízes ancestrais africanas.

O Odu de Espaço vivenciado por dona Maria da Luz é repleto de medos e encantamentos. Uma mulher que gesta e cuida da sua família e de sua comunidade. Atualmente ela vivencia forte tensão em seu território, devido aos índices alarmantes de violência na sua comunidade, ela relata que andar pela comunidade é sempre um desafio, pois a guerra entre facções tem retirado sua liberdade, então o medo tem sido um companheiro fiel.

Antes desse cenário se instalar, dona Maria da Luz relata que já caminhou por muitos lugares e todos estes ela grava na memória com riqueza de detalhes, sabe muito bem de onde veio e para onde quer ir. Atualmente, quando é possível ainda faz visitas nas tendas e terreiros de amigos, que é onde ela ainda se mobiliza para ir mesmo diante do cenário de violência. Ela relata que os terreiros que começou a frequentar se acabaram à medida que seus líderes morriam, e que a partida dos seus mais velhos lhe deixa muito triste, pois o terreiro é sempre o seu refúgio, abrigo e família.

O Odu tempo no experienciar de dona Maria da Luz a transformou num corpo que ensina seus familiares, amigos e comunidade. Mulher negra que vive a ancestralidade e uma ancestral viva para seus familiares, visto a sabedoria que carrega no cuidado dos seus e da sua

comunidade. Sabedoria acumulada ao longo de sua caminhada de dor e alegria. Ela não é um corpo único, mas há toda uma comunidade em dona Maria da Luz. É um corpo-território rico em saberes adquiridos a partir da sua relação com os mais velhos, sua comunidade de terreiro, sua comunidade e sua ancestralidade.

### **Seu José**

O Odu de Origem na história de vida do seu José parte na caracterização de seu corpo-território, um homem negro de origem humilde, que mora embaixo de uma escada de um porto pesqueiro. Seu José é muito observador do tempo e dos acontecimentos em seu território. Em uma de minhas andanças pelo bairro, resolvi descer para o cais na beira do Rio Igarapu, para ver os barcos chegando carregados de peixes. Nesse dia reparei um homem que subia e descia as rampas de madeiras transportando os peixes dos barcos para o local onde seriam pesados e vendidos para os donos de lojas de pescados. Era Seu José, um pescador, que possui um pequeno barco, já foi casado e teve casa própria, mas as desavenças em seu relacionamento o fizeram escolher vender sua antiga casa para ceder o dinheiro para a sua primeira esposa. De pouca vaidade, anda geralmente com uma bermuda e descalço, vaidade quebrada somente pelos vários anéis que usa nos dedos das mãos. Desde criança teve que enfrentar a fome, a miséria, e desde cedo aprendeu habilidades e esperteza para fazer amizade, se alimentar e sobreviver. Devido à extrema pobreza que lhe acompanha desde sua infância, ele relata que não tinha brinquedos, gostava de passar o tempo caçando passarinho na mata pra comer, sua caça não era pra diversão, era pra sobreviver.

Seu José me oportunizou conhecer sua infância na comunidade e também um pouco da sua relação com as suas mais velhas (mãe e madrinha), mulheres de terreiro.

O Odu de transição na vida de seu José, se dá justamente nesse espaço com suas mais velhas. Ele praticamente nasceu em um terreiro. A casa de sua família era dentro de um terreiro de terecô de suas mais velhas. Seu José aponta que apesar de na sua infância e juventude gostar muito de acompanhar todas as movimentações da sua comunidade de terreiro, atualmente não frequenta terreiros. Lembra com nostalgia os bons momentos vividos naquele espaço, como fazer pipoca para as crianças, tocar tambor e acompanhar as suas mais velhas em outros terreiros para baixar. No entanto, a transição em seu José se dá no afastamento em relação a este espaço que sempre foi de pertencimento, pois relata que atualmente tem certo desconforto em frequentar outros terreiros, pois além da distância (se localizam em outros bairros), relata a perda dos modos tradicionais e simplicidade nos terreiros e o medo da violência que toma conta da cidade, e que invade também esses espaços. Esse medo foi reforçado pela perda prematura de um rapaz que o considerava como amigo, como ele disse “mataram o rapaz, ele era bom, ele morreu com o tambor que estava tocando no terreiro”, complementou “ele gostava de ler e conhecer cada vez sobre macumba”, “ele vivia me chamando, mas, não quero mais não”. O Odu de transição em sua vivência é regado pelo instinto de sobrevivência, se afastar de seu território de pertencimento (o terreiro) foi a forma que encontrou de se manter vivo.

Identificamos o Odu de Desconstrução e transformação na vida do Seu José, na relação de presença/afeto no que diz respeito a sua religião e/ou espiritualidade, na relação com a escola de samba que fazia parte, na compreensão descolonizada acerca do racismo que acomete o negro na sua comunidade. Apesar de não se fazer mais presente no seu espaço de pertencimento, pelos inúmeros motivos listados, ele falou “não vou mentir, gosto do terecô”. Falou com firmeza, enquanto deitado em cima de muitas redes de pesca, parecia que estava deitado num divã enquanto conversava comigo. “Só falo pra quem me pergunta”. Em seu entendimento, a

sociedade é muito perversa e não frequentam os terreiros por preconceitos, e esse não era o seu caso. Ele relata que os que ele gostava de frequentar se acabaram com o tempo, os líderes que eram presentes no bairro já morreram e a atual violência que assola a comunidade lhe desestimula a andar à noite pela cidade para estar onde gosta. Ele diz: “hoje é filho matando pai, é pai matando filho, irmão matando irmão, aí vai”. “Antigamente não existia isso, hoje filho não quer respeitar pai, não quer tomar a bênção, digo pelos meus, ficam brigando. Queria ter minha mãe e meu pai para tomar a bênção deles. Mas, não tenho mais!”. Demonstra a saudade que sente dos seus pais.

Na caminhada de seu José ele entende que na sua comunidade existem muitas pessoas carentes, sendo ele uma delas. Mesmo diante das dificuldades financeiras que passa, que ele busca com certa ironia expressar sua realidade sem dor, ou adoecimento frente a ela, é sua estratégia de sobreviver. Em tom de ironia falou “antigamente o povo tinha tanto dinheiro, que faltava sacola pra colocar tanto dinheiro”, “hoje tem muita gente pobre, mas antigamente era muito pior”, ele e outras pessoas carentes tem buscando estratégias pra sobreviver. Ele relata: “tem muito racismo por aqui”, “já me chamaram de nego, mas vou ficar com raiva? Não, eu sou nego mesmo”. Seu José, entende sobre a realidade de um povo marginalizado pela sociedade e que as dificuldades são grandes, mas não vão paralisá-lo. Ele deixou de ir ao terreiro, à escola de samba que fazia parte (tocava bateria), mas não como uma forma de afastar de suas raízes, e sim como mais uma estratégia de sobrevivência, pois pessoas negras são os principais alvos de assassinatos, tiros, perseguições diante da violência que assola o bairro. Em Conceição Evaristo, seu José combinou de não morrer. Aí reside a sua desconstrução e transformação em meio a sua realidade social. O Odu de Beleza/Estética/Encantamento se dá na existência de seu José. A poesia se dá na imagem que fica na memória de quem olha para aquele homem negro, pescador

que mora em um porto pesqueiro, que anda descalço, sem camisa, grandes anéis de metal adornando os dedos e tem o sorriso sempre estampado em seu rosto.

Pescador de longas datas, sempre que precisa pega seu barco, leva sua rede de pesca e um tanto de serrana, bebida essa mais usada como remédio para tratar algum eventual acidente ocasionada por esporada de peixe ou arraia. A serrana serve para aquecer em dias frios e para encorajar no enfrentamento do velho rio de águas barrentas.

Muito silencioso e aparentemente calmo, ele se movimenta aos ritmos do bairro, da sua realidade social. Fala com muito encantamento sobre as escolas de samba, muitas escolas passaram pelo bairro, aproveitou o máximo que pode, participou da bateria e acompanhou muitos ensaios, que estrategicamente acontecem ao lado de sua morada. Com o tempo, as necessidades financeiras o fizeram deixar de fazer parte da bateria para trabalhar no carnaval vendendo bebidas e ter sua fonte de renda, mas depois a violência do bairro o fez ficar só ali mesmo em seu porto pesqueiro, para garantir que estivesse vivo no dia seguinte, acordando cedo e aguardando a chegada das embarcações com os pescados, sua fonte de renda. No Odu de natureza, Seu José acaba por ter uma vista privilegiada da natureza, pois mora no porto pesqueiro, o rio é seu companheiro de longas datas. Seu José reconhece que suas mais velhas eram mulheres muito sábias, sabiam muito do potencial terapêutico das plantas, mas ele não preservou essa herança, disse que suas mais velhas eram mulheres sábias, dominavam muito bem essa tecnologia de cuidado, mas como ele afirma “hoje na farmácia tem qualquer remédio”.

No Odu de Espaço o território vivenciado por seu José é por onde seu corpo atravessa e guarda vivências e aventuras, conversa com os amigos mais antigos do bairro, os ensaios de escolas de samba, aos conhecidos movimentos da rua dos barqueiros, popularmente conhecida como Munguba e da contemplação do Rio Igarapé. Seu José reconhece que é um corpo limitado

pelas violências da cidade. Seu José traz conhecimentos perdidos e apagados pela história do bairro e da cidade. Relata sobre alguns terreiros que existiam no bairro. Como o terreiro de São Sebastião de sua madrinha, mãe Letícia, o terreiro de Nossa Senhora da Conceição de mãe Bernarda Reis e o terreiro da Boca Rica. Todos os três terreiros se localizavam na atual rua Coronel Pacífico no bairro São José. Atualmente não existem mais esses terreiros, suas lideranças faleceram e suas histórias foram quase que totalmente apagadas.

Seu José se acostumou com os movimentos da comunidade, como exemplo o auge da movimentação da rua dos barqueiros, rua que antigamente movimentava o comércio da cidade, onde se vendia e comprava. Ele também acompanhou o auge da movimentação do famoso cabaré da munguba, espaço de muita boemia, com o tempo a rua passou a se chamar rua dos barqueiros, devido à grande presença destes no espaço. A rua das Munguba era quase parada obrigatória para os porcos d'água/vareiros, que segundo seu José eram homens que trabalhavam no transporte de bens e insumos que abastecia várias regiões ao longo do curso do rio. “Atualmente é tudo diferente, me recolho cedo e fico esperando os barcos chegar”.

### **Discussão**

No entendimento do viver como sabedoria de viver o que se conhece Eduardo Oliveira (2007), viver requer transitar entre o centro e as margens da vida, do espaço e do que entendemos desse meio, e para problematizar os motivos de existir corpos marginais, onde nem sempre são conhecidos pela comunidade em geral, uma vez que existe a imposição ao conhecimento de narrativas brancas que pouco conversa com nossas realidades, nossos territórios e nossas experiências. O modelo ocidental que segue um plano da imposição de um modelo

único de leitura de mundo, das pessoas, e quem merece evidência e sobre aqueles que são invisíveis.

Parnaíba, não distante da lógica eurocêntrica das padronizações e dominações e controle dos corpos, implantou desde a sua fundação como cidade ou mesmo vila (Vila de São João da Parnaíba) os modos ocidentais de viver, por meio da exploração das riquezas locais, apagamento e controle de corpos não brancos, assim como a aplicação dos seus modos de fazer ciência, no qual tinha o outro como objeto em suas considerações metodológicas brancas. Neste estudo podemos fazer uso de metodologia afrorreferenciadas, como a metodologia dos Odus e ter como instrumentos de identificação das marcas deixadas pelas ancestralidades negras.

Trazer as vivências de dona Maria da Luz e seu José é muito importante para mostrar a história de pessoas, antes invisibilizadas, que vivem numa comunidade periférica da cidade de Parnaíba. Nas duas narrativas foi possível conhecer as suas vivências e experiências num território negro e um pouco dos passos realizados por suas ancestralidades, que foram importantes para entender as suas dinâmicas de vida na atualidade.

Nos lançamos nessa escrita em registrar o nosso caminhar pelas vivências no território de Maria da Luz e seu José, devido a uma forte presença dos Marcadores das Africanidades em suas vidas (história do lugar de pertencimento; história da minha linhagem; pessoas de referências da infância; negritude; racismo; relações com a natureza; etc.) e devido à possibilidade de realização dessa caminhada em meio aos Odus em suas vidas. Os Odus por ser um método afrorreferenciado que condiz com as realidades negras em território, potencializou a realização desta caminhada. A liberdade de construção dessa metodologia permite ser criada de forma livre, considerando o olhar daquele que observa e vive a experiência, isto é, todos os saberes experienciados ao longo da caminhada são válidos, não se prendem à padronização, é livre e

criativa. Tal liberdade permitiu entender as caminhadas de dona Maria da Luz e sua jornada até se tornar uma mulher de terreiro e os seus significados e valores que aplica em seu cotidiano e também o cuidado que ela tem com os seus, uma mulher que gesta e cuida dos seus familiares. Já seu José, homem que resiste às dificuldades diárias, que entende o movimento de seu território desde criança andando com suas mais velhas, acompanhando os antigos alvoroços da rua dos barqueiros e atualmente se recolhendo mais cedo, devido a intensidade do tráfico de drogas na região. As vivências das(os) participantes desse estudo permite observar seu carácter transtemporal e de como suas ligações seguem o carácter de respeito aos seus mais velhos, isto é, daqueles que o antecederam (Aza Njeri, 2020). Fu Kiau (2015) já apontava em seus estudos a relação existente entre a ancestralidade e seu valor afro civilizatório que entende o ser enquanto força. Observou-se nas vivências dos protagonistas a participação e ação da irmandade feminina no cuidado e proteção dos seus, as relações de solidariedades do ontem e do hoje no cuidar, orientar e permitir a continuidade dos ensinamentos. Anin Urase (2019) chama esse movimento de irmandade genuína. Adilbênia Machado (2019) visualiza esse movimento de cuidado ancestral dos seus, ao formato de uma teia de aranha, representada pelas suas ligações ao símbolo adinkra *Ananse*<sup>81</sup>, ligações que marcaram e marcam suas linhagens por meio do cuidado, amor e da dor. Apesar das dores compartilhadas, a solidariedade entre as mulheres negras convoca a responsabilidade do cuidado para promoção de cura individual e comunitária, pois quando mulheres negras se movimentam em busca da auto cura todo seu quilombo se move com ela (Aza Njeri, 2020). Assim consideramos as existências e resistências dos participantes em especial em dona Maria da Luz em consonância com os valores culturais africanos pontuados por

---

<sup>81</sup> Ananse: É um elemento da tradição africano Adinkra, significa criatividade, sabedoria e complexidades da natureza. Machado (2019) inspirada na *ananse* considera a possibilidade de sabedoria se este for compartilhado para todas as pessoas, sem restrição de idade, origem, gênero, etc.

Maulana Karenga (2003) que são os seguintes: a) a centralidade da comunidade; b) o respeito à tradição; c) o alto nível de espiritualidade e envolvimento ético; d) a harmonia com a natureza; e) natureza social da identidade individual; f) a veneração dos ancestrais; g) unidade do ser. Assim, consideramos nesta visão o que Ama Mazama (2019) entende por afrocentricidade, como toda a experiência social e cultural africana na vida da pessoa.

Certos que este estudo abre possibilidades para conhecermos bem mais o território e problematizar esse movimento que vem levando ao apagamento dos terreiros na comunidade, assim, como aprofundarmos bem mais os Marcadores das africanidades. É certo que o território foi muito importante para o desenvolvimento econômico da cidade de Parnaíba em outros tempos, mas devido a sua localização mais periférica e um passado que envolvia também muita carência, prostituição e brigas a dita sociedade parnaibana cuida de não preservar suas memórias e estruturas de algumas ruas, em especial a rua dos barqueiros, mais popularmente conhecida como rua da Munguba. Fato curioso ao nome da feira presente na comunidade “*Mercado da 40*” que é referente ao valor cobrado pelos serviços das antigas prostitutas que haviam no local.

Seu José é um corpo negro invisibilizado que denuncia o descaso dos corpos de cor naquele território. Desde a sua infância seguia o movimento da sobrevivência que começou uma luta em resistir diante da miséria que ele e muitos eram deixados. Mas, atualmente, somado à pobreza, teme as ações da violência e crescimento das drogas na comunidade. A violência, a vulnerabilidade e o racismo estrutural Almeida (2019) que habita esses espaços, falam muito da necropolítica Achille Mbembe (2019) que as sujeita corpos negros a serem deixados morrer, desamparados pelo poder público.

Assim, a metodologia dos Odus, permite seguirmos os passos vividos nas pessoas negras tanto de forma individual, como as realizadas nas vivências de Maria da Luz e José, como

também adentrar nossa visão aos seus universos coletivos e ver a partir dos seus olhares suas compreensões ao longo do tempo nos espaços. Os Marcadores das Africanidades se fizeram presentes em suas vidas, como a relação com os seus mais velhos, a relação de respeito que tem e tiveram aos que partiram, mas também trazem as mudanças que percebem na atualidade. Dona Maria da Luz uma mulher sábia, mas também reconhece que muita sabedoria se deve também ao que aprendeu ao já falecido pai Carlos (Pai de Santo), aquele que cuidou dela no processo de se tornar uma mulher de terreiro e regida por Oxóssi, neste ponto temos nos saberes africanos que os mais velhos são como bibliotecas vivas, pois detém muito saber e quando um morre e como se uma biblioteca se acabasse. Seu José também reconhece a grande sabedoria de suas mais velhas, grandes conhecedoras da vida e das matrizes africanas, sabiam ler o mundo e os elementos da natureza, mas junto com elas morreram muitos saberes.

Contudo essa dissertação vem permitindo conhecer pessoas com muita sabedoria sobre as movimentações daquele território e entender onde ficaram realocados os indesejados da sociedade parnaibana. Também são enredos de vida que denunciam as diversas situações deixadas de lado pelo poder público, mas que chamou muita atenção foi o movimento de sequestros de bebês recém-nascidos em instituições de saúde da cidade, um tanto silenciado. Seu José também pontuou que algumas parteiras eram temidas no bairro, pois estas sabiam onde tinham crianças prestes a nascer e onde tinham crianças novas, e por alguns trocados atuavam às escondidas buscando atender os interesses de pessoas da dita sociedade parnaibana e de outros locais.

Como pesquisadora, muitas vezes pude perceber o *olhar do entr - meios*, o olhar híbrido, ao permitir perceber e considerar detalhes das experiências, as memórias, e suas resistências e (re)existências, diante de todas as formas de apagamento e silenciamento. Como me entendo

como uma mulher negra, periférica e por muitas vezes estive em situações de vulnerabilidade, pude entender o que aqueles participantes me contava, lembrava a todo momento das minhas vivências que tive com minhas mais velhas e perceber que nossas caminhadas têm encruzilhadas, assim como presentes naquela parte do centro da cidade de Parnaíba – PI.

Tais métodos que falam sobre os nossos, vão de encontro ao que Conceição Evaristo (2005) pontuou em seus escritos sobre como nossas histórias não devem ser contadas para ninar os da casa grande, mas incomodá-los em seus sonhos injustos. Permitindo com isso questionar e incomodar as estruturas de construção de saberes, que por muito tempo, considerava um enredo branco, racista e de apagamento dos nossos modos de existir, pois uma verdade de acordo com Audre Lorde (2013) é que “as ferramentas do mestre não irão dismantelar a casa do mestre”, pois elas até podem de forma momentânea ajudar, mas nunca permitirão uma mudança total.

### **Considerações Finais**

Somos resultados de nossas experiências, escutas e lugares por onde caminhamos por nossos territórios e pensar saberes partindo de nossas realidades é capaz de gerar encantos partindo de nós, pessoas negras. O saber das periferias é necessário e posicionamentos em problematizar o que foi imposto é necessário, pois em nosso espaço de diáspora os resgates de nossas raízes ancestrais africanas precisam ser reerguidas e apresentadas como princípios de resistência e (re)existências nos espaços.

Este estudo abre possibilidades para reescrever narrativas de territórios periféricos a partir das protagonizações daqueles que antes eram objetos dos modos metodológicos brancos e ocidentais. Tais métodos aforreferenciado é aberto a aplicação da(o) pesquisadora(or), que acontece no momento que nos inserimos nos espaços, é livre, é sensível a percepção das

problemáticas de onde a grande maioria de seus moradores, descendem de pessoas negras e indígenas, corpos estes que foram exterminados e escravizados pelos primeiros brancos colonos da região e após a “libertação” de seus corpos, foram deixados na periferia, mas não muito longe, para que seguissem servindo a branquitude.

Assim, os Odus foram efetivo para a compreensão e aprofundamento de vida dos participantes e permitiu a interação da pesquisadora em resgatar suas memórias e traçar relações de identificação com aquelas vivências.

## Referências<sup>82</sup>

- Almeida, Silvio (2019). *Racismo estrutural*. Pólen Produção Editorial LTDA.
- Cavalcante, F. F. G., Gomes, A. C. N., Nogueira, F. R. D. A., Farias, J. L. M. D., Pinheiro, J. M. R., Albuquerque, E. V. D., ... & Gomide, M. (2005). *Estudo sobre os riscos da profissão de estivador do Porto do Mucuripe em Fortaleza. Ciência & Saúde Coletiva, 10*, 101-110.
- Evaristo, Conceição. (2005). *Da grafia-desenho de Minha Mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*. Depoimento apresentado na Mesa de Escritoras Afro - brasileiras; XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura, Rio de Janeiro. <<http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>>.
- Karenga, Maulana (2003). Afrocentricity and multicultural education. In: MAZAMA, Ama (org.). *The afrocentric paradigm*. Trenton: África World Press.
- Lorde, Audre (2013). *Mulheres Negras: As ferramentas do mestre nunca irão desmantelar a casa do mestre*. Tradução de Renata. Conferência do New York University Institute for the Humanities, 1979. Geledés, 10 jul. 2013. <https://www.geledes.org.br/mulheresnegras-as-ferramentas-do-mestre-nunca-irao-desmantelar-a-casa-do-mestre/>. Acesso em 15 de março de 2023.
- Petit, Sandra H. (2019). *Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral Africana na formação de professoras e professores - Contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/2003*. 2.ed. Belo Horizonte: Nandyala.

---

<sup>82</sup> Consideramos fazer uso dos nomes e sobrenome das/os autoras como uma forma de trazer de forma proposital uma maior visibilidade para as autoras negras em especial mulheres, uma vez que a forma tradicional segue normativas que privilegiam o sexo masculino.

- Petit, Sandra H. (2015). *Pretagogia: pertencimento, corpo-dança, afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores - contribuições do legado africano para implementação da Lei nº 10.639/03*. 1. ed. Fortaleza: Ed. UECE.
- Machado, Adilbênia Freire (2019). *Filosofia Africana: Ética de Cuidado e de Pertencimento ou uma Poética de Encantamento*. *Problemata: R. Intern. Fil.* V. 10. n. 2 (2019), p. 56-75  
ISSN 2236-8612doi:<http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v10i2.49118>.  
<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/49118>
- Machado, Adilbênia Freire. (2019). *ODUS: Filosofia Africana para uma metodologia afrorreferenciada*.  
[https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39952/html\\_1#:~:text=Trata%2Dse%20de%20uma%20metodologia.e%20saberes%20africanos%20e%20afrodescendentes](https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39952/html_1#:~:text=Trata%2Dse%20de%20uma%20metodologia.e%20saberes%20africanos%20e%20afrodescendentes).
- Machado, Adilbênia Freire (2014). *Ancestralidade e Encantamento: filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira*. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/16155>
- Mbembe, Achille (2018). *Necropolítica*. 1 ed. N-1 Edições. ISBN 978-85-6694-350-4
- Moore, Carlos (2012). *Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Nandyala.
- Nascimento, Wanderson Flor [Katiúcia Ribeiro]. (03 de abr. 2020). *Matrigestão e Matripotência como dimensões políticas: Katiúscia Ribeiro e Wanderson F. Nascimento*. YouTube.  
[youtube.com/watch?v=sfO-5BlfK8A](https://www.youtube.com/watch?v=sfO-5BlfK8A)
- Njeri, Aza (2019). *Educação Afrocêntrica como via de Luta Antirracista e Sobrevivência na Maafa*. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE*. Número 31: mai.-out./2019, p. 4-17. DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28253>
- Passos, Caio (1982). *Cada Rua - Sua História*. Parnaíba. Imprensa Oficial do Ceará–IOCE.

Oliveira, Eduardo David de (2007). *Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira*. Curitiba: Editora Gráfica Popular.

Oyěwùmí, Oyèrónké. (2020). Matripotência: iyá nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas [iorubás]. [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%C3%A9%20iy%C3%A1%20nos%20conceitos%20filos%C3%B3ficos%20e%20institui%C3%A7%C3%B5es%20sociopol%C3%ADticas%20\[iorub%C3%A1s\].pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%C3%A9%20iy%C3%A1%20nos%20conceitos%20filos%C3%B3ficos%20e%20institui%C3%A7%C3%B5es%20sociopol%C3%ADticas%20[iorub%C3%A1s].pdf). Acessado em, 25(04).

### **Considerações nutridas pelos caminhos**

A valorização das oralidades das pessoas negras é um ato de resgate e empoderamento de suas histórias e culturas. Durante séculos, a história das populações negras foi frequentemente negligenciada ou distorcida em favor de narrativas eurocêntricas. Ao reconhecer e respeitar a tradição oral como uma forma legítima de transmitir conhecimentos e experiências, estamos promovendo a diversidade cultural e dando voz a essas comunidades historicamente marginalizadas. Através da valorização das oralidades, é possível resgatar a história e cultura. A tradição oral é uma fonte rica de histórias, vivências, mitos, lendas e conhecimentos transmitidos de geração em geração. Ao valorizá-la, estamos reconstruindo e preservando a história e a cultura das comunidades negras e permitindo acessarmos encruzilhadas e enraizamentos.

Cada pessoa carrega consigo uma história coletiva e valiosa, moldada por suas vivências, histórias, culturas e raízes. Ignorar ou esquecer essa história pode levar a um vazio existencial e uma sensação de desconexão com sua própria identidade e dificuldade de pertencimento.

Trabalhar com métodos que nos conectam às nossas agências africanas é uma abordagem essencial para falar sobre nosso povo negro de forma autônoma e genuína. Ao adotar uma perspectiva afrorreferenciada, podemos superar o viés eurocêntrico que historicamente negligenciou, distorceu ou apagou as vozes e experiências das comunidades negras. Ao utilizar métodos afrorreferenciados, buscamos reconhecer as raízes africanas, através do estudo de métodos que se originaram das culturas e tradições africanas, podemos reconectar nossos saberes ao nosso passado ancestral, valorizando nossas raízes e culturas.

Em meio a essa caminhada o aquilombamento representa a ideia de criar espaços de acolhimento, proteção e fortalecimento coletivo para a população negra. No contexto da saúde mental da população negra, o aquilombamento pode ser uma importante estratégia de promoção

da saúde mental. A promoção da saúde mental não se limita apenas a intervenções individuais, mas também abrange a criação de ambientes e estruturas sociais que proporcione com que as pessoas alcancem seu bem-estar psicológico e emocional. Algumas formas de promover a saúde mental da população negra através do aquilombamento pode incluir o fortalecimento da identidade cultural por meio da valorização e fortalecimento da identidade, história, cultura, estética e a conexão com a ancestralidade africana pode fornecer uma base sólida para a saúde mental das pessoas negras, criando um senso de pertencimento e orgulho negro.

A presença e percepção das pessoas negras na psicologia tradicional nem sempre têm sido adequadas ou representativas. Historicamente, a psicologia tradicional, assim como muitas outras formações na academia, foi influenciada por um viés eurocêntrico, que muitas vezes ignorou ou negligenciou as experiências, culturas e perspectivas das comunidades negras, corroborando com racismo estrutural, dentre tantas outras formas de violência. Alguns dos problemas mais comuns na percepção da pessoa negra na psicologia tradicional incluem estereótipos e preconceitos, consequentemente levando a sua objetificação. A pessoa negra frequentemente foi retratada em estereótipos negativos, como agressivos, inferiores ou incapazes. Esses estereótipos podem influenciar a forma como as pessoas negras são percebidas e tratadas no contexto psicológico e social. Outra problemática que pode afetar as pessoas negras é a falta de representatividade em seu meio, restando muitas vezes as protagonizações de cor branca, como na literatura ou mesmo em espaços ditos de poder.

Absolutamente, o aprofundamento das vivências e do conhecimento da história do povo negro é de extrema importância para a construção de narrativas nossas e pensar nossas metodologias como as Encruzilhadas do Enraizamento que é uma peça fundamental para pensarmos nossas várias possibilidades de caminhos e entender nossas ancestralidades, além de

ser uma ferramenta pautadas em nossas agências que vai permitir pensar nossas relações, conexões e desenvolvimento humano.

Por tanto, a Encruzilhada do Enraizamento como proposta afrorreferenciada surgiu a partir nas análises dos Marcadores das Africanidades e do reconhecimento dos Odu na periferia da cidade de Parnaíba. Com isso tais métodos atuaram de formas complementares e corroboraram para se pesar na Encruzilhada do Enraizamento. Tais corroborações de métodos e análises foram importantes para conecta as vivências negras e ao mesmo tempo escancarar a herança do racismo em nossa sociedade que destina as pessoas negras condições de vulnerabilidades e exclusão.

